

DIRETRIZES



**O TRABALHADOR BRASILEIRO
REPUDIÁ O NAZI-NIPO-FASCISMO**



**AFIRMA O CORONEL
SILVESTRE PERICLES DE GO' S MONTEIRO,
PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DO TRABALHO**

REVISTA SEMANAL — ANO V — N.º 117 — SETEMBRO, 24, 1942 — RIO DE JANEIRO

CONTRA O TERRORISMO NAZISTA

DEVEM-SE COLOCAR TODOS OS ESCRITORES BRASILEIROS, NA POSIÇÃO DE COMBATENTES DE PRIMEIRA LINHA



José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, surgiram juntos na literatura, no período agudo das agitações sociais do Brasil. Eles acordaram os homens da cana do açúcar, das lavouras de cacau da Baía e despiram o ponche secular do gaúcho dos pampas, trazendo-os, todos, de olhos arregalados para aquela madrugada renovadora da nossa cultura.

Antes, porém, é verdade, já Graça Aranha havia anunciado grandes problemas sociais da América, os quais, sendo humanos, eram autenticamente continentais e, por isso mesmo, nitidamente brasileiros.

Eles construíram a "novela brasileira", essa novela que permanece única na América, em sentido humanístico. Surgiram em 1930 e continuaram trabalhando por si mesmos, sem influências absolutas, sozinhos e isolados, traçando numa direção definida o caminho para a renovação cultural que marchava paralela ao progresso econômico e social do País — até que as primeiras gotas do veneno nazi-fascista contaminaram a nossa gente, diluindo consciências e petrificando almas.

Por isso, nestes dias decisivos

para o futuro do Brasil é a eles, antes que a quaisquer outros pensadores e escritores nativos, que cabe falar para uma geração impregnada do que eles pensaram e escreveram — para essa mesma geração que, afinal, terá de defender a nossa Pátria e a cultura universal diante da agressão das criminosas hordas fascistas.

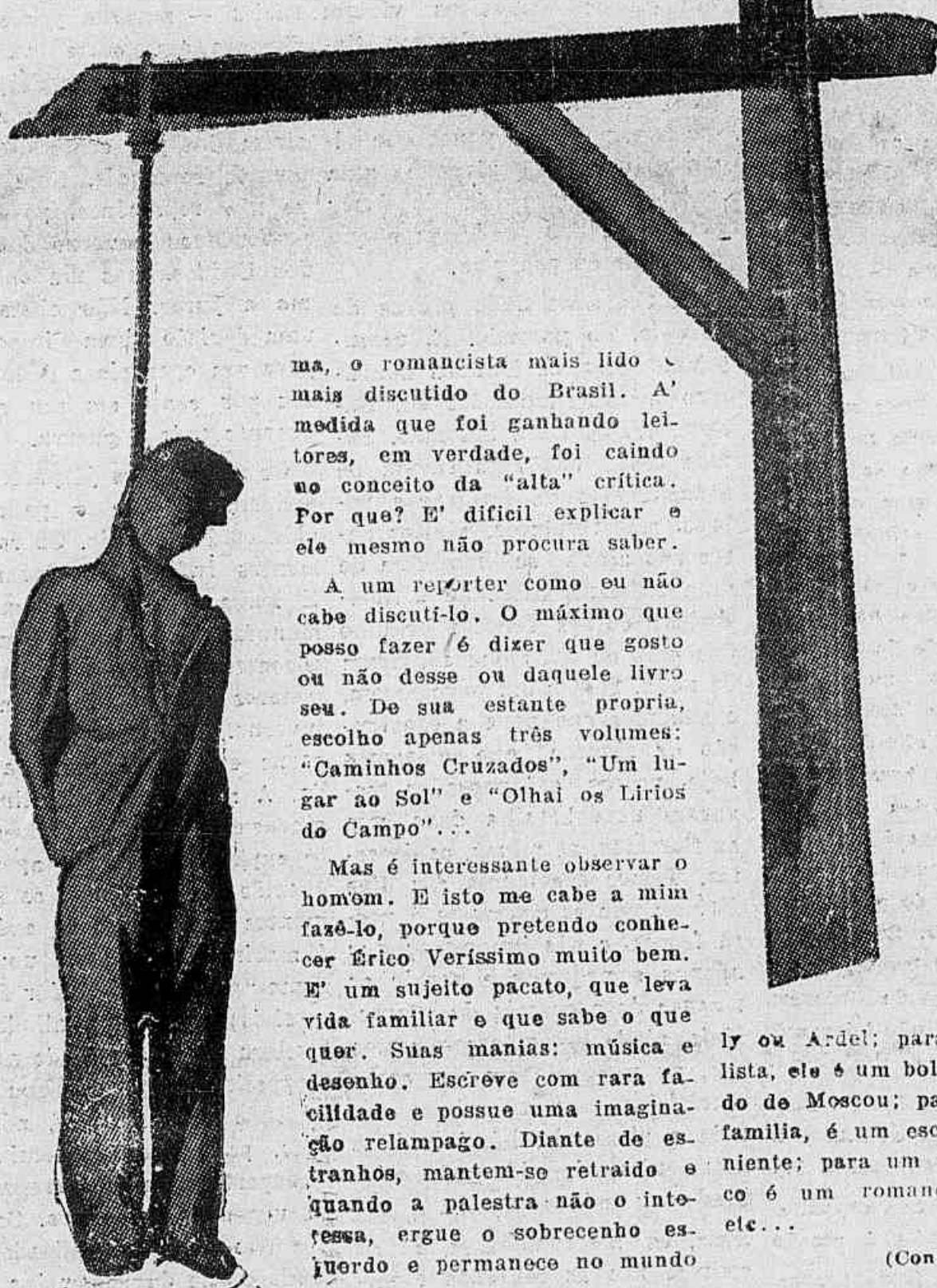
Érico Veríssimo não se nega a manifestar suas opiniões sobre este instante. Toda a sua obra, aliás, mesmo depois de 24 — quando o nazi-fascismo ergueu-se contra o mundo — continuou, como a de seus colegas, orientado-se por um sentido democrático. Seus livros sempre clamaram por esse espírito de tolerância e respeito pela liberdade individual.

Talvez não haja outra semelhança entre a obra de Érico Veríssimo e a dos demais escritores do seu tempo, do que esse sentido social e humano. Porque, literariamente falando, Érico afastou-se muito dos outros. Preferiu as criaturas à terra em que elas nasceram. Dissecou almas em vez de explorar apenas os ambientes.

E tornou-se, de qualquer for-

da lua. Jamais pede opiniões a quem quer que seja sobre os seus livros, mas escuta-as com prazer e procura tirar delas aquilo que lhe é aproveitável. Admite que todas as ações humanas tenham uma explicação racional e, por isso, raramente se zanga com alguém. É econômico em exclamações e pouco rítmico. Diz que não escreve por desejo de glória ou para ser aclamado, na rua, mas porque lhe agrada contar histórias e agitar problemas humanos e, quando ouve ou lê alguma coisa contra a sua literatura, dá de ombros. E a esse respeito, como poderia Érico Veríssimo tomar qualquer atitude? Vejamos quais as opiniões que, sobre ele, eu tenho escutado ou lido desde que conheço os seus livros:

Para um comunista, Érico Veríssimo é um escritor "cor-de-rosa"; para um católico é um autor pornográfico; para um romancista do nordeste, é um contador de histórias tipo Del-



ma, o romancista mais lido e mais discutido do Brasil. A medida que foi ganhando leitores, em verdade, foi caindo no conceito da "alta" crítica. Por que? É difícil explicar e ele mesmo não procura saber.

A um repórter como eu não cabe discuti-lo. O máximo que posso fazer é dizer que gosto ou não desse ou daquele livro seu. De sua estante própria, escolho apenas três volumes: "Caminhos Cruzados", "Um lugar ao Sol" e "Olhai os Lírios do Campo".

Mas é interessante observar o homem. E isto me cabe a mim fazê-lo, porque pretendo conhecer Érico Veríssimo muito bem. É um sujeito pacato, que leva vida familiar e que sabe o que quer. Suas manias: música e desenho. Escreve com rara facilidade e possui uma imaginação relâmpago. Diante de estranhos, mantém-se retraído e quando a palestra não o interessa, ergue o sobrecenho esbordo e permanece no mundo

ly ou Ardel; para um integralista, ele é um bolchevista a soldo de Moscou; para um pai de família, é um escritor inconveniente; para um "artista", Érico é um romancista "barato", etc...

(Continua na 4ª.)

NO DIA EM QUE HITLER ESCREVEU O "MEIN KAMPF", O BRASIL ESTAVA LOGICAMENTE EM GUERRA — DUAS CONCEPÇÕES DE VIDA SE CHOCAM NESTA GUERRA — "ANTES DE MAIS NADA, PRECISAMOS DE UNIDADE" — DIZ ÉRICO VERÍSSIMO, EM SUA PRIMEIRA ENTREVISTA POLÍTICA — "PORQUE O IMPORTANTE É GANHARMOS A GUERRA" — O BRASIL NÃO PODIA RESIGNAR-SE AO PAPEL DE TÍMIDA CASTELÃ — O ESCRITOR NÃO PODE FICAR DE BRAÇOS CRUZADOS — CHEGOU A HORA DE VER QUEM QUER TRABALHAR REALMENTE PELO BRASIL, DEIXANDO DE LADO OS SENTIMENTOS PARTIDÁRIOS — É NECESSÁRIO QUE TODOS OS BRASILEIROS ENTREM DE MÃOS DADAS NO MUNDO MELHOR QUE HÁ DE SURTIR — GIR DEPOIS DA VITÓRIA —

Entrevista concedida com exclusividade a

JUSTINO MARTINS
Especial para DIRETRIZES

DIRETRIZES

DIREÇÃO DE MAURICIO GOULART E SAMUEL WAINER

A VOZ DO CLERO DEMOCRÁTICO

D. Carlos Duarte Costa —
conven assinalar este nome —
bispo de Maura, acaba de tele-
grafar ao sr. Presidente da Re-
pública, colocando-se ao dispor
da Nação para os mistérios da
guerra, ao mesmo tempo em que
pedia o afastamento das "dioce-
ses, prelacias, paróquias, conven-
tos e colégios", de todos os bis-
pos, prelados, padres, frades e
freiras partidários do "nazismo,
do fascismo e do falangismo".
E a voz alta e clara de um
dignitário da Igreja que assim
se levanta, no preciso instante
em que a polícia, a polícia do Rio
Grande do Sul e de Minas, prin-
cipalmente, surpreende alguns
transviados do serviço de Deus
em flagrante traição das suas
piedosas práticas religiosas. Em
vez de Cristo, aquele que mor-
reu pela salvação da humanida-
de, assassinado por outros tan-
tial que em tudo e por tudo se
tos gozadores da fortuna mate-
parecem com os nazistas, os clé-
rigos assim denunciados pelo bis-
po de Maura preferiram colocar-
se a serviço de Hitler, de Mus-
solini e de Franco. São os na-
zistas, os fascistas e os falan-
gistas que D. Duarte Costa de-
taca em seu telegrama.

Nas colônias alemãs e italia-
nas do Rio Grande do Sul cabe-
lhas a tarefa diabólica de afas-
tar os trabalhadores agrícolas do
convívio cristão para jogá-los
nesse inferno de lágrimas e de
sangue com que Hitler avassala
o mundo. Entrando em plena
adolescência para os seminários
de São Leopoldo, lá eles fazem
todo o seu aprendizado em lin-
guagem alemã e, uma vez tonsu-
rados, voltam para as mesmas
colônias, já então perfeitamente
ao par de todos os truques e ma-
nhas dos agentes políticos do na-
cional-socialismo. Quer nos pare-
cer que não andaria mal avisa-
do o nosso governo se entrasse
em entendimento com as nossas
altas autoridades eclesiásticas e
endereçasse todos os clérigos de
origem eixista para os sertões
brasileiros, no meio da nossa ca-
tociada, e, pelas mesmas ra-
ções, entregasse a direção reli-
giosa dos colonos alemães e ita-
lianos aos padres brasileiros, a
esses padres caboclos que, pela
tradição e pelo amor à terra, ha-
bituaram-se, de longa data, a tra-
balhar pela defesa do patrimônio
nacional, de que D. Duarte Cos-
ta é um exemplo frisante. Quan-
to aos partidários da falange,
para esses, cremos, não há remé-
dio senão afastá-los, definitiva-
mente, do serviço da Igreja. Por-
que esses sabem que os falangis-
tas espanhóis crucificaram à ba-
la os padres e as freiras espanho-
las que ficaram fiéis à reação
espanhola chefiada pelos bascos.
E, se preferem Franco a Cristo,
não fazem apenas uma injúria ao
Divino Mestre, mas à própria
humanidade, que chorou lágrí-
mas de sangue durante os bár-
beros seviciamentos ordenados
pelos franquistas e os longos,
frios, calculados e selvagens fu-
ndamentos que se seguiram, de-
pois, durante anos a fio. De qual-

quer forma, porém, o clero bra-
sileiro, o clero democrático está
de parabéns: a voz de D. Carlos

Duarte Costa há de ressoar como
clarinadas de alerta no seio de
todos aqueles que, dentro da Igre-

ja, desejam a destruição do na-
zismo, pela salvação da humani-
dade de Cristo.

A GUERRA EM MINHA PEQUENA CIDADE

MAIS SACRIFÍCIOS DE GUERRA

Por FLORENCE HORN

Especial para DIRETRIZES

Quando voltou do Japão, Jo-
seph C. Grew, embaixador dos
Estados Unidos, pronunciou um
discurso no qual incluiu a se-
guinte passagem: "Eles (os ja-
poneses) nos consideram a nós,
americanos, um povo fraco, cio-
so de um conforto diário, inca-
paz de fazer os sacrifícios ne-
cessários à vitória, na luta con-
tra a máquina militar que se ti-
nha preparado numa simplici-
dade espartana, de maneira dura
e rude como o exigia a guer-
ra".

Certamente, os nazistas tam-
bem acreditam que nós, ameri-
canos, somos "moles". Mas, não
devem esquecer a "moleza" do
povo inglês, que resistiu àque-
le terrível período de bombar-
deios consecutivos. Por que mo-
tivo o povo inglês teria perma-
necido calmo e resoluto, dor-
mindo, noite após noite, debaixo
da terra? A explicação está
em que os britânicos viviam
uma vida livre e decente. Sa-
biam o que preservavam. E,
pois, nazistas e japoneses es-
queceram que os povos que vi-
veram ou estão vivendo uma
existência livre não de fazer
tudo para não perderem o que
possuíam ou possuem.

Já tínhamos dado provas de
energia, no passado. E, recen-
tamente, nossos homens honra-
ram nossas tradições em Ba-
taan, Wake, Ilhas Salomão. So-
mos uma nação formada de
descendentes de imigrante pó-
bres, mas resolutos. Muitos en-
tre nós ainda se lembram de
uma infância cheia de dificul-
dades; outros sentem orgulho
dos pais ou avós que surgiram
do nada. Somos um povo jovem,
e sabemos que para a constru-
ção da riqueza que gozamos
hoje, nossos antepassados tra-
varam uma batalha dura com
as florestas, as minas, os deser-
tos. Temos consciência dos dias
difíceis que se estendem à nos-
sa frente, e não ignoramos que
apenas começamos a sentir as
tenazes da economia de guerra.
Mais ainda — estamos certos
que, no momento em que esses
sacrifícios nos atingirem em
toda a plenitude, há de cair o
nosso nível de vida, tão cele-
brado em todo o mundo.

Mas, os americanos, que se
contam não às centenas e mi-
lhares, e sim aos milhões, já de-
monstraram que em nada im-
porta a diminuição no "stan-
dard" de vida. O governo dos
Estados Unidos pediu ao povo
que diminuísse de 10%, a
capacidade de aquisição. Outro-
tanto, para evitar a inflação
neste momento, em que o poder
aquisitivo é superior ao volume
de mercadorias à venda, fomos

convidados a adquirir bonus
de guerra — outra maneira de
diminuir nossa renda.

Não é coisa fácil para um
operário dispensar voluntaria-
mente parte do que necessita.
(Ninguém gosta de fazê-lo).
Por outro lado, o custo da vida
sobe sem cessar, pois nem to-
das as mercadorias estão sob
controle de preços. O operário
está também perfeitamente
convencido que os impostos se
elevarão. Se antigamente sabia
que o imposto sobre a renda re-
caía apenas sobre as classes
média e abastada, agora com-
preende que talvez no ano vin-
douro seja obrigado a pagá-lo
sobre seu salário. E julga que
taxas cada vez mais elevadas
incidirão sobre os vários obje-
tos que terá que comprar.

Entretanto, na grande fábri-
ca de aviões distante algumas
milhas de minha casa, os ope-
rários — noventa por cento —
fizeram um corte voluntário
em seus meios de aquisição. Au-
torizaram aos patrões a dedu-
zirem dez por cento dos paga-
mentos semanais. Esse dinhei-
ro não representa, porém, um
presente ao governo dos Esta-
dos Unidos, mas um empréstimo
a juros. Não obstante, é
uma decisão bem importante
para um operário a dedução de
dez por cento em seu salário,
durante toda a guerra.

Os americanos já perceberam
nitidamente que o padrão de
vida está descendo. Os racio-
namentos indicam-no claramente.
E' longa a lista de mercadorias
manufaturadas que não mais se
encontram à venda. A falta de
gêneros aumentará durante o
inverno. E' quase certo que a
carne em breve será raciona-
da. A necessidade de diminuir
o consumo já foi cuidadosamen-
te explicada. Não é apenas a
questão de assegurar os supri-
mentos necessários ao exército,
à marinha (que tem um con-
sumo "per capita" maior do que
os civis) e às forças aliadas. E'
também uma questão de navios.
O presidente já explicou que,
comendo menos carne, nós, os
civis, poderemos economizar o
transporte para os carregamen-
tos urgentes de guerra. Os na-
vios que seriam utilizados le-
vando carne da Argentina, No-
va Zelândia ou Austrália para
a Europa, poderão servir a ou-
tros fins, enquanto a nossa
carne chegará à Europa por ca-
minhos mais curtos. Um navio
a mais, nessas condições, signi-
ficará um carregamento extra
de manganês brasileiro, ou um
transporte de soldados para a
Austrália, ou um fornecimento
muito necessário ao Brasil ou à

Grã Bretanha. Se o raciona-
mento da carne der em resul-
tado uma que seja dessas car-
gas preciosas, o desejo dos ame-
ricanos estará satisfeito.

Também as viagens podem
ser racionadas. As estradas de
ferro nos Estados Unidos estão
sobrecarregadas. Tem que le-
var as tropas; os homens de ne-
gócio que procuram Washin-
gton; os agentes do governo
que se dirigem às diversas ci-
dades onde esteja sendo fabri-
cado material de guerra. E,
não nos é possível o luxo da
construção de novos trens de
passageiros, uma vez que as
aplicações do aço são de toda
urgência. Assim, apenas se ex-
plicam viagens importantes nos
aviões e trens. E, mais tarde
mesmo, talvez sejam completa-
mente proibidas.

Em certas cidades da Améri-
ca do Norte, já existe falta de
casas. Para os lugares em que
as indústrias de guerra, estão
crescendo de maneira fantásti-
ca, há naturalmente grande
fluxo de operários. E não se
pode desviar material para a
construção das casas que se-
riam necessárias à população
que cresce dia a dia. Como em
algumas cidades ainda há es-
casas de mão de obra, possivel-
mente até se façam requisições
de aposentos ou casas. As pes-
soas que não estiverem coope-
rando de maneira direta nas in-
dústrias de guerra, oportuna-
mente deixarão as cidades de
população excessiva, para cede-
rem o lugar àquelas cujo traba-
lho seja valioso.

Nos últimos quinze dias vi-
sitei várias cidades industriais.
Numa delas — regorgitante
centro de construções navais —
os membros da "Junior Lea-
gue" estão cuidando com o
maior interesse do problema de
casas. Como provavelmente sa-
bem, a "Junior League" é um
clube para jovens "granfinos".
Pois nessa cidade, apenas dois
membros desse clube de grande
importância social não conse-
guiram lugar em suas casas
para "os hóspedes de guerra".

Um morador de Wichita, Kan-
sas, cidade situada bem no cen-
tro do país, a 1.400 milhas do
litoral, contou-me como estava
repleta sua cidade. "Talvez de-
nhamos que requisitar casas,
pedir aos habitantes que abole-
tem operários, e mesmo cuidar
da mudança das pessoas cujo
trabalho não seja essencial".
Perguntei-lhe se seus conterrâ-
neos não se aborreceriam com
tal intrusão em suas vidas. Res-
pondeu-me: "Não; se hoje per-
demos algum conforto, é para
(Conclua na página 8)

COMBATAMOS O MAL PELA RAIZ

Sob a orientação do coronel Et-
chegoyen e do major Denys, a po-
licia acaba de efetuar importante
diligência, desarticulando perigo-
sa rede de espões italianos, que
agiam nesta capital.

Nunca é demais louvar autori-
dades que na hora presente de-
monstram compreender a grande
responsabilidade que repousa so-
bre seus ombros e resolvem agi-
com honestidade e patriotismo no
cumprimento de seus deveres.
Convencidos da existência do peri-
go quinta-colunista; o coronel Et-
chegoyen e o major Denys estão
dispostos a combater sem vacila-
ção. E os seus organismos de es-
pionagem começam a ser desarti-
culados.

Cada vez que um espão inimigo
é pegado pela gola, nosso povo
tem motivos para ficar duplamente
satisfeito. Satisfeito porque
mais um elemento da espionagem
desaparece de dentro da nossa
casa. Satisfeito porque mais uma
vez é demonstrado que as autori-
dades não só não subestimam o
perigo existente, como se encon-
tram dispostas a liquidá-lo enérgi-
camente.

Mas o quinta-colunismo é ape-
nas o "efeito" de uma "causa"
muito ampla e séria.

O quinta-colunismo é filho le-
gítimo do nazi-fascismo. Enquan-
to existir nazi-fascismo, existirá o
perigo dessa forma de espionagem
que se chama quinta-colunismo.
Por mais vigilantes que sejam as
autoridades, sempre estaremos su-
jeitos a sofrer os ataques dessa
hidra. Por isso nós somos partida-
rios do combate ao mal pela raiz.
E como pode ser esse combate?
É simples. O inimigo aí está, re-
presentado pelo nazi-nipo-fascis-
mo internacional. Contra eles es-
tamos em guerra, ao lado das Na-
ções Unidas. Então, que as Na-
ções Unidas, o Brasil inclusive,
multipliquem esforços e não me-
gam sacrifícios, no sentido de com-
bater o inimigo, lá nas pontas de
espadas, para de vez aniquilá-lo.
Devemos atacá-los, como um só
bloco. Não devemos incidir na
prática suicida, criminosa, de es-
perar que ele vá atacando, uma
após outra, as nações que preten-
de escravizar.

Portanto, paralelamente com o
trabalho leal e patriótico da atual
chefia de polícia, nós, governo e
povo, devemos nos interessar no
combate ofensivo contra o Eixo,
adotando a palavra de ordem sin-
da agora propagada para a Amé-
rica pelo sr. Wendell Willkie —
partidária da abertura da segun-
da frente na Europa Ocidental,
para esmagar as potências agres-
soras e restituir a liberdade, a
tranquilidade e a paz às nações
ocupadas, agredidas ou ameaçadas
de agressão pelos sanguinários se-
nhores da guerra.

MOVEIS

E DECORAÇÕES
GOSTO INCONFUNDIVEL
PREÇOS MÓDICOS

Casa **ANGLO-BRASILEIRA**

SUCESSORA DE
MAPPIN STORES
PRAIA DE BOTAFOGO, 340

"O trabalhador brasileiro repudia completamente o nazi-nipo-fascismo"



"Para mim todo alemão é suspeito e, por isso, deve ser segregado do meio social. Confiar num alemão é o mesmo que confiar numa jararaca", declara o coronel Silvestre Pericles de Góis Monteiro

As grandes janelas do gabinete do coronel Silvestre Pericles de Góis Monteiro, no nono andar do edifício do Ministério do Trabalho, se abrem para o aeroporto, para o mar e para o céu que, nesta tarde de vento frio, está carrancudo e sujo. Os aviões da VASP, e outros menores, vermelhos e amarelos, pousam e levantam vôo. O vento bôle com as bambinêlas. Na sala ao lado, um telefone infatigável tilinta de hora em hora. Já decorei a vozinha suave da secretária:

O coronel ainda não chegou. Dentro de alguns minutos.

O ronco do motor vem forte como um trovão. Uma buzina distante, lá em baixo. O retrato a óleo do ministro Ataúlfo de Oliveira, com sua bela cabeleira adolescente, me olha de lado. Novamente o filiar.

— O coronel Silvestre ainda não chegou. Mas não demora. Sim, senhor...

E cronologicamente, nestas duas horas que mais parecem dois séculos, eu vou seguindo, através da voz da secretária, os movimentos do coronel Silvestre: o coronel já saiu de casa, o coronel está a caminho, o coronel já chegou ao edifício, dentro de poucos minutos o coronel estará no seu gabinete.

Mais esses poucos minutos alada são elásticos: se esticam e viram meia hora. E depois de mais esta meia hora, ainda não é o coronel que escancara a porta e penetra rápido no gabinete espaçoso. É seu ordenança, um cabo da Polícia Militar, que, como um automato de molas tensas, pega de um espanador e sai num espanear desenfreado pelos móveis, cadeiras, montes de processos, retratos e poltronas. Enquanto remove a hipotética poeira desta sala tão limpa e luzidia, o ordenança vai desenvolvendo toda uma conversa, na sua fala de nordestino, que acaba

por zandar embora o sono que me pesava sobre os olhos e me fizera quasi deitar neste imenso sofá de couro macio. Há anos que o cabo é ordenança do coronel. O coronel? Um homem bom.

— O senhor não o conhece? Pessoalmente, ainda não.

— Pois é. Um homem bom. E corajoso, sabe? Diz o que tem vontade de dizer. Gosto dele por causa disso: quer dizer uma coisa, diz. Quem quiser que ache ruim.

TODO ALEMÃO É SUSPEITO

De fato, a franqueza do coronel Silvestre Pericles de Góis Monteiro, presidente do Conselho Nacional do Trabalho, é total. Tem muito daquelas paisagens do nordeste: árida, seca, com tudo à mostra.

— A franqueza sempre foi a minha melhor arma, nos diz ele.

Uma grande arma, uma arma invencível: dizer as coisas como elas são. Por que dizer de outra maneira? Ainda há pouco, e é uma pergunta que repetimos agora, o coronel fora indagado: "O senhor é de opinião que, entre os alemães residentes em nosso país, alguns sejam anti-nazistas e nossos amigos?" E ele respondera, respondera como está me respondendo agora:

— Eu não acredito em alemão! Para mim, todo alemão é suspeito. Deve ser segregado do meio social, metido em campo de concentração. Métodos nazistas contra o nazismo. Só assim é possível uma luta eficiente contra os inimigos da Pátria.

— E os técnicos estrangeiros, espalhados pela fabricas nacionais?

O coronel Silvestre tira os olhos. Vai até a janela do centro, em grandes passos. O avião prata-azul passou chiçando. O mo-

coronel põe novamente os olhos e pergunta:

— O senhor se recorda do discurso do presidente Vargas, quando da homenagem que lhe fizeram os trabalhadores desta Capital? Lembravamo-nos.

— Pois bem, neste discurso o presidente Getúlio apontava um caminho a seguir: nada de depredações, mas sim aproveitamento do esforço estrangeiro na defesa nacional. Quer dizer: operários e técnicos dos países do Eixo devem continuar nas fabricas e oficinas, trabalhando para o Brasil.

Uma pausa.

— Naturalmente a determinação do governo é sabia. Vem de encontro aos interesses nacionais. Mas eu, com minha intransigência, não procederia assim.

Nova pausa.

— Sou um magistrado, e estou no meu posto para acatar as leis. Mas acho que o governo está sendo muito bondoso. Com menos sabedoria, eu meteria tudo que é técnico e operário alemão, italiano e japonês na cadeia. Isto sim! Confiar nos nazistas é mesmo que confiar numa jararaca que está ao nosso lado.

O ordenança entra para anunciar que, lá fora, uma embaixada de estudantes paulistas deseja fazer uma visita ao presidente do Conselho Nacional do Trabalho.

— Diga a eles para esperarem uns dez minutos.

E o coronel volta-se para nós, retomando o fio da conversa:

— Como é que se pôde confiar numa serpente? Eu não confio. Felizmente o povo brasileiro, nesta hora tão grave, também está prevenido. Um dia desses eu estava dizendo: o brasileiro é bom, homem de boa fé, tal e coisa. Mas ninguém se iluda: quando chega a ocasião, provocado e atacado dentro de sua casa, ele desperta dentro de si todas as qualidades que herdou do índio, seu ancestral. E, então, o que vemos é um destemido, um desconfiado, disposto a tudo fazer contra o inimigo. Quando for oportuno os nazistas nos conhecerão melhor.

E num sorriso:

— E aposto que levará da gente uma lembrança imorredoura!

O OPERÁRIO BRASILEIRO E O NAZISMO

Perguntamos ao coronel Silvestre Pericles de Góis Monteiro como a guerra viera encontrar o trabalhador brasileiro. Ele nos respondeu rápido:

— Integramente conciente de sua missão. A tradição democrática do trabalhador brasileiro é antiga. Se há uma classe que nunca se deixou contagiar pelo vírus fascista, esta é a classe operária do Brasil. Hoje, como ontem o trabalhador brasileiro repudia completamente o nazi-nipo-fascismo.

O coronel havia incluído o Japão nas suas palavras. Observamos isto. E ele com sua franqueza que não foge de obstáculos, reafirmou:

— Japão, porque não? Tudo é a mesma coisa. Nazismo fascismo e niponismo tudo são garra de uma mesma fera. O mundo está dividido entre o ódio e o amor, entre a sombra e a luz. O resto é conversa. A política de traição dos japonezes em nada se diferencia da ação barbara e selvagem dos nazistas e fascistas. Tudo é a mesma coisa!

E agora o coronel volta a falar da ação do trabalhador do Brasil: plenamente conciente da hora grave, porque atravessa o país, cada operário nacional se transformou numa sentinela alerta. Sua luta contra a quinta coluna

"Quando o Palestra de São Paulo vestia a camisa negra"

ESCREVEM-NOS, SOLICITANDO RETIFICAÇÕES, ASSOCIADOS DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

A respeito da nossa reportagem intitulada "Quando o Palestra de São Paulo vestia a camisa negra", recebemos duas cartas, que publicamos a seguir, e que merecem da nossa parte a maior atenção. A primeira delas, assinada pelo sr. Italo Adami, assim está redigida:

"Ilmos. Srs. diretores de DIRETRIZES. Rio de Janeiro. Prezados senhores. A propósito da publicação inserida em DIRETRIZES, em seu número 116, página 5, a diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras pede venia para expor o seguinte:

"A bem da verdade cumprimos o dever de declarar que a Sociedade Esportiva Palmeiras, antigo Palestra de São Paulo, não tomou parte ativa no desfile realizado em sua praça de esportes, cingindo-se somente, a sua cooperação, na cessão do campo e acomodações para aquele fim. Esta associação nunca contou em sua finalidade, inteiramente esportiva, cívica, cultural e recreativa, dentro do sentido e das normas educativas nacionais. A Sociedade Esportiva Palmeiras sempre se considerou nitidamente brasileira e sente-se orgulhosa pelo seu passado e pelo seu presente, em ter cooperado e cooperar, pela grandeza dos Esportes Pátrios, em benefício da juventude do Brasil.

"Esta diretoria, pelo que acaba de expor, não tem dúvidas em acrescentar que merecerá no próximo número dessa estimada e patriótica revista, uma retificação, esclarecendo a verdade e fazendo-nos justiça.

Aproveitando do ensejo para externar-lhes os protestos da nossa maior estima e elevado apreço, fazemos os mais sinceros votos pelo sempre progresso de DIRETRIZES.

Sociedade Esportiva Palmeiras (a.) Italo Adami, presidente".

A segunda carta é a que se segue:

"Ilmos. Srs. diretores de DIRETRIZES. Rio de Janeiro. Os abaixo-assinados, diretores e ex-diretores da Sociedade Esportiva Palmeiras, antigo Palestra de São Paulo, injustamente apontados como participantes do desfile realizado na sede desta Sociedade, conforme a notícia publicada no número 116, página 5, dessa conceituada revista, vêm solicitar de sua ilustrada direção uma retificação esclarecendo os fatos, a bem da verdade.

"Os diretores atingidos nunca participaram de desfiles de sociedades estrangeiras e sempre limitaram sua ação construtiva dentro da esfera nitidamente esportiva e recreativa de caráter profundamente nacional. Sempre tiveram em mira o elevado ideal de prestar os melhores de seus esforços e sacrifícios pessoais à causa do Esporte Brasileiro e disto se sentem bastante orgulhosos.

"Diante do exposto que é a expressão da verdade, esperam receber do esclarecido espírito de V. Ss. uma melhor apreciação, que esclareça a opinião pública do Brasil.

"Na expectativa de suas melhores atenções, subscrevemo-nos com a máxima estima e elevado apreço.

(aa.) Rafael Parisi. Higino Pellegrini. Lourenço Cupaiolo, Vicente Ragnonetti, Odílio Cecchini e Enrico De Martino".

Já deu seus frutos: não há mais focos inimigos nas fábricas, oficinas, em lugar nenhum. Os operários se organizaram em comissões anti-eixistas e, de iniciativa própria se transformaram na sua própria polícia, vigiando e denunciando todos os sabotadores do esforço nacional.

O coronel Silvestre acende um cigarro:

— Não foi necessária nenhuma interferência policial junto aos meios trabalhistas. Cada operário é hoje um soldado. E isto, vamos convir, é formidável. Não é? Isto significa que o operário compreendeu o espírito desta guerra: é uma guerra contra seus inimigos mais encarniçados, contra uma filosofia que visa, particularmente, a escravização da classe proletária. Antes mesmo do presidente Vargas, no seu discurso de há dias chamar a atenção do trabalhador nacional para a situação dos operários sob o regime nazista, já os homens de nossas fábricas e oficinas estavam ao par das nefastas consequências do fascismo no pedaço de mundo que seu barbarismo conseguiu conquistar.

"NUNCA VI TANTO ENTUSIASMO"

Esta compreensão do povo ante o momento é, segundo a opinião do coronel Silvestre, o motivo da grande atmosfera de civismo e determinação que varre hoje o país de norte a sul. Ele bate nos ombros e afirma:

— Escute, menino. Eu tenho vivido muito. Já estive ao lado do povo em várias ocasiões. Mas lhe garanto como nunca vi em minha vida um entusiasmo tão grande como o deste da hora presente. Um entusiasmo consciente e sadio, que comove e anima.

"BELEZA DE HORTALIÇA"

Anos atrás, quando o "fuehrer" Plínio Salgado discursava na rua Sachet e o teórico Reale doutrinaava nas catedras paulistas, o integralismo procurou se insinuar nas convicções democráticas do coronel Silvestre. Mas foi de balde. O coronel escutava as conversas verdes de alguns dos seus amigos, suas considerações e promessas, mas era impermeável. Com sua franqueza conhecida, respondia sempre aos convites:

— Não pode ser! Apesar de todo este verde-amarelismo de vocês, isto é fascismo. Fascismo no duro! E eu não aceito o fascismo.

Recordando isso, o coronel nos diz agora:

— Nunca me deixei impressionar pela decantada "beleza" do integralismo. Eu sabia que aquilo era beleza falsa.

El sorrindo:

— Tipo da beleza de hortaliça.

No entanto, o coronel Silvestre é de opinião que sempre houve duas qualidades de integralistas. Houve e há: os que agiram e agem de boa fé, porque são de fato fascistas, e os que se deixaram iludir, no início da propaganda plinesca, mas que hoje, conhecendo seu próprio engano, repudiaram inteiramente o credo verde.

— Os segundos devem ser perdoados, devem ser recebidos no seio democrático do povo brasileiro. Afinal, errar é humano, como diz o ditado. Mas os primeiros...

— Campos de concentração para eles, coronel?

— Campos de concentração,

uma conversa! Devem ser fuzilados! Isto sim! Fuzilados!

A ALEMANHA É O GRANDE INIMIGO

Sem desconhecer nem menos prezar a ação criminosa de todos os outros ramos do nazismo, o coronel Silvestre é de opinião, no entanto, que o grande inimigo é a Alemanha: — a Alemanha com a sua tática de penetração e enfraquecimento do ânimo nacional. A Alemanha com a sua campanha de derrotismo, mais perniciosa do que o cupim.

— A Alemanha prussiana é que precisa ser vencida e varrida da terra. O mundo não pode estar sujeito a um povo de megalomaniacos, cheios de um complexo de superioridade que lhes incutiu na consciência a certeza de que todos os outros povos e raças são inferiores. Esta mística vem de longe. Não foi invenção do nazismo. Era assim no tempo de Bismarck: foi assim no tempo do Kaiser e agora é assim com Hitler. A arrogância prussiana está sempre presente na história alemã. Esta arrogância é que precisa desaparecer. Se a guerra não conseguir isto, podemos afirmar que não resolveu o principal problema do mundo.

O coronel Silvestre Pericles de Góis Monteiro, democrata em todo o sentido, não tem dúvidas, porém, sobre o desfecho da atual guerra:

— O fascismo será derrotado! Não se discute!

VIDA, LIBERDADE E HONRA

Para o presidente do Conselho Nacional do Trabalho, a palavra de ordem nacional deve ser a união de todos os brasileiros em torno do presidente Vargas:

— Não pode haver dissensões neste momento. Quanto mais unido for o bloco, mais forte será ele. A unidade de comando é que resolve todos os problemas — esta é uma lição da estratégia.

E mais:

— Declarando guerra ao Eixo o governo brasileiro satisfaz a exigência do povo. Cabe a todos, portanto, unirem-se em torno das autoridades na defesa nacional e no combate aos traidores. Devemos ser úteis e devotados ao esforço de guerra, e implacáveis para com a quinta-coluna. O trabalho é

Agora é o secretário do Presidente do Conselho Nacional do Trabalho que o vem lembrar que, lá fora, os estudantes paulistas continuam esperando. O coronel



DESDE QUE KOLYNOS foi descoberto, há trinta annos passados, innumerosos dentifricios têm tentado imitar suas superiores qualidades, mas nenhum foi bem sucedido.

Kolynos limpa os dentes melhor e sem causar dano — restaurando rapidamente o brilho e brancura naturais.

Não aceite substitutos — insista no melhor creme dental — Kolynos



Silvestre faz menção de pôr um ponto final na conversa. Mas antes que ele se levante da mesa, fazemos-lhe a última pergunta:

— Coronel, o senhor não gostaria de enviar, por intermédio de nossa revista, uma mensagem aos trabalhadores do Brasil?

— Uma mensagem?

— Feis bem: vou lhe dar uma mensagem. Não é uma mensagem inédita, mas muito oportuna.

E depois:

— Há anos, em Porto Alegre, quando eu era professor de uma das academias gaúchas, os alunos me convidaram para paraninfo de uma turma que ia colar grau. E me pediram uma legenda para o quadro de formatura. Estou perfeitamente lembrado das palavras com que formulei a legenda. Foram estas: "A vida, a liberdade e a honra — eis os direitos supremos. A violência pôde, todavia, destruir a vida do homem, esmagar-lhe, mesmo, por um momento, a liberdade; mas a honra; indefinidamente conservável, só depende de suas próprias ações, e, meritória, ninguém lhe extinguirá". Estas palavras, que pronunciei há tantos anos, em as subscrevo ainda hoje. E elas são a mensagem que envio, não somente aos trabalhadores do Brasil, mas a todos os brasileiros.

Contra o terrorismo nazista

(Continuação da 1.ª página)

Quando o procurei para esta entrevista, ele corrigia os originais do seu novo romance, "Rapsodia", há pouco terminado e prestes a entrar no prelo. Havia dias que falara-mos sobre a possibilidade de uma entrevista com sentido político. E érico não se negara; apenas pedira-me curto prazo para ver "como as coisas ficavam". As "coisas", no entanto, ultimamente deram para correr tão depressa quanto os tanques que lutam às portas de Stalingrado e temos, afinal, uma série de perguntas e respostas que darão ao leitor a essência do pensamento de érico Veríssimo. Sem ser político, tendo, mesmo, recusado por várias vezes diversos cargos públicos, é esta a primeira entrevista política de érico Veríssimo, desde muitos anos atrás. E, se levarmos em conta a grande penetração que tem na massa brasileira tudo o que ele escreve, podemos concluir que esta entrevista está valendo por um legítimo auxílio ao "esforço de guerra do Brasil".

FALE-ME do sentido desta guerra.

— Para principiar, a presente guerra tem um sentido muito mais profundo que a de 1914-1918. Ela representa a luta de duas concepções da vida, diametralmente opostas. É uma luta de extermínio que vai decidir os destinos da humanidade para os próximos cem anos, no mínimo. É uma guerra em que os homens e as nações não podem estar envolvidos "parcialmente", mas sim com todo o corpo, toda a alma, dispostos aos maiores esforços e sacrifícios. Não há contemporização possível. Não há meias medidas. O mal de todos os países conquistados pela Alemanha foi a tola ilusão de que podiam ficar neutros, de que "não tinham nada a ver com essa guerra". Penso que estamos atravessando o instante mais grave e decisivo da História da Humanidade. É a hora em que cada indivíduo, cada povo, tem de escolher entre o mundo antigo — cheio de erros, não há dúvidas, mas cheio também de possibilidades de regeneração e progresso — e o mundo frio, mecânico e cruelmente orgulhoso do hitlerismo, em que não há lugar para os sentimentos cristãos nem para a poesia; um mundo cujo ritmo é marcado pelo passo de ganso da Wehrmacht, cujo esporte favorito é a guerra e o massacre; cujo nota-tônica é o ódio; um mundo, enfim, em que a Gestapo é que determina como e o que devemos fazer, dizer, pensar, comer, escrever e sentir.

— Que me diz da declaração de guerra do Brasil? Qual a posição do nosso País, no conflito?

— Só quem não observa os fatos é que pode olhar com estranheza, indiferença ou ceticismo a entrada do Brasil na guerra. No dia em que Hitler escreveu "Minha Luta", a guerra ao Brasil estava psicologicamente declarada, a posição de nosso País estava automaticamente decidida. Só a insensatez do in-

tegralismo — deplorável versão brasileira do Nazismo — é que podia olhar o Reich de Hitler com olhos amigos. Hitler nos considera um país de mulatos sífilíticos e incompetentes, feitos para serem esbofeteados por oficiais prussianos e por eles governados a chicote. Sua teoria racista está em oposição clamorosa não só ao nosso próprio espírito democrático e cristão, como também à nossa própria formação étnica. Mesmo que os submarinos do Eixo não tivessem criminosamente posto a pique os nossos navios, a atitude do Brasil não podia ter sido outra. Porque havia entre nós uma opinião pública definida e forte contra as nações totalitárias. Quem escolheu o rumo que o Brasil devia tomar no conflito foi o seu próprio povo. E isso se processou sem nenhuma propaganda especial. Pelo contrário. Muito mais ativa — através dos consulados e das embaixadas da Alemanha e Itália, através dos partidários do Integralismo e dos membros da Quinta-Coluna — foi a propaganda pró-eixo, um de cujos ardis era e é de intrigar a Grã Bretanha e os Estados Unidos.

— A propósito: que me diz dessa última forma de quinta-colunismo que eu vi circular há pouco? Refiro-me à usada pelas pessoas que procuravam insinuar que o Brasil está diante de um grande perigo: o imperialismo norte-americano.

— Também vi circular essa ridícula intriga. É a mais perversa, estúpida e insensata das insinuações. Veja bem. A Alemanha conquista a Austria, a Checoslováquia, a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a França, a Iugoslávia, a Grécia e declara abertamente que o mundo deve ser dominado pelos representantes da raça eleita: a alemã. Os nazistas destroem sem aviso previo Rotterdam, depois de ter reduzido Varsóvia a escombros. Despejam bombas sobre Londres. Metralham mulheres indefesas, fuzilam reféns, massacram a população de pobres aldeias checoslovacas, perseguem religiosos, torturam prisioneiros e, ao cabo de tudo isso surgem entre nós cidadãos aparentemente muito patriotas que enxergam apenas uma coisa: "o perigo norte-americano". Os Estados Unidos podem ter muitos defeitos, meu caro, mas não são um povo agressivo, nem cultivam o militarismo. País altamente industrial, o seu interesse é o de que todas as nações do continente progridam e enriqueçam, afim de que eles tenham mercados para os seus produtos. São, por outro lado, os maiores consumidores dos artigos que "nós" produzimos. Os Estados Unidos não têm falta de espaço vital.

Os norte-americanos não se julgam uma raça eleita. Amam a paz. Só têm um fanatismo: o da liberdade e o da democracia.

— Quer dizer que você não participa da idéia de que seria melhor conservar o Brasil fora do conflito?

— Claro que não. A posição que nosso país tomou era a única recomendada pela lógica (Conclua na pag. 23)

RADIOS
REFRIGERADORES
BEBEDOUROS ELETRICOS

Westinghouse



Paul J. Christoph Company

QUYVOR, 56 E JOSE, 53

RIO

A SANTA CRUZ

S. PAULO

Com a morte de Lindolfo Color, não desaparece apenas um político de nomeada, uma das figuras de maior projeção na vida política do Brasil. Ele foi, também, e acima de tudo, um grande jornalista, um escritor de raro talento, um publicista de merito invulgar. À margem da atividade partidária, Lindolfo Color construiu uma obra sólida e brilhante. E os livros que deixou, como "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos", "Europa, 1939", e "Sinais dos tempos", são a afirmação de uma inteligência, servida por um cultura seria e bem dirigida.

Em toda a sua fecunda carreira pública Lindolfo Color, quer como ensaísta quer como político, não fez mais que seguir a sua magnífica vocação, devotando-se de corpo e alma às belas letras e debates sociais, conservando-se, sempre, como acentuou o sr. J. E. de Macedo Soares, fiel a si mesmo. Sua conduta é uma só, em trinta anos de luta constante. Lindolfo Color, jornalista-político com por dentro bateu-se galhardamente pelos princípios democraticos, jamais se afastando das suas ideias, não transigindo nunca com o sucesso transitorio das soluções intermediárias.

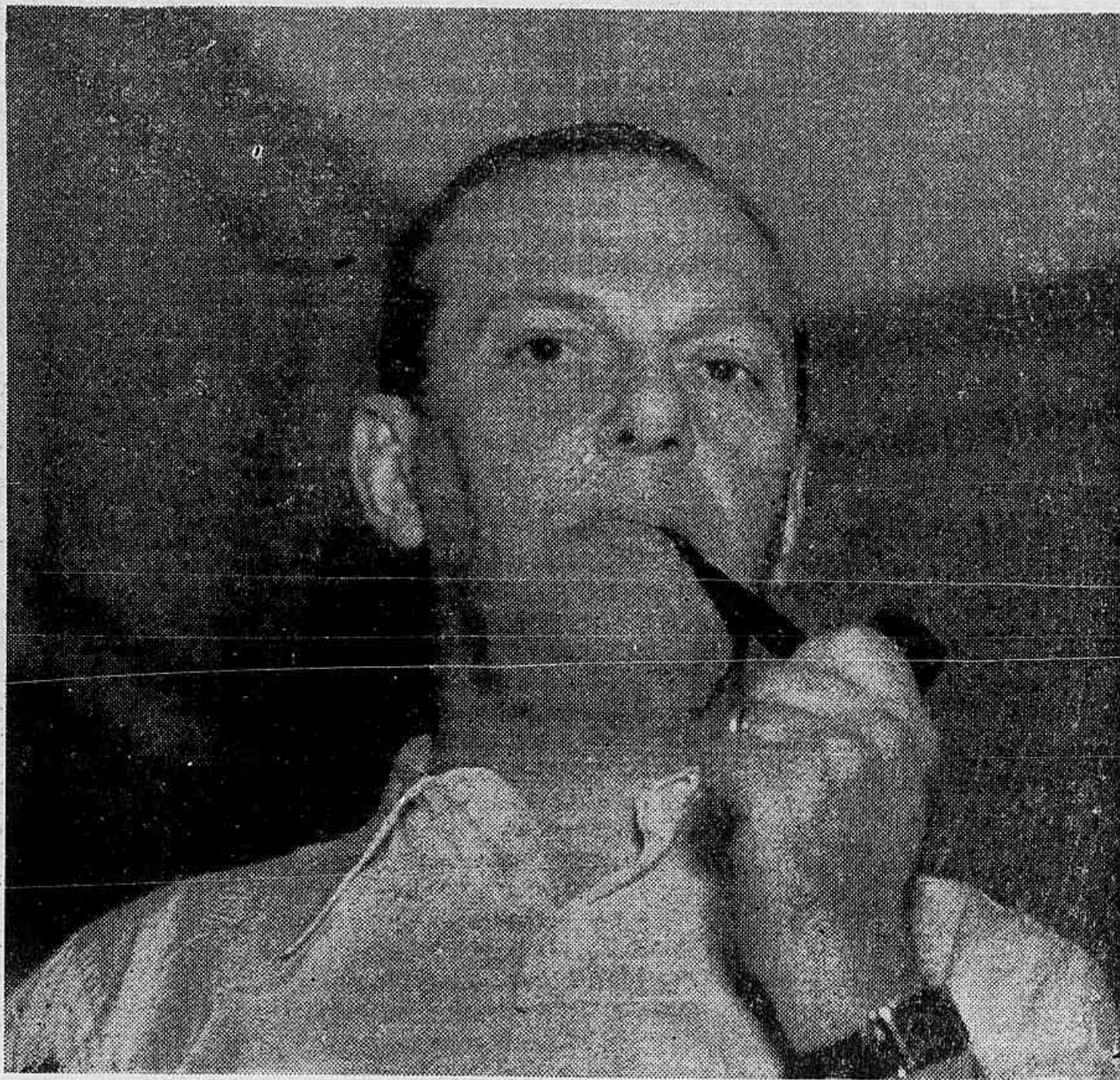
Homem de fé, Lindolfo Color serviu unicamente aos seus ideais. No momento em que a morte o surpreendeu, em plena maturidade física e intelectual. Lindolfo Color era, sem nenhum favor, um dos poucos grandes homens do nosso país. Essa justiça pelo menos, lhe seja feita na hora da morte e que se deve, por certo, à glória da sua inteligência, da sua cultura, da sua coragem, da sua combatividade.

Lindolfo Color nasceu em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul. Fez os seus primeiros estudos na terra natal. Transferiu-se, depois, para Porto Alegre, onde iniciou a sua vida literária, quando estudante de humanidades. O jornalismo atraí-o, desde logo. Por volta de 1910, Lindolfo Color veio para o Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Ciências Sociais. Sua estreia na imprensa metropolitana foi ruidosa e feliz. Começou escrevendo em "O País" uma serie de entrevistas sobre teatro nacional. O nome de Lindolfo Color, a principio tomado com pseudônimo, ganhou reputação. João do Rio, príncipe dos repórteres, elogiou na sua prestigiosa coluna da "Gazeta" o trabalho do colega que estrelava de forma tão auspiciosa. As entrevistas, que o "País" publicava na primeira página, valeram o convite que Felix Pacheco formulou, meses depois, a Lindolfo Color para aceitar a função de redator da edição vespertina do "Jornal do Commercio". O jovem jornalista principiano estava feito. Prosseguiu, daí por diante, numa continua ascensão. Esta primeira fase da carreira jornalística de Lindolfo Color foi recordada, não faz muito tempo, por ele proprio, na entrevista que concedeu a DIRETRIZES e que tanta repercussão alcançou em nossos círculos políticos e culturais.

Do jornalismo, Lindolfo Color passou à ação política. Voltando para o Rio Grande e integrando-se no Partido Repu-

MORREU LINDOLFO COLLOR

A MORTE DO GRANDE JORNALISTA E POLÍTICO BRASILEIRO — TRAÇOS DA SUA FECUNDA E BRILHANTE VIDA PÚBLICA



blicano, recebeu um posto de mais alta confiança: a direção de "A Federação". E' desse tempo a campanha pela reeleição

de Borges de Medeiros, em contra-posição à candidatura de Assis Brasil, embate político que originou o movimento revo-

lucionário de 1923. Lindolfo Color foi eleito, nessa mesma época, para a deputação estadual, ocupando, a seguir, ainda

por eleição, a deputação federal. De novo no Rio, Lindolfo Color desempenha destacada atuação na Câmara de Deputados. Sua ação parlamentar é das mais notáveis, e se estende até 1930, ano da Revolução de outubro, da qual ele foi um dos principais fatores da vitória. Membro da comissão de Finanças, Color desempenhou, com raro brilho e competência, o encargo de relator do orçamento do Exterior. Ainda nesse mister, integrou a delegação brasileira em diversas conferencias internacionais, reunidas no Rio e em Berlim.

Vitoriosa a Revolução Lindolfo Color assume o posto de Ministro de Trabalho, Industria e Comercio, vivendo, então uma experiencia política e social da mais alta transcendência. Sendo o primeiro Ministro do Trabalho, iniciou a aplicação prática de uma ampla legislação trabalhista, numa fase de intensas e profundas agitações.

Deixou a pasta do Trabalho quando da cisão operada no seio do Governo nacional em 1932, juntamente com o então ministro da Justiça, Mauricio Cardoso, e o sr. Batista Luzardo, que exercia a chefia de Polícia do Distrito Federal.

Colaborando na campanha pela constitucionalização do país, de que decorreu o movimento armado que rebentou em 9 de julho daquele ano em São Paulo, Lindolfo Color tomou parte na luta que, em apoio ao levante paulista se feriu também no Rio Grande do Sul, sob a chefia do sr. Borges de Medeiros. Dominada a revolução, esteve exilado no Prata.

Posteriormente, reharmonizada, com a "Frente Única", a política riograndense, colaborou Lindolfo Color, por força dessa recomposição, na administração do Estado, com secretario da Fazenda do governo do sr. Flores da Cunha. Foi esse o último cargo público que exerceu e que abandonou quando se deu a ruptura da Frente Única.

Vio a participar, em 1937, da campanha eleitoral da União Democrática Nacional que indicara o sr. Armando de Salles Oliveira candidato à presidência da Republica.

Como consequencia dos acontecimentos desenvolvidos nos últimos anos no cenário nacional, teve de permanecer novamente, por algum tempo, no estrangeiro.

Da Europa, onde esteve até os primeiros dias da guerra atual, escreveu Lindolfo Color uma serie de artigos de colaboração para o "Diario de Notícias".

Reuniu, depois, em volume sob o titulo "Europa 1939", as suas magnificas observações da politica internacional.

O falecimento de Lindolfo Color coincide com a publicação do seu último livro: "Sinais dos tempos", coletanea de artigos de jornal. Da sua intensa atividade intelectual destaca-se, entretanto, além dos livros acima citados, o seu "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos", que mereceu de estudiosos, como Gilberto Freyre e outros, os mais francos elogios.

Lindolfo Color deixa inédito um livro muito interessante: biografia e critica de Camilo Castelo Branco.

5 INGREDIENTES SECRETOS
começam a agir instantaneamente assim que sua caneta é abastecida com Quink, a nova impressionante invenção da Parker.

Não há mais resíduos de tinta com QUINK. Esta tinta da Parker protege tôdas as canetas

Imagine uma tinta que dissolve todos os sedimentos e que, de fato, limpa a sua caneta, à medida que escreve... que evita a evaporação e assegura a imediata fixação do traço... que seca 31% mais depressa. Quink da Parker — uma nova espécie de tinta — consegue todos estes milagres.

Quink foi criada quando os peritos em consertos da Parker verificaram que 2/3 de todos os desarranjos de canetas eram causados por tintas pegajosas. Para proteger a famosa caneta Vacumatic contra as tintas inferiores, Parker gastou três anos de pesquisas científicas a fim de inventar Quink — a tinta perfeita, tanto para canetas como para penas de aço. Dois tipos: Permanente e Lavável. Várias cores brilhantes.

Para conseguir que sua caneta velha escreva como nova e para proteger uma caneta nova contra tintas pegajosas — compre hoje Quink — de preço módico. E para a suprema satisfação no escrever experimente a nova caneta Parker Vacumatic com Quink.

Contrato de Garantia por Vida
O "Diamante Azul" do segurador representa nosso Contrato por Vida com o possuidor, garantindo o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda ou dano intencional), cobrando apenas seis mil réis para embalagem, porte e seguro, desde que a caneta venha completa para conserto.

Parker Quink

TELEVISÃO Total do Depósito de Tinta
Mostra sempre o nível

A venda em todas as boas casas do ramo
Canetas Diamante Azul, 265\$ para cima; outras canetas Parker, desde 60\$. — Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9-1.ª — Rio — Caixa Postal 508

COMENTÁRIOS NACIONAIS

A BATALHA DA PRODUÇÃO

O Brasil vai entrar por esses dias na fase da verdadeira mobilização econômica baseada nas necessidades da guerra. O que aí se encontra, mal serve para os tempos de paz. Mal serve para os tempos em que se pode viver com pouco esforço e mais ou menos anarquicamente. Agora, é preciso pôr ordem nas coisas básicas, pois sem ordem não será possível se dar um passo, muito menos vencer a guerra.

Vem aí os técnicos americanos para nos ajudar com a sua singular experiência no assunto. Nos Estados Unidos, atualmente, faltam muitas matérias primas, mas sobram muitas fábricas. Tais fábricas podem ser trazidas para o Brasil, onde as matérias primas ainda são abundantes. O que é preciso fazer é, apenas, intensificar a exploração dessas matérias fundamentais, ajustar o nosso precário sistema de transportes às exigências da hora, controlar ou dirigir a produção de acordo com as necessidades reais, e trabalhar viva e intensamente. Se se fizer isto, no fim da guerra, o Brasil terá ganho duas batalhas: a batalha contra o fascismo e a batalha contra o imperialismo.

Como está, sem dúvida alguma, é que não pode continuar. Muita gente faz "finca-pé" para que as coisas não mudem. Há, ainda hoje, partidários do velho lema: "deixa estar, para ver como fica". Por isso, até agora, não foi tomada nenhuma providência seria em relação aos produtos básicos. No caso do petróleo, só se cuidou à última hora e, por isso, houve tanto transtorno. Nos Estados Unidos, por exemplo, já foram tomadas medidas drásticas sobre o emprego do ferro e do aço, que ali não são mais usados na indústria civil. Pois bem. O Brasil depende dos Estados Unidos para o seu suprimento de ferro e aço, pois só produz uns 36% de suas necessidades, mas ainda nada foi feito para limitar o consumo ou estabelecer prioridades no consumo destas matérias fundamentais. E o resultado disto já se percebe na grita dos jornais: precisa-se de álcool para substituir a gasolina, mas para se ter o álcool em grande escala, é indispensável novas destilarias; entretanto, como as destilarias são construídas de ferro e aço que escasseiam cada vez mais no mercado, por que tudo o que no país se produziu e o que se importou foi gasto em qualquer coisa, surgem as dificuldades. O que acontece com o ferro e aço, acontece, ou terá de acontecer com tudo mais, se não forem tomadas urgentemente providências drásticas.

Agora, quando se vai ter a assistência dos técnicos americanos, devia se provocar na imprensa um debate claro e livre sobre todas as possibilidades e necessidades do Brasil, ligadas às possibilidades e necessidades dos Estados Unidos e, se possível, de todas as Nações Unidas, afim de que seja de vez, ajustada modernamente a nossa máquina de produção, alicerces de nossa máquina de guerra e condição principal da vitória. Não se ganha batalhas com palavras, e sim com fatos.

CURSO DE PREPARAÇÃO ANTI-FASCISTA

No famoso discurso que pronunciou de uma das janelas do "Jornal do Comércio, em 14 de Abril de 1917, observou Ruy Barbosa que se a Alemanha declaramos a guerra, não seria, não poderia ser para criarmos um Brasil novo à semelhança da Alemanha do Kaiser. Agora, já que nos falta a palavra do mestre, devíamos todos repetir aquela até hoje oportuna e sabia observação, atualizando-a: Se a Alemanha declaramos a guerra, não será, não poderá ser para criarmos um Brasil novo à semelhança da Alemanha de Hitler. Não declaramos a guerra ao fascismo, para sermos nós próprios fascistas...

E' por isso que julgamos da maior oportunidade a iniciativa do DIP do Ceará fundando em Fortaleza um curso de preparação anti-fascista. Esse curso que tem a colaboração do magistério estadual, consta de aulas à mocidade, revelando-se a esta o conteúdo anti-humano, anti-brasileiro e perigoso do nazi-fascismo. Os nossos confrades d'"O Globo" publicaram, em sua última edição de sábado último, um aspecto fotográfico de uma aula, onde se vêem dezenas de moças e rapazes atentos à palavra esclarecedora do instrutor político.

Ora, é sabido que o integralismo — modalidade brasileira do nazi-fascismo — envenenou ideológica e politicamente uma grande parcela da mocidade com a sua demagogia social e nacionalista. As falsidades do integralismo, os seus engodos em torno de Deus, Pátria e Família, foram recebidos pelos jovens, naturalmente desprevenidos, como verdades do melhor quilate. Não se podia nem se pode exigir da juventude o espírito de vigilância necessário, nem a segurança bastante na escolha quer de idéias, quer de atitudes, numa época de confusão dirigida. Só por isso o integralismo conseguiu êxitos, algumas vezes notáveis, em seu trabalho demagógico, aparentemente brasileiro, mas de fundo tipicamente exótico e anti-nacional.

O que fez o integralismo, devemos agora desfazer. O curso de preparação anti-fascista organizado pelo DIP do Ceará começou a tarefa de um modo habil e patriótico. Por isso mesmo, deve servir de padrão para o resto do país. Os cearenses estão, pois, de parabéns.

E' através de iniciativas como essa que se ajuda a cimen-

tar, enérgica e vigorosamente, a vontade nacional de luta contra o inimigo, de um modo consequente. Não basta matar o alemão, o italiano e o japonês, para se ganhar a guerra. E' preciso, sobretudo, destruir o fascismo, pois que se trata de uma guerra pela liberdade e o inimigo fundamental da liberdade é o fascismo.

Quando o integralismo de camisa verde não pode mais aparecer para defender o nazi-fascismo e atacar a democracia, surge o integralismo sem camisa, os bonifrates de cordéis verdes, manobrados pela camara dos quarenta, que se conserva agora na sombra em criminosa expectativa. A melhor resposta ou a melhor defesa contra tais manobras e tais bonecos, é certamente a educação sistemática da mocidade, preservando-a do vírus nazi-fascista. Não queremos, não estamos na guerra por um Brasil fascista, mas ao contrário: estamos empenhados num combate de vida ou morte por um Brasil democrata, dentro de um mundo democrata. O DIP do Ceará compreendeu claramente o problema e deu o exemplo às demais unidades da Federação.

OS INTELLECTUAIS DE S. PAULO, COMO OS DO RIO, SOLIDÁRIOS COM A ENTREVISTA DO ESCRITOR JOSÉ LINS DO RÊGO A "DIRETRIZES"

Os intelectuais brasileiros são inimigos do fascismo. Eles não representam, decerto, um bloco monolítico de heróicos lutadores anti-fascistas, mesmo porque nem sempre há condições, no cenário político de um país, para certas manifestações de tenacidade e de bravura coletivas. Entretanto, de um modo geral, a intelectualidade brasileira não se deixou corromper pelo canto das sireias fascistas. Os agentes nazi-fascistas instalados no Brasil, embora apoiados pelos guichets de certas firmas alemãs ou italianas notoriamente conhecidas como financiadoras do quinta-colunismo, não lograram fazer um recrutamento em regra entre os verdadeiros intelectuais. E a sucursal brasileira do nazi-nipo-fascismo, a Ação Integralista, no setor intelectual como nos demais setores, apenas conseguiu mobilizar uma escória.

Ainda agora, a entrevista concedida pelo romancista José Lins do Rêgo a DIRETRIZES deu oportunidade aos intelectuais do Rio e de S. Paulo — os dois maiores centros culturais do Brasil — para manifestarem mais uma vez suas convicções democráticas e sua repulsa aos bárbaros regimens de exploração e de opressão dos povos. Aplaudindo as palavras do autor de "Moleque Ricardo", que através de nossas colunas definiu a posição de combate dos escritores ante os monstruosos crimes dos piores inimigos da humanidade, já se manifestaram, em telegramas que publicamos, os seguintes intelectuais residentes no Rio: srs. Aurelio Buarque de Holanda, Manoel Bandeira, Genolino Amado, José Honório Rodrigues, Francisco de Assis Barbosa, Rivaldavia de Souza, Anibal Machado, Sérgio Buarque de Holanda, Odílio Costa Filho, Alvaro Lins, José Cesar Borba, Astrojildo Pereira, Joel Silveira, Dante Milano, Roberto Alvim Correia, Otavio Tarquinio de Souza, Arnon de Melo, Afonso Arinos de Melo Franco, Valdemar Cavalcanti e Orsís Soares.

De S. Paulo, José Lins do Rêgo acaba de receber idêntico telegrama de aplausos e solidariedade dos intelectuais bandeirantes às corajosas e claras afirmações democráticas feitas através de DIRETRIZES pelo brilhante autor do "Ciclo da Cana de Açúcar". Ei-lo:

"Enviamos daqui calorosos aplausos certos de que gesto será acompanhado país confiante vitória liberdade pensamento. Abraços. aa.) Humberto Bastos, Carlos Scliar, Manoel Martins, Heitor Ferreira Lima, Tito Batini, Corifeu Azevedo Marques, Herculanio Torres Cruz, Ciro de Pádua, Edmundo Rossi, Sergio Milliet, Edgard Cavalheiro, Araujo Nabuco, Carmen de Almeida, Mario Donato, Rio Branco Paranhos, Naum Frankenthal, Maurício Loureiro Gama, Rivaldavia Mendonça e Paulo Zingg"

NOVOS MÉTODOS

Oragá é o sr. Bastos Tigre, ger manofilo empedernido, até bem pouco tempo encarregado da propaganda da Casa Bayer. A Casa Bayer teve da parte do governo nazi a incumbência de fazer propaganda nacional-socialista por todo o mundo. E para realizar tão ampla tarefa conta com recursos fartos e principalmente numeroso abundante. A Bayer costumava contratar, em todos os países, para seu trabalho de proselitismo político, jornalistas de cartaz que se disponham a aceitar certas em presas. Por isso o sr. Bastos Tigre foi mobilizado e ocupou um posto de destaque na Bayer, antes das coisas empretecerem um pouco no Brasil para os lados do fascismo.

A Bayer não pode continuar fazendo propaganda política em nosso país porque o governo houvesse por bem intervir na empresa. Mas o ex-diretor de propaganda da empresa nazista não ensarribou

EXPEDIENTE "DIRETRIZES"

Propriedade da
EMPRESA EDITORA
DIRETRIZES LTDA.
Direção de
MAURÍCIO GOULART
SAMUEL WAINER
Secretaria de
JOEL SILVEIRA
Gerência de
AFRÂNIO DE FREITAS
BRUZZI
Publicidade
AGUINALDO FREITAS
Redação
ALCEU MARINHO REGO,
ALVARO MOREIRA,
FRANCISCO DE ASSIS
BARBOSA
Artes Plásticas
CARLOS CAVALCANTI
Música
MURILO DE CARVALHO
Rádio
NASSARA
Crônica Internacional
HERMES LIMA
CRONISTAS
Economia e Finanças
TEÓFILO DE ANDRADE
Crônica
ASTROJILDO PEREIRA
Medicina e Saúde
DR. LINCOLN DE FREITAS
FILHO
Paginação de:
AUGUSTO RODRIGUES
Ilustrações de:
IRENE E ARTEOBELA
Redação e Administração:
RUA 1.º DE MARÇO, 7
(8.º and.) — (Entrada pelo
Beco dos Barbeiros)
Telefones: 43-8570 e 43-8598
Direção e Redação: 43-8570
Gerência e Publicidade:
43-8598

S U C U R S A I S
SÃO PAULO
ALFREDO GALLIANO
Praça do Patriarca, 26
2.º andar

S A N T O S
ROBERTO SILVA
Palácio da Bolsa, 2.º andar

B E L O H O R I Z O N T E
DR. JOSE OLÍMPIO DE
CASTRO F.
Avenida Afonso Pena, 774
2.º andar

R E C I F E
ANTONIO FREIRE
Rua do Imperador, 300 —
2.º andar

P O R T O A L E G R E
A. B. FONTOURA
Rua Uruguaí, 91

C U R I T I B A
DR. PAULO TACLA
Rua Saldanha Marinho, 370
CORRESPONDENTES EM
TODAS AS DEMAIS
CAPITAIS

REPRESENTANTES
para a venda avulsa e assinaturas em mais de 400 municípios do Brasil

PREÇOS
Número avulso . . . 1\$000
Número atrasado . . . 2\$000
Assinatura anual . . . 50\$000
Assinatura semestral 25\$000

armas. Apenas passou a utilizar novos métodos.

Hoje ele já não pode copiar à risca, no Brasil, os processos utilizados por seus parceiros da "Cruz de Feu", da Franca, da Falanga Espanhola franquista ou das outras organizações fascistas, ou filiofascistas espalhadas pelo mundo. Adota porém métodos indiretos para continuar servindo aos mesmos métodos.

Assim, através de seu pseudônimo Oragá, publicou há dias, na imprensa, uma crônica aparentemente inofensiva e até depreciativa dessa coisa já tão depreciada que é a coragem dos camisas negras de Mussolini. Oragá lançou mão da anedota do italiano que pretendia suicidar-se mas não tinha coragem de dar um tiro na cabeça. Por isso, postou-se à beira de uma calçada, no momento em que desfilava pela rua uma tropa de milicianos fascistas e (Conclue na página 8)

Há uma grande confusão no cinema brasileiro!

Para Raul Roulien o cinema brasileiro é coisa que ainda não existe. Tudo está por fazer. Até agora, no Brasil, os amadores (alguns bem intencionados) a maioria dos cavalheiros de indústria (cujos nomes não será preciso denunciar) não tem feito mais que atrapalhar o desenvolvimento desse negócio da China que se chama cinematografia. É necessário, primeiro, formar a indústria, entregá-la a verdadeiros profissionais, negar pão e água aos maus amadores para que o cinema brasileiro comece a viver. A "Cidade-Cinema", velho sonho de Roulien, é o ovo de Colombo capaz de solucionar o complicadíssimo problema da má qualidade permanentes dos filmes nacionais.

Raul Roulien converteu longamente com DIRETRIZES. Fomos perguntar-lhe no que poderia o cinema ajudar o esforço de guerra, que começamos a empreender desde o reconhecimento do estado de belligerência criado pela Itália Fascista e pelo Reich Alemão contra o Brasil. Respondendo à nossa pergunta, o realizador do "Grito da Mocidade" prestou-nos sensacional depoimento sobre a sua experiência de cineasta. Não pensem que o depoimento de Roulien seja o lamentamento de desespero de um fracassado ou a opinião azeda de um derrotista. Nada disso. Fracassado ele não é: "Aves sem ninho" figura entre as três ou quatro películas que se salvam da nossa tristíssima produção cinematográfica. Derrotista, também não; mesmo por que chega a considerar um crime de lesa-pátria a descrença no futuro da indústria do cinema nacional. Vamos colocar os pontos nos ii. Nem fracassado, nem derrotista, Roulien é uma criatura normal, absolutamente sensata e com bastante autoridade, que decidiu falar ao reporter com toda a sinceridade. E agora, passemos ao depoimento.

PORQUE ABANDONOU HOLLYWOOD

— Não é de hoje que estudo cinema — principiou. Em Hollywood, desde o meu segundo filme, que foi "Deliciosa", preocupei-me mais com os problemas técnicos da cinematografia que com o sucesso da minha carreira de ator. Queria aprender cinema. O resto passou a ser coisa secundária. Não fiz nenhuma força para subir, apesar de que, em poucos anos de trabalho, transformei-me de simples coadjuvante em astro principal. Considero "O último varão sobre a terra" e "Voando para o Rio" os dois pontos mais altos da minha vida de ator cinematográfico. Depois de estrear o melhor filme em espanhol que saiu dos estúdios norte-americanos e o primeiro filme de longa metragem com tema brasileiro, achei que

SENSACIONAL ENTREVISTA DE ROULIEN SOBRE OS NOSSOS FRACASSOS CINEMATOGRAFICOS — PORQUE ABANDONOU HOLLYWOOD — RECUSOU UM PAPEL AO LADO DE MARLENE DIETRICH — DO "GRITO DA MOCIDADE" A "ASAS DO BRASIL" — CADASTRO DE TÉCNICOS — A CIDADE-CINEMA E A INDUSTRIALIZAÇÃO — CINEMA É O MAIOR NEGOCIO DO MUNDO! — CONTRA OS AMADORES E OS "PROFITEURS" — O CINEMA E A GUERRA — "EU SEI COMO RESOLVER O PROBLEMA", CONCLUE O REALIZADOR DE "AVES SEM NINHO"

Reportagem de FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

minha missão nos Estados Unidos estava cumprida. Precisava voltar ao Brasil. Era aqui, no meu país, que eu tinha de trabalhar, em proveito da cinematografia nacional.

E Roulien continua a sua história:

— Deixei Hollywood como o pioneiro da política de boa-vizinhança, depois de recusar o papel que veio a caber a Charles Boyer em "O Jardim de Allah", ao lado de Marlene Dietrich. Chamavam-me insistentemente do

prossegue — encontrei, no meu regresso, os maiores empecilhos ao meu trabalho. A verdade manda dizer que eu tive que fazer o meu primeiro filme no meio da rua. Não desanimel. "O Grito da Mocidade" teve duas versões, uma em português, outra em espanhol. Que o filme foi um grande sucesso financeiro, isso não é segredo para ninguém. E olhe, ficou barato, muito barato mesmo. As duas versões custaram duzentos e poucos contos. Uma ninharia,

ra a sétima arte no Brasil. Sem isso, o cinema continuará esmagado pelas mãos incompetentes de uns quatro ou cinco aventureiros apesar do esforço honesto de alguns dos estúdios existentes. Nós precisamos criar uma verdadeira mentalidade cinematográfica. Negar pão e água aos amadores... "soi disant".

UMA GRANDE CONFUSÃO

— Sejam sinceros — propõe.



"Não é de hoje que estudo cinema. Em Hollywood, desde o meu segundo filme, que foi "Deliciosa", preocupei-me mais com os problemas técnicos da cinematografia que com o sucesso da minha carreira de ator" — declara Raul Roulien

Brasil. Francisco Serrador aceitava-me com a "Cidade-Cinema", em Itaipava. Eu vim correndo, esquecendo todas as vantagens de ordem material. Rejeitei papéis de importância, não só com Marlene, como também no filme de estreia de Lily Pons. Anulei contratos. Não me importei mais com a glória. Tudo por que? Porque estava certo de que chegara a minha hora de trabalhar pelo cinema brasileiro. O meu lugar era no Brasil e não nos Estados Unidos.

OS PRIMEIROS PASSOS

— Infeliz ou felizmente —

em comparação aos demais filmes brasileiros que custam, em regra, de trezentos e oitenta a setecentos contos de réis.

Sempre com a mesma decidida coragem de contar tudo, Raul Roulien disse-nos, a seguir, o seguinte:

— Depois de "O Grito da Mocidade", resolvi descansar. Durante dois anos, em que tomei muito banho de mar, fiquei elaborando um plano orgamentário para a construção e instalação da cidade brasileira do cinema, o que, segundo o meu modo de ver, representaria o início de uma era de autêntico profissionalismo pa-

E continuando a sua exposição:

— O mal do cinema brasileiro é que ninguém o leva a sério. A quem cabe a culpa? Ora, os culpados são muitos. É muito difícil explicar. Em primeiro lugar, há uma grande confusão nesse negócio de cinema nacional. Todos brincam de fazer filta. Os capitalistas andam tontos. So empregam dinheiro em porcas que ficam num dinheirão.

Raul Roulien fala sem ser interrompido, como se estivesse pronunciando uma conferência:

— Em segundo lugar, o cinema brasileiro está nas mãos de

homens que tocam sete instrumentos. Assim, não é possível trabalhar. Boa vontade não é tudo. Finalmente, em terceiro lugar, a deficiência de instalações técnicas. Além disso, o coltado que se meter a fazer uma película, no Brasil, depois de vencer mil e uma enormes dificuldades, acaba sendo forçado a desistir da idéia pela impossibilidade material de encontrar, já não digo um "studio" em condições, o que seria querer demais, mas um lugar para filmar...

CADESTRO DOS TÉCNICOS

A respeito dos técnicos nossos patriotas que querem chupar cana e assoviar ao mesmo tempo, Roulien lembra que só o levantamento de um cadastro, que apure devidamente os verdadeiros valores, poderá liquidar de vez a questão.

— Só com este cadastro — diz — é que se garantirá a seleção dos valores. Entre os homens que se vem esforçando para fazer cinema no Brasil, muitos existem cujas qualidades não foram ainda aproveitadas como deviam. O cadastro colocaria, por assim dizer, cada macaco no seu galho. Isto é, cada um passaria a fazer exclusivamente o que fosse da sua alçada. E tudo começaria a marchar para a frente e não às avessas como tem acontecido até agora.

E Raul Roulien nos observa, com a mesma franqueza de sempre:

— Nada fizemos ainda, em matéria de cinema. Nem um ou outro filme, podemos registrar alguns lampejos artísticos. Nada mais. Mas isso é uma gota d'água no oceano. O cinema brasileiro só começará a viver de verdade depois da indústria. E isso há de acontecer muito breve, se Deus quiser. Você verá. Eu chego a imaginar dois lançamentos, no mesmo dia, na Cinelandia, com bichas imensas. Fique certo de uma coisa. Apesar da celulose pelo preço que está, apesar da canfora presa no Japão, cinema é o melhor negócio do mundo. Um negócio capaz de render 180 por cento em dezoito meses!

A "CIDADE-CINEMA"

Após esse longo e interessante introito, Raul Roulien fala-nos sobre o seu famoso plano da "Cidade-Cinema":

— Dirigi um memorial ao Presidente Getúlio Vargas, faz alguns anos, pedindo o amparo do Governo para a instalação da minha "Cidade-Cinema". Eu me propunha a produzir anualmente quatorze filmes de longa metragem e cento e dez "shorts", mediante um empréstimo de três mil contos de réis e a isenção de todos os impostos, em caráter

(Conclue na página 16)



**MOVEIS · CORTINAS
TAPETES · DECORAÇÕES**

ASA

RIO DE JANEIRO

UNES

**AGORA SOMENTE
65-R. DA CARIOCA-67**

AVISO

AS TABOLETAS

ALVARO MOREYRA

Das pessoas que não simpatizam com o marechal de campo Adolf Hitler, algumas atiram contra ele, como insulto, o seu modo anterior de ganhar a vida. Por que foi pintor de taboetas, tais pessoas entendem que não podia subir aonde subiu. Entendem mal. Nenhum trabalho deshonra o trabalhador. Espinosa, para se sustentar, poliu vidros de instrumentos óticos. Exemplo distante de um homem de gênio. Exemplos próximos de homens espertos, o mundo de depois de 1918 forneceu em quantidade. Aqui mesmo, possuímos o senhor Matarazzo, que foi funileiro ambulante em São Paulo, antes de ser conde de Papa e dono riquíssimo de outras indústrias.

Não. Pintar taboetas, se não passasse de profissão, até os amigos do condutor do nazismo deviam citar com orgulho. Guilherme de Hohenzollern nem pintor de taboetas conseguiu ser, e também dirigiu e desgraçou a Alemanha.

Mas, pintar taboetas, é uma vocação de Hitler. Um pendão. Um dom. Hitler pintou taboetas, está pintando taboetas, há de pintar taboetas. Não sabe daí. É mais forte do que tudo o instinto que lhe mete o pincel na mão. Pincel que apresentava, no princípio, a forma visível, comum aos objetos dessa espécie, e hoje é metafísico, e maior por não ser percebido: — o poderoso pincel...

Haja taboetas! O que Hitler quer é pintar taboetas!

E tem pintado sem descanso.

Uma, no meio de tantas, lhe toma o tempo em toques e retoques, a preferida, a mais amada, a que anunciou a ressurreição dos deuses e dos heróis, taboeta sonora, com música de Wagner em andamento de passo de ganho: enorme, cor de sangue, cor de fogo, — três cabeças na frente, — a do próprio artista, a de Mussolini, a do imperador do Japão, e atrás, misturadas, brancas, pretas, amarelas, cabeças sem conta e naturalmente sem mais nada, amostras da raça pura, pronta para o domínio da terra, do mar, do ar, avisando, em letras apocalípticas:

NÓS SOMOS ARIANOS!

Nas esquinas do país que foi de Goethe, de Novalis, de Heine, o infatigável colocara, ao jeito medieval, pedaços de ferro definidores:

MORRA A INTELIGÊNCIA!

VIVA A GUERRA!

Atarantada, confusa, perdida, a ex-pátria da "Kultur" repetia as palavras delirantes, e dansava a "Cavalcada das Walkírias" como se fosse a valsa da "Viúva Alegre". Cada taboeta nova punha nas camisas uma alucinação nova.

A gente esclarecida tinha sido posta dentro dos campos de concentração ou fora das fronteiras e da vida. Não se via mais a Alemanha, aquela que, com toda a força das armas, o Kaiser não chegou a destruir, e que o fuehrer, com um pincel borrou para sempre.

Não foram os vivos a guerra que arranjaram a guerra. Foram os mortos a inteligência. E a guerra, afinal, derrubará as taboetas de Hitler, substituirá todas por uma só, a última:

DA-SE ATERRO!

A GUERRA NA MINHA PEQUENA CIDADE

(Conclusão da página 2)

que ele não nos falte no futuro. Se os ingleses fizeram todas essas coisas, por que também não poderemos fazê-las? Era evidente, por seu modo de falar, que os filhos de Kansas ainda possuíam a mesma energia de seus avós que viajaram nas carroças cobertas e abriram as intermináveis campinas, que estão hoje cobertas de milho e trigo. Wichita, desistirá de quase tudo na premência temporária da guerra. Saberá como lutar pela restauração de tudo que já possuiu.

Sim, desistiremos de tudo — exceto do nosso direito de crítica, do nosso direito de ser uma parte real da guerra e do mundo de após guerra. Como os ingleses, nós criticamos livremente o que quer que seja feito — mas não nos queixamos de qualquer falta de conforto, agora ou mais tarde. Recebemos muito bem o racionamento, pois, é um meio de tornar iguais os sacrifícios. Admiramos o povo britânico pela sua

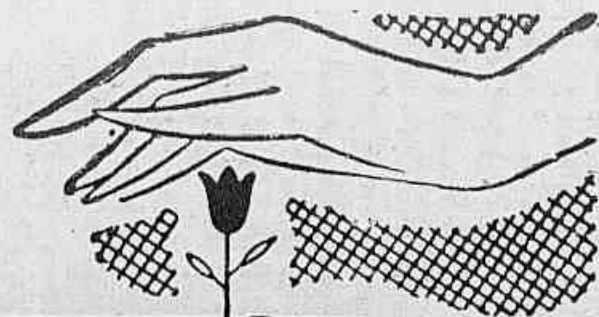
fibra. Sabemos que, naquele inverno de constantes bombardeios, ao lado da determinação de vencer, eles defendiam a democracia.

Estavam lutando pelo que os nazistas e os japoneses chamam de "moleza". Para os homens que vivem amedrontados, para os homens cujas vidas são arregimentadas, para os homens cujo esforço total, durante mais de dez anos, foi dedicado à guerra — as vidas livres de outros homens podem parecer "faceis". Mas, se ainda fosse somente pela ação do medo, valia a pena lutar. Possivelmente, é essa a mais importante das quatro liberdades, e a menos compreensível pelos japoneses e nazistas, que não a conhecem há muitos anos. Talvez seja difícil ao inimigo entender que, para os americanos, isso é infinitamente mais precioso do que qualquer espécie de seu decantado conforto. E os americanos sabem que nenhum sacrifício será grande demais para que esse medo não se estampe nos rostos de seus filhos.

DEPURATIVO

tabiroso

LACTARGYL
O TRATAMENTO MAIS FACIL
DA SIFILIS INFANTIL



COMEMORAÇÕES DO "DIA DA IMPRENSA" EM S. PAULO

Entre as várias comemorações do "Dia da Imprensa", promovidas pela Associação dos Profissionais da Imprensa de São Paulo, destaca-se o programa organizado pela Rádio Cruzeiro do Sul, no qual se fizeram ouvir os jornalistas Dario de Barros, presidente da prestigiosa entidade, Manoel Mendes, do DEIP, e J. F. Mello Nogueira, presidente da Câmara Representativa da APISP.

"Em nenhum outro instante poderia a Diretoria da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo dirigir-se, com mais oportunidade aos seus associados, servidores devotados da Nação em um dos mais nobres setores da atividade humana. É no "Dia da Imprensa" que se dirige ela aos trabalhadores dos jornais e das radio-emissoras do Estado, enviando-lhes o seu abraço de irrestrita solidariedade nesta hora an-

gustosa que vive o mundo quando a civilização se defende heroicamente, escudada nas forças invencíveis da Democracia, da qual a formação nacional é parte integrante e valorosa. Quer, ainda, nesta emergência, a diretoria da Apisp, concitar os seus quase dois mil congêneres, legítimos soldados da dignidade brasileira, a cerrarem fileiras intransponíveis em torno do benemerito governo do eminente Presidente Getúlio Vargas, pugnando por todos os meios ao alcance do homem pela liberdade e pela Justiça, numa tenaz guerra aos inimigos da Pátria".

Encerrando as comemorações do "Dia da Imprensa", a Associação dos Profissionais de Imprensa de S. Paulo, promoveu domingo último, um almoço de confraternização de seus associados, que foi dedicado à "A Noite", em virtude do seu aparecimento em São Paulo, o qual decorreu num ambiente de grande vibração cívica, em virtude do estado de guerra existente entre o Brasil e as nações totalitárias.

Todos os oradores pronunciaram palavras de vibrante civismo,

condenando sem reservas os golpes traiçoeiros vibrados pelos países do eixo contra o Brasil.

NOVOS MÉTODOS

(Conclusão da página 6)

começou a dar morras ao fascismo e a Mussolini. Desfilavam os camisas negras, uns indiferentes, outros até soridentes para o homenzinho. O manifestante suicida continuava a dar "morras", até que um miliciano lhe advertiu: "cuidado, camarada, aí atrás vem um sargento que é fascista".

Aí está uma habil manobra de subestimar o perigo fascista e de apontar os camisas negras de Mussolini com uns pobres cordeiros submetidos a uma disciplina de ferro. Oragá provavelmente procura fazer esquecer que os submarinos italianos tem tido uma participação ativa na criminosa campanha contra a navegação brasileira.

O povo precisa abrir os olhos, mantendo-se em guarda contra esses inimigos declarados de ontem, que hoje mudam de tática, substituindo a propaganda ostensiva pelos métodos indiretos e disfarçados.

União nas duas frentes

ASTROJILDO PEREIRA

A palavra de ordem de União Nacional se impõe por si mesma, ditada que é pela necessidade primordial e absoluta de defesa do país contra a agressão do banditismo nazifascista. Nada mais simples, nada mais claro, nada mais compreensível. Trata-se por assim dizer de uma idéia concreta, sobre a qual não pode haver duas opiniões, e por isso mesmo impossível de ser desvirtuada ou safismada. No entanto, alguns cavalheiros — precisamente aqueles que sempre mostraram admiração e simpatia pelos regimes nazi-nipo-fascistas — estão fazendo tudo por sofismá-la e desvirtuá-la. O jogo é realizado com requintes de despistamento, mas toda a gente sabe hoje que a técnica do despistamento forma a própria base de toda a ação subreptícia e confusionalista exercida pelos agitadores disfarçados da quinta-coluna.

Contra que países estamos nós em guerra declarada? De que países somos nós aliados nesta guerra? Pelo que dizem esses cavalheiros, ninguém pode saber de certeza certa. Eles falam sempre de modo vago, referindo-se a inimigos que nunca são discriminados concretamente, ou inculcando que entre estes inimigos deve ser incluído certo país que faz parte, e parte preponderante, das Nações Unidas. Devemos ainda observar que eles usam invariavelmente, na sua agitação, a mesma terminologia política usada pelos fascistas do mundo inteiro.

Vamos botar as coisas em termos exatos. O Brasil se acha em guerra declarada contra a Alemanha e a Itália, e de relações diplomáticas rompidas com o Japão e demais países satélites do Eixo nazi-fascista. Somos, por conseguinte, aliados e companheiros de ar-

mas da Comunidade Britânica, da China, da União Soviética, dos Estados Unidos, do México, de Cuba, de toda a América Central e mais dos governos livres que escaparam dos Estados ocupados pelo invasor — ao todo perto de trinta nações, unidas num só bloco de combate ao inimigo comum.

Esta união de nações no plano mundial obedece ao mesmo princípio da união dos indivíduos no plano nacional: a necessidade imperativa da luta contra o inimigo comum. Inimigo comum que é sempre o mesmo, em ambos os planos: o Eixo nazi-fascista. Seria totalmente absurdo, por conseguinte, pregar a união nacional e ao mesmo tempo solapar a idéia da união mundial. Na realidade, toda tentativa, seja a que pretexto for, de obscurecer, baralhar e sabotar a idéia da aliança do Brasil ao bloco das Nações Unidas, de todas as Nações Unidas sem exceção, resultará forçosamente em obscurecer, baralhar e sabotar a idéia da União Nacional dos brasileiros contra o nazi-fascismo.

Do mesmo modo, toda tentativa de levantar suspeitas, por supostos motivos de ordem interna, justamente sobre os brasileiros que sempre se bateram, pela palavra ou pela ação, contra os regimes nazi-fascistas em favor das liberdades democráticas, — desde a invasão da China pelo Japão, durante a guerra da Itália contra a Abissínia, durante a guerra civil espanhola, nas campanhas, aqui dentro, contra o integralismo, — além de ser de todo em todo contrário ao mais elementar bom senso resultará igualmente em debilitamento de frente interna, ou seja, por consequência, em serviço prestado ao inimigo.

Obra típica, num caso como no outro, do mais típico quinta-colunismo.

A carta que publicamos em nosso número anterior, sob a epigrafe acima, continua a impressionar grandemente o espirito público. Em setores varios de opinião, intelectuais ou não, a repercussão da noticia sobre o atentado que se prepara contra a obra de Rui Barbosa manifestou-se, como era de se esperar, de forma e natureza diversas.

O fato constitue, realmente, uma surpresa de assombrar. É quase inacreditavel a audacia desses remanescentes da horda verde, que se acham por aí aboletados em cargos de responsabilidade, aceitando a incumbencia de prefaciador e comentar volumes que integram as "Obras Completas" do grande escritor que foi, no Brasil, o campeão dos principios liberais e democráticos.

A esse propósito, é justo salientar, muito especialmente, o vibrante discurso do acadêmico da Delegação da Baía, Ives Orlando Tito de Oliveira, perante os seus companheiros do V Congresso Nacional dos Estudantes, pedindo aos poderes públicos as providencias inadiaveis e necessarias no sentido de evitar-se o inominavel abuso de confiança prestes a tornar-se fato consumado. A voz desse jovem estudante da terra de Rui Barbosa tem a força inquebrantavel da verdade que, de forma alguma, deve ser obscurecida num momento como o que ora vivemos.

É um crime pretender deturpar o pensamento politico de Rui Barbosa. A insidiosa penetração do integralismo precisa de ser banida. Os pretensos comentadores e prefaciadores das "Obras Completas" do jurista patricio não tem, não podem ter, a autoridade moral e intelectual para um trabalho de tal natureza. Os srs. San Tiago Dantas, Américo Jacobina Lacombe e Thiers Martins Moreira são figuras de prôa do movimento integralista e continuam possivelmente com as mesmas idéias politicas e doutrinas que são a negação total das idéias politicas e dou-

QUEREM VESTIR A CAMISA VERDE EM RUI BARBOSA!

Entre a Carta do Sr. Rubens Porto e o Discurso do Estudante Baiano Ives Orlando Tito de Oliveira

trinarias do grande Rui. Urge, portanto, uma providencia contra a consumação do ultrage.

O proprio diretor da Imprensa Nacional, por onde as "Obras Completas" de Rui Barbosa vão ser editadas, reconhece a gravidade do fato. Na carta que dirigiu ao sr. Mauricio Goulart, diretor de DIRETRIZES, negando qualquer ligação anterior com a Ação Integralista Brasileira, procura salvar a pele declarando não ser sua a responsabilidade da escolha de antigos "camisas verdes" para prefaciador e comentar a obra de Rui Barbosa.

A CARTA DO SR. RUBENS PORTO

Embora não se trate de documento inédito a carta particular que nos enviou o sr. Rubens Porto, pois já foi divulgada em dois ou três jornais desta capital, aqui a republicamos, hoje, afim de que não pareça dúvida sobre a lisura da nossa atitude. A carta do sr. Rubens Porto foi escrita nestes termos:

"Rio, em 17 de Setembro de 1942.

"Prezado confrade e condiscipulo Dr. Mauricio Goulart.

"Tem esta por fim, em nome da Verdade (com V maiusculo), solicitar a gentileza de duas retificações a publicação de DIRETRIZES, número de hoje, sob a epigrafe "Querem vestir a camisa verde em Rui Barbosa".

"A primeira é a de que nenhuma interferencia teve no plano da publicação e na escolha dos comentadores das obras completas de Rui, o diretor da Imprensa Nacional. No tocante ao assunto da edição dessas obras, é ela da alçada do Ministério da Educação e Saúde, que a iniciou em 1937 e, por efeito da mudança do seu Serviço Gráfico para a I. N., em

1-10-1940, passou para a Imprensa Nacional a incumbencia de ultimá-la, a pedido expresso do sr. ministro da Educação. "Como vê, NENHUMA responsabilidade poderá caber ao seu eventual diretor, mesmo porque seria exigir demais, se fôssemos nós fazer a censura das obras de que o Estado, pelos seus órgãos competentes, solici- ao a impressão.

"Uma segunda retificação, e esta do ponto de vista pessoal, é o equívoco em que elabora (sic: este "sic" é nosso, isto é, de DIRETRIZES) o missivista da carta transcrita, que mereceu destaque na epigrafe do bem paginado artigo (sic: também nosso), no tocante a credo politico professado pelo signatario desta e que ele não sabe "informar com segurança" (sic: este "sic" é do sr. Rubens Porto) se ainda continua sendo o mesmo.

"A respeito só me cabe esclarecer que, homem do Governo — embora modesto — desde 1930, jamais me filiei a qualquer partido politico, não tendo tido nem mesmo ocasião de assistir a qualquer reunião da A. I. B.

"Ficam, assim, meu caro Mauricio Goulart, respondidos

O DISCURSO DO ESTUDANTE BAIANO

O discurso do estudante baiano Ives Orlando Tito de Oliveira, e que mereceu integral solidariedade dos demais membros do V Congresso Nacional de Estudantes, a que nos referimos atrás, é o seguinte:

"Exmo. Sr. Presidente da U. N. E. — Colegas do Brasil:

Como baianos e como brasileiros acima de tudo, venho em nome do povo e dos estudantes do Brasil protestar veementemente, com todas as minhas forças, com todas as energias de meu espirito, com toda a coragem de meu temperamento, contra o fato de as obras completas de Rui Barbosa serem editadas, anotadas e prefacia-

dos. Os únicos pontos que me dizem respeito, e sobre o fato peço a liberdade de lhe contar algo que a ele se aplica.

"Costumava eu passar minhas férias, no nosso tempo de colegio, em Minas Gerais, e lá, nas montanhas, conheci um sapateiro-filósofo, que, não desejando condenar de plano aquelas moças para com as quais a natureza tinha sido ingrata, dizia sempre: "E feia de cara, mas o que estraga é o corpo. No mais, serve".

"O diretor da Imprensa Nacional, repito, NENHUMA responsabilidade tem no criterio adotado nas obras de Rui Barbosa, iniciada quando nem de leve lhe passava pela idéa a responsabilidade, que encerra, e a inveja que causa o referido cargo de Diretor da I. N., para o qual foi nomeado, não por "casualidade", como diz o missivista, mas por honrosa escolha pessoal do sr. presidente da República; nem tampouco pertenceu ele a A. I. B., como foi alegado. "No mais..."

"Junto vão alguns trabalhos meus, que talvez V. não conheça.

"Sem outro objetivo sou, cordialmente, o

(a.) RUBENS PORTO".

das por elementos suspeitos por terem sido ou ainda serem da famigerada e nefanda Ação Integralista Brasileira.

O que neste momento faço é dar apoio integral e irrestrito á carta aberta dirigida pelo sr. Martin Cabral Moreira á revista "DIRETRIZES", a qual mostra com fatos evidentes que os integralistas Américo Jacobina Lacombe, San Tiago Dantas, Thiers Martins Moreira e o editor Rubens Porto, diretor da Imprensa Nacional, não podem de forma alguma ser colaboradores da edição das "Obras Completas" do grande Rui, do imensuravel Rui, a

quem a Baía venera e o Brasil idolatra.

Em nome do povo de minha terra, em nome dos principios democráticos, em nome da liberdade, em nome do Direito, em nome da República Federativa, de que Rui foi o principal autor, em nome das tradições nacionais, apoio decididamente a carta aberta do ilustre brasileiro e venho proclamar sem vacilações, sem dúvidas ou medo, que não admitiremos que o Ministério da Educação consinta em semelhante coisa, porque isto seria contra os sentimentos do povo e dos estudantes brasileiros.

Não admitiremos que Rui, o nosso lider, o apóstolo das liberdades públicas, o advogado intransigente das vítimas das violencias do poder, o defensor intrépido da lei e do direito, venha a ter a sua obra antifascista e anti-integralista anotada e prefaciada por elementos adeptos dos regimes de força e dos principios de violencia.

O meu protesto aqui fica e a minha adesão á carta do ilustre Martin Cabral Moreira, como marco indiscutível de minha repulsa, que é a repulsa do povo e dos estudantes brasileiros.

Só acreditamos que os verdes deixem de ser galinhas, quando condenarem mpública e notoriamente as idéias do Integralismo que eles sempre abraçaram. A não ser assim continuam sendo integralistas, nefandos e nefastos. Solidariedades de palavras não nos interessam.

Colegas do Brasil: Espero a vossa solidariedade ao meu gesto e que se faça imediatamente uma nota ao ministro da Educação aos jornais, ponderando a necessidade de se impedir que em Rui Barbosa, a Agua de Haya, aquele que defendeu com audácia jamais vista e coragem jamais prevista, a igualdade dos Estados, dos seus direitos e de seus deveres perante a conferencia da paz — esta igualdade pela qual hoje nos batemos, esta igualdade que nos fez entrar na guerra, esta igualdade de tratamento de nação para nação e de que tivemos o exemplo magno da histórica conferencia dos Chanceleres no Rio de Janeiro — em Rui Barbosa vistam a camisa verde, indigna e ultrajante!

Denuncio perante o Brasil, ás suas autoridades, esses elementos que pretendem fazer da obra de Rui, obra antidemocrática e anti-liberal".

Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes O EMBLEMA DO SEGURO



NO BRASIL

Incêndio, Transportes, Acidentes do Trabalho, Acidentes pessoais, Automoveis, Fidelidade e Responsabilidade civil

A reação nativista

Rivadavia DE SOUZA

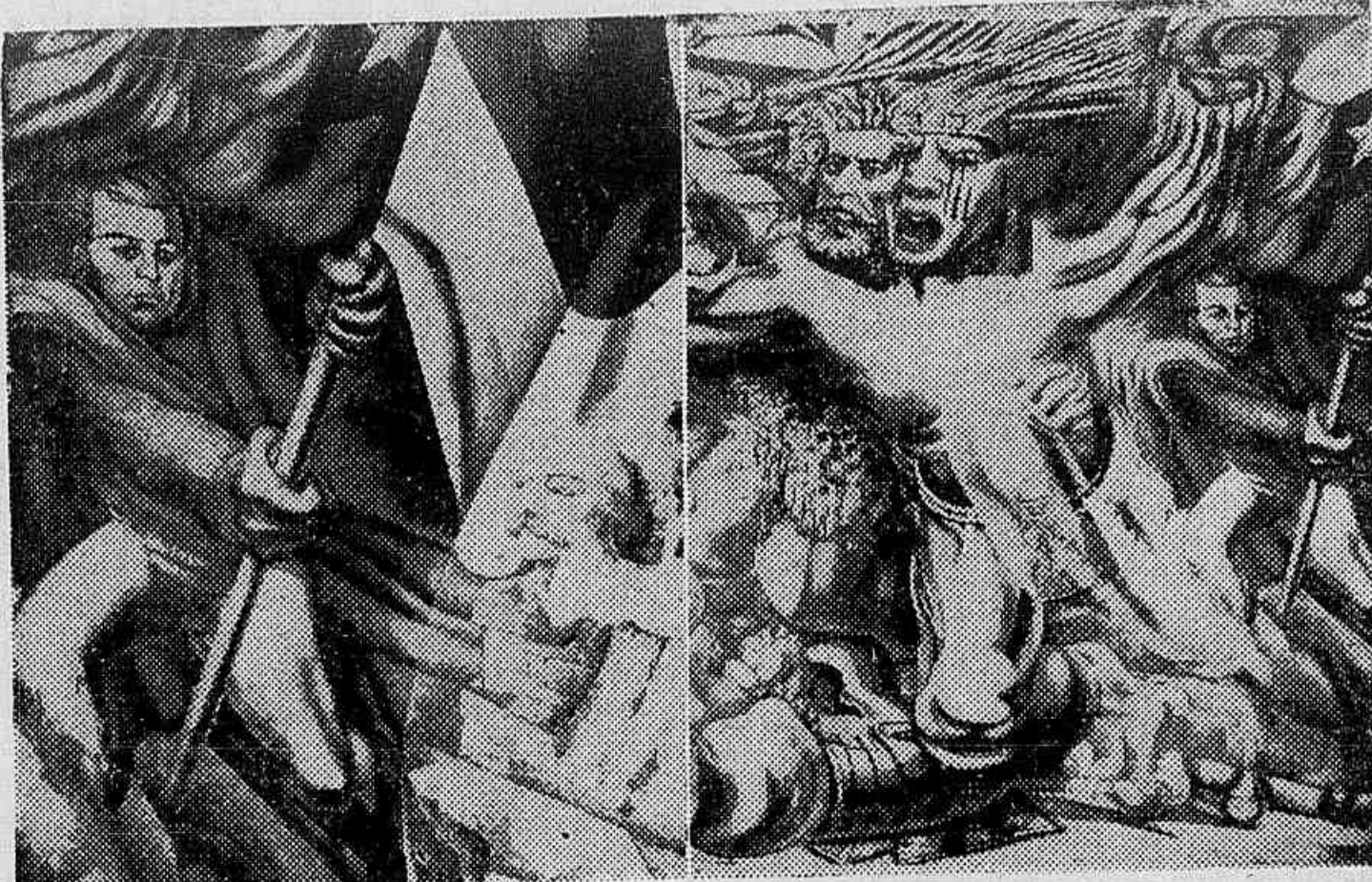
Quando a nossa caboclada, com Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira à frente, resolveu ugar duro em cima do exército mercenário e adestrado das Companhias Holandesas, Lisboa discutia, provavelmente, na conta corrente do erário real, se valeria a pena conservar esta colônia distante. Enquanto tais sutis e altas razões de política imperialista tinham curso pelos gabinetes da coroa, a consciência nacional brasileira plasmava-se, a coroação de rifles, na resistência de Guararapes e na expulsão do invasor. E' claro que, nessa altura dos acontecimentos, só havia um denominador comum identificando a reação nativista: a decisão de lutar, independente das resoluções imperiais.

Por uma dessas coincidências muito frequentes na tessitura de caprichos que formam a história, a Nação foi agredida outra vez lá mesmo, nas cercanias de Guararapes. Estamos, pois, novamente identificados pelo mesmo denominador comum: de novo a reação popular percorreu, num ritus eletrizante de revolta, toda a coluna vertebral do país.

"Esta guerra é do povo", exclamou, quando aqui esteve, o sr. Nelson Rockefeller. E, dias depois, o Presidente Getúlio Vargas confirmava, esse conceito de uma das mais autorizadas vozes do nosso aliado maior: "A vossa reação, brasileiros, esteve à altura da ofensa. Protestastes com indignação, solicitastes por todas as formas de expressar a vontade popular que o governo declarasse guerra aos agressores, e assim foi feito". Mas essa comunhão entre o governo e o povo, numa hora em que o destino brasileiro foi lançado na balança de sangue das Nações Unidas, possui, ainda, os seus precalços. E' aqueles que mais se devem sacrificar, mobilizando a sua ansia de luta através da câmara frigorífica da paciência, da prudência e da lenta filtração dos acontecimentos, são precisamente os maiores inimigos do fascismo. Estamos atravessando um só minado. Homens que tinham o dever, material e moral, de abrir claras perspectivas à ação vigorosa e decidida do governo, são os primeiros a envenenar o ambiente com uma série de drogas confusionalistas, criando problemas de estética doutrinária, numa hora em que a juventude do mundo trava conhecimento com a morte antes mesmo de conhecer a vida. Temos um inimigo a combater, inimigo confesso, atrabiliário, desafortado e impiedoso. E há quem volte as costas a essa tremenda ameaça, para procurar outros inimigos debaixo da sua cama, atrás da porta do seu apartamento, no bolso trazeiro das suas calças. Num momento em que a Rússia está ligada à Inglaterra imperialista e aos Estados Unidos plutocratas, seria tão estúpido quanto ridículo que, no Brasil, um comunista tivesse a ingenua puerilidade de reivindicar para si a reforma das instituições brasileiras de acordo com os canones da mais pura moral marxista... Principalmente porque, já então, ele estaria fazendo o jogo da Quinta Coluna. Quem se apresenta ao governo pedindo um fuzil e o sagrado direito de morrer na linha de frente, defendendo a sua pátria, fez uma simples, mas profunda profissão de fé patriótica. Quem, pelo contrário, esquece o drama universal em que estamos envolvidos, para transformá-lo numa ingloria e mesquinha luta ideológica interna, separando "ismos" cuidadosamente para atirar uns contra os outros, está procurando, consciente ou inconscientemente, amarrar as mãos do governo, embarçar os seus passos, encher de obstáculos perigosos o seu caminho. O esforço de guerra, aqui, na China, nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na Rússia, visa uma única finalidade: destruir o nazismo. Todos os outros "ismos" fundiram-se num só bloco, para deter a bárbara avalanche de mortes que se abateu sobre o mund. Enquanto essa avalanche estiver sendo contida, à custa de fabulosos sacrifícios humanos, longe das nossas fronteiras, temos tempo para organizar a nossa linha de resistência.

Consola, porém, verificar que, diante dos que hoje se agitam, nervosamente, cheios de fricções, a discutir mais consigo mesmo do que com o povo, ergue-se o raciocínio agil, alido e altivo do Presidente Getúlio Vargas: "As consequências da luta em que nos empenhamos e que decidirá dos destinos do mundo não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliáveis da civilização contemporânea não de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era".

Não temos, assim, porque nos enchiemos de apreensões. Estamos certos todos nós, os anti-fascistas e acomunistas, que nos colocamos, desinteressadamente, a serviço do nosso governo. Os outros é que estão errados.



Minha pintura mural

Por DAVID ALFARO SIQUEIROS

David Alfaro Siqueiros é um dos maiores pintores do México. Personalidade vigorosa, com todos os traços de uma vida heroica e bela, sempre a serviço de ideais nobres e de impulsos humanos, Siqueiros enche alguns dos mais expressivos capítulos da vida artística do México. Hoje Siqueiros está no Chile onde, a convite do governo da terra de Gabriela Mistral, ele realizou uma das mais arrojadas e maravilhosas obras pictóricas desses últimos anos. Numa modesta escola da aldeia de Chillan, pouco antes destruída por um terremoto, Siqueiros tentou uma nova experiência em matéria de pintura. E que realizou plenamente não resta a menor dúvida. O testemunho do Museu de Arte Moderna de New York, cujos delegados transplantaram-se para a longínqua aldeia com o único fito de admirar no local os formidáveis afrescos de Siqueiros, é mais do que eloquente.

Na rápida crônica que abaixo se segue, escrita especialmente para DIRETRIZES, descreve Siqueiros a técnica por ele empregada para a realização daquela sua grandiosa obra, por ele denominada de "Oratória Pictórica".

"O 'plafond' tem 20 metros de largura por 8 de comprimento, isto é, 160 metros quadrados; os dois painéis tem, cada um, 8 metros de base por 5 de alto, ou sejam 40 metros quadrados, o que dá um total de 240 metros quadrados de superfície para toda a obra.

Esta obra foi concebida como pintura de total espaço arquitetural e não como composição de vários painéis separados, dentro da técnica dos pintores do Renascimento ou dos meus colegas muralistas do México. Aí reside, a meu ver, o seu valor e que imprime um progresso sensível sobre os meus trabalhos anteriores e também sobre a doutrina fundamental da pintura dos edifícios públicos. Sob tal ponto de vista, pretendi realizar uma obra de intensa mobilidade, o mais revolucionariamente possível.

Os painéis laterais são côncavos, com uma profundidade máxima de 60 centímetros. Foram compostos mediante o traçado de uma secção de elipse. E esta forma, que poderemos chamar a dinâmica, diante do usual retângulo plano, favorece extraordinariamente, segundo penso, o sentido multidimensional da obra e, por conseguinte, tam-

bem a sua intenção neo-realista.

A obra foi executada sobre mesonite em muros de concreto e com material à base de piro-

xilina; só assim, foi-me possível empregar texturas ásperas, lisas, brilhantes, opacas e "películas" de muita vibração e luminosidade.

(Conclui na pag. 19.)

HIGIENE INTERNA

ALCEU MARINHO REGO

Já vivemos hoje em pleno fogo do combate a que se lançam o país, pela preservação daqueles princípios que foram defendidos por todas as gerações brasileiras. Princípios que foram defendidos contra os holandeses, em Pernambuco; contra os franceses, no Rio de Janeiro e no Maranhão; contra os corsários de qualquer nacionalidade que assolaram os nossos portos. Princípios que foram defendidos contra os portugueses, nas lutas da independência; com o sangue de Felipe dos Santos, de Tiradentes, de Leão Coroado, de padre Roma, de Frei Caneca, dos heróis de Pirajá, na Baía. Princípios que foram defendidos contra os próprios poucos brasileiros que tentaram incinerar as nossas puras tradições de liberdade: o adotivo Pedro I e tantos quantos, seguindo o seu exemplo mais tarde, trocaram o sentimento nativista pela defesa de interesses estrangeiros.

O nosso combate de agora é o bom combate por esses mesmos princípios, hoje simultaneamente ameaçados por todas as forças que no curso da nossa história, cada qual de sua vez, tentaram em vão desagregar o organismo nacional. Mencionar essa circunstância é por em relevo as proporções gigantescas da luta atual e mostrar que ela só pode ser conduzida dentro de um rígido espírito de sacrifício, de coesão e decisão. O inimigo hoje reveste todas as formas que outrora combatemos separadamente: ele ameaça os nossos portos, vindo de fora: são os alemães, os italianos e os japoneses; ele põe em risco a nossa retaguarda, porque está dentro de nossa casa: são os espiões do Eixo, os integralistas que não abjuraram publicamente o credo verde e os demais derrotistas sob várias capas.

Estamos em pleno fogo. Não houve ainda a necessidade de entrarem as nossas forças armadas em combate; essa oportunidade poderá a qualquer momento surgir e a tradicional bravura militar dos nossos corpos fulgirá mais uma vez. Mas os acontecimentos que relata a imprensa — confusões quintacolonistas, emissoras clandestinas, campanhas alarmistas, de perto acompanhadas pela polícia democrática do cel. Etchegoyen e por ela reprimidas — indicam ainda a persistência de forças que epropagam os gases venenosos usados na frente interna com o propósito de a debilitar. Não só estrangeiros, mas também brasileiros, ainda queimam venenos sutis, capazes de gerar a desconfiança, o desanimo e a falsa compreensão do momento.

Já se tem demasiadamente, mas ainda não bastantemente, apontado o exemplo dos países que permitiram vicejasse na sua administração a planta venenosa do fascismo, ostensivo ou encaçado. Os exemplos ainda falam eloquentemente dos miseráveis epílogos em que se combinaram a tração e a covardia, resultando Quislings nos governos e governos nos Vichys. Parte do sucesso alemão que vai agora morrendo diante dos muros de Stalingrado — e que grande parte! — não custou cargas de balonetas nem avanços de tanques: custou apenas o dinheiro de Berlim, espalhado em sonante ou em favores, no período que precedeu a guerra. Por isso caiu a França, caiu a Noruega, caiu a Holanda, caiu a Bélgica e por isso tantos outros governos como os da Hungria, Bulgária, Finlândia etc., se acorrentaram ao carro que Hitler empurra para os despenhadeiros do Cáucaso.

O governo nacional de guerra do Presidente Getúlio Vargas saberá manter a higiene na frente interna, porque essa higiene é um problema de vida ou morte. Somente ela nos permitirá repetir as palavras de Churchill, povo e governo seguros de uma sã unidade: "Não vacilaremos nem falharemos. Iremos até o fim."

VARIEDADE, QUALIDADE E ECONOMIA

MOVIEIS A.I.F. COSTA

(A MAIOR GALERIA DE MOVEIS DO RIO)

para vossos Moveis um só endereço: Andradas, 27 - RIO.

NÃO MERECEM CONFIANÇA OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS QUE JÁ PROFESSARAM O CREDO FASCISTA

DEMISSÃO IMEDIATA DE TODOS AQUELES QUE, ATÉ ONTEM E AINDA HOJE, SE ACHAM FILIADOS À CORRENTE NAZISTA. — E ESTE É, PARTICULARMENTE, O CASO DOS INTEGRALISTAS. — UM IMPORTANTE E PATRIÓTICO ATO DO SR. JOSÉ RODRIGUES ALVES SOBRINHO, SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Já é hoje opinião pública a impossibilidade de continuarem nos altos cargos públicos proceres do finado integralismo, o ramal nazista que tentou multiplicar suas raízes na vida nacional. Por diversas vezes, nas ruas e nos jornais, os brasileiros têm denunciado e exigido a demissão sumária e imediata daqueles que, até ontem, e mesmo hoje, embora às escondidas, jamais se afastaram da bitola que lhes traçou Berlim, dentro do programa de sua política desagregadora e expansionista.

Aqui mesmo em DIRETRIZES, que sempre se bateu contra os inimigos do Brasil, fascistas e "ersatz" do fascismo, que nesta hora de grandes responsabilidades internas e externas ainda mais perigosos se tornam, temos divulgado mais de um nome que, ainda agora, se encontram aboletados nos seus postos, cercados de prestígio que estes mesmos cargos lhes dão. Os nomes do sr. Miguel Reale, Gustavo Barroso e outros que voltam a uma publicidade tão intensa quanto aquela que, nos tempos verdes do integralismo, lhes deu fama e notoriedade, são o exemplo mais próximo e sempre oportuno.

De qualquer maneira, a compreensão nacional, compreensão da gravidade do instante e melhor compreensão ainda dos métodos que se devem usar contra os fascistas internos, componentes legítimos e autorizados da quinta-coluna, já entenderam que tais elementos devem ser eliminados. A voz do povo, que é sempre

pre sabia, já decretou seu afastamento e sua morte política e pública. E agora, através de um fato que pode ser considerado como dos mais patrióticos, inteligentes e corajosos, podemos acrescentar que também as autoridades públicas do país estão de acordo com o povo no sentido de alijar do poder todos os representantes disfarçados de Hitler em nosso país, nas nossas catedras e na direção do Estado. O fato a que nos referimos é o recente ato do sr. José Rodrigues Alves Sobrinho, Secretário da Educação de São Paulo que, numa determinação inequívoca e clara, mostrou que é "perigoso e impatriótico conservar em cargos públicos funcionários que, pelas suas ideologias, não podem apoiar com lealdade a luta em que nos empenhamos". Tal assentamento, movido exclusivamente por uma compreensão ilimitada do perigo em que se encontra o Brasil, e levando o único objetivo de inutilizar os materiais da quinta-coluna nacional, é desses atos que, para o bem do Brasil de agora e salvação do Brasil de amanhã, deviam ser imitados de Norte a Sul, pois que se incorporam no rol das medidas mais eficientes da Defesa Nacional. Com a sua determinação patriótica, o sr. José Rodrigues Alves Sobrinho mostrou-se um funcionário digno da confiança pública e, mais do que isso, um brasileiro consciente dos seus deveres de patriota.

Foi o seguinte o ato do Secretário da Educação paulista a que nos referimos:

"O secretário de Estado da Educação e Saúde Pública, diante do estado de guerra em que o Brasil se encontra com a Alemanha e Itália e

Considerando que é imperiosa obrigação dos poderes públicos tomar todas as providências aconselháveis à defesa dos múltiplos interesses do Estado e da Nação;

Considerando que é de elemental prudência a máxima vigilância dos responsáveis pela administração pública, afim de que ela conte, a seu serviço, somente com sinceros, dedicados e leais colaboradores, integralmente identificados com a defesa dos seus ideais;

Considerando que a gravidade do momento histórico, que atravessamos, não permite contemplação, nem transigências com os que não comungam com os ideais políticos sobre os quais assentam nossas instituições governamentais;

Considerando que, além de perigoso é impatriótico conservar em cargos públicos funcionários que, pelas suas ideologias, não podem, de forma alguma apoiar, com lealdade, a luta em que nos empenhamos, pelo triunfo de princípios que sempre lhes repugnaram;

Considerando, sobretudo, a ameaça seria que paira sobre as instituições governamentais, quando os cargos administrativos são ocupados por servidores, graduados ou não, que, até pelas armas, pretenderam a substituição da ordem política dominante.

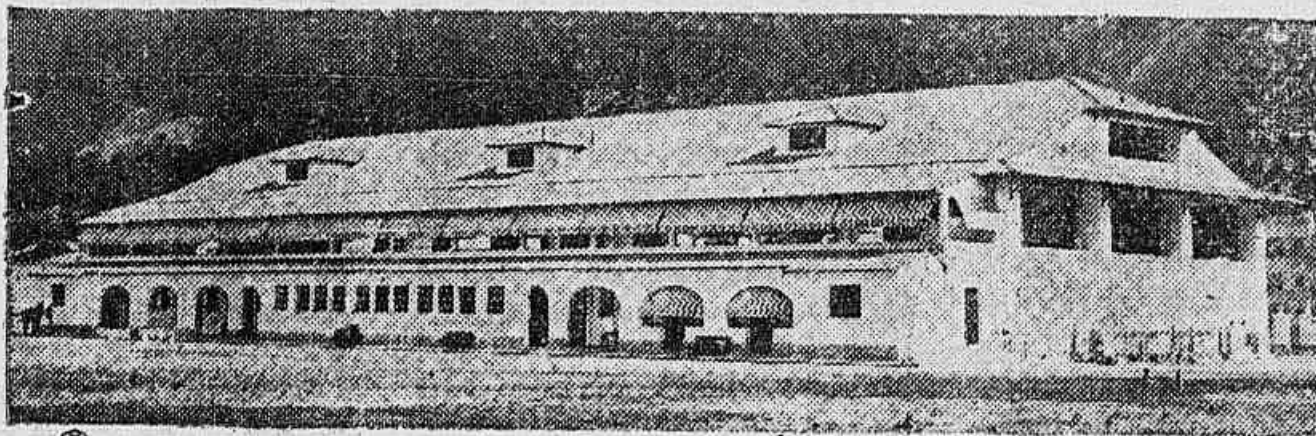
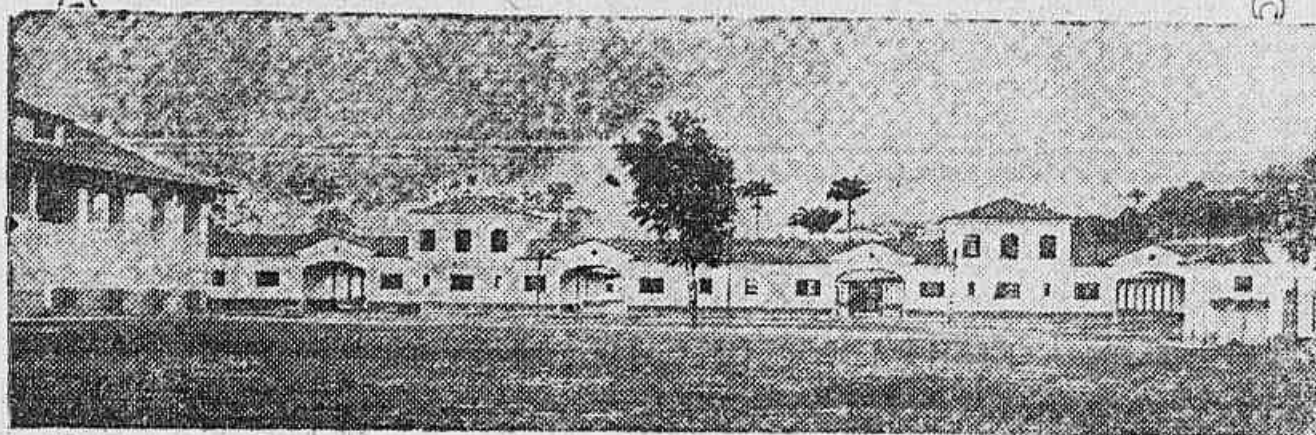
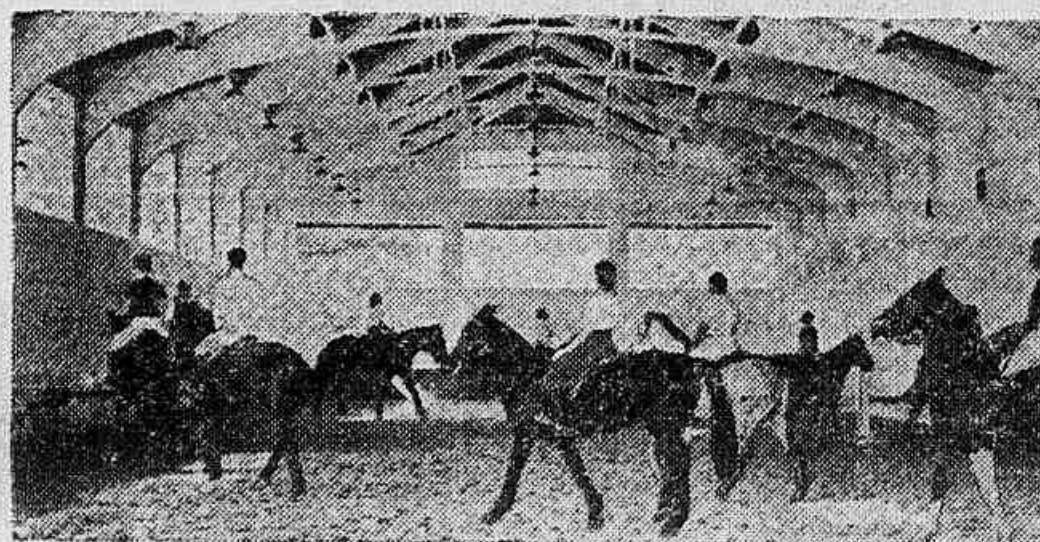
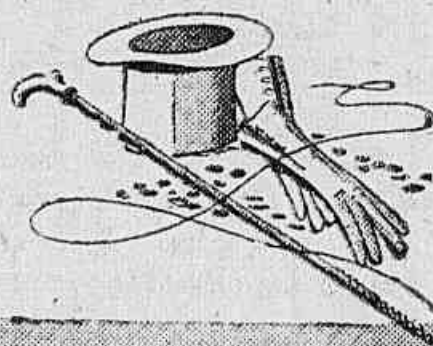
Considerando que os nossos maiores inimigos não são os externos, conhecidos e ostensivos, mas, sim, os internos, os que de dentro, que se fingem identificar conosco mas que, de fato e intimamente, sonham e esperam nossa derrota

Considerando: os exemplos, bem recentes, dos países que pereceram pela inadvertecia criminosa dos seus governantes, vítimas de traição de inimigos internos, ocultos sob mil formas de disfarce;

Considerando que não é suficiente, para inspirar e merecer confiança, a afirmativa de, no momento atual, estar com o Brasil, mas que é indispensável não adotar ideologia que repug-

(Conclue na 19.ª página)

Cimento MAUA na Equitação...



DADO o seu concurso, é com orgulho que o cimento portland Mauá apresenta esses aspectos das modernas e luxuosas instalações da Sociedade Hípica Brasileira recentemente concluídas no bairro do Jardim Botânico.



Construção da Construtora Dourado S. A.

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

CID DE JANEIRO

QUAIS OS MOMENTOS DECISIVOS DESSES TR



Grande manifestação operário pedindo a abertura da segunda frente para esmagar o nazismo em 1942. O momento decisivo da presente guerra será aquele em que os estados maiores das Nações Unidas resolvam abrir a segunda frente, abreviando assim o sofrimento de todas as populações assoladas pela guerra e pela ocupação nazi-fascista.

No dia 1.º de Setembro de 1939, com a invasão da Polónia, a fúria e o sadismo nazista desencadearam sobre o mundo todas as consequências funestas da mais terrível guerra da história da humanidade. Três anos já passaram, e os mais imprevistos e surpreendentes acontecimentos vieram encher de desespero, mas também de esperança e fé na vitória final, os corações dos povos que, acobertados pela gloriosa bandeira da liberdade, lutam contra a selvageria totalitária. Esta guerra é uma guerra diferente. Nenhuma amarra do ordem política ou belica a liga à guerra passada. O que está em chόque são duas correntes contrárias, uma dignificando o homem e reconhecendo seus valores espirituais e morais; a outra, cega no seu odio e na sua intransigência, inconsciente no seu paganismo odioso, tentando apagar da face da terra todo o esforço de uma civilização que vem se cimentando através dos seculos. Se quizessemos buscar um ponto de aproximação entre a hecatombe de 18 e a guerra dos nossos dias, teríamos que nos reportar apenas à semelhança de crueldade e ímpeto agressivo, amoral e barbaro, com que mais uma vez o prusslanismo despertou, inundando o mundo no sangue de suas vítimas.

Mas as primeiras angustias e derrotas, que tanto inspiraram o fascismo a novas crueldades e devastações, já são acontecimentos do passado. Da derrota da França até o presente, muita coisa foi modificada sobre a face da terra. A determinação das Democracias de não entregar o mundo a Hitler, agrupando todos seus esforços e suas vontades no sentido de pôr um ponto final à serie de crimes nazistas, salvou a humanidade de uma nova Idade Média, para cujas trevas ela estava sendo fatalmente arrastada. Hoje, os papéis estão invertidos. Hoje, é o fascismo quem recebe os golpes mais cruciantes. Hoje, como outrora fora Londres, é Berlim quem sofre em cheio as bombas dos aviões russos e ingleses. E cada dia que passa são mais vinte e quatro horas de desespero para Hitler e sua quadrilha, ao mesmo tempo que, para as Democracias, são vinte e quatro horas de menos antecipando a Aurora que já se anuncia.

DIRETRIZES realiza aqui um inquerito entre figuras de projeção dos meios intelectuais e artísticos do Rio. Em páginas outras, desta mesma edição, o leitor encontrará o mesmo inquerito estendido a outros Estados, como Minas, São Paulo, Bahia, etc. Passa-

dos três lienos de guerra, um balanço rápido já pode ser feito. O que desejamos saber e isso foi o que procuramos ouvir de todos os nossos entrevistados — é quais foram os acontecimentos que mais empolgaram e comoveram a humanidade desde setembro de 39, quando foi perpetrado o primeiro decisivo crime nazista, até a atualidade.

Antes, porém, de divulgarmos as respostas das diversas figuras que entrevistamos, temos que fazer uma explicação: recebidas anteriormente a declaração de guerra do Brasil à Itália e Alemanha — fato este, sem duvida, de importância capital para todos os brasileiros — as respostas, nos seus comentários, com exceção de poucas, não se reportam àquele acontecimento. Declarada a guerra, todos os nossos entrevistados nos telefonaram pedindo a modificação dos seus depoimentos, no sentido de que, entre os acontecimentos mais significativos e importantes destes três últimos anos, fosse acrescentado o ato que modificou nossa vida nacional, integrando o Brasil no bloco das Nações Unidas que combatem o barbarismo totalitário.

Publicamos abaixo, portanto, as respostas que recebemos, fazendo aquela ressalva.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO :

"A meu ver os acontecimentos mais empolgantes desta guerra não são os de maior espetáculo, porém, os de mais funda e decisiva importância. Eis porque assim os enumero, em ordem cronologica: primeiro, a retirada de Dunkerque, que permitiu a resistência inglesa; segundo, a defesa de Moscou, que deu ao exercito sovietico e ao mundo a consciencia da inevitabilidade da Russia; terceiro, a batalha de Midway, com que os americanos, no Pacifico, quebraram os dentes ao banditismo amarelo; quarto, o reconhecimento do Estado de Guerra pelo Brasil que servirá como demonstração aos povos subjugados da Europa de que, na America, ninguém mais acredita na victoria nazi-zipo-fascista".

DINA SILVEIRA DE QUEIROZ :

"A guerra provocou em mim uma extrema reação. No dia 1.º de Setembro de 39, ao levantar-me, dando com a manchete do "Correio da Manhã" — GUERRA — telefonei a José Olimpio pedindo que suspendesse o lançamento das "Floradas da Serra" que deveria ser feito naquele dia. Era impossível para mim admitir que tudo se normalizasse dentro deste clima de guerra. Tive a impressão de que era o desmoronamento completo de todos os interesses diante daquela preocupação capital. Sentí até vergonha de aparecer em vitrines nua e como aquele... Nunca poderia imaginar vivermos nós nesta renascida normalidade dentro da anormalidade geral e que houvesse gente com espirito bastante livre de terror para exortar edições de um romance de amor.

Penso que se bem tenha se dado há já bastante tempo, que tenham surgido outros acontecimentos gravissimos, como a guerra trazida ao nosso continente, para nós, intelectuais, o climax da emoção foi a queda da França. Foi um enorme abalo, que nos veio sacudir a todos criados naquela ternura pelas coisas de França.

Depois disso, as repercussões têm sido menos violentas. Nada mais me pôde chocar, nada mais me desorienta. "A guerra supera sempre a nossa imaginação", digo com serenidade, cada vez que os jornais anunciam situações imprevistas e criticas".

MARQUES REBELO :

"A epopeia da Grécia, o drama da China e a resistência da Russia".

JOÃO NEVES DA FONTOURA :

"Mais do que quaisquer outros, três acontecimentos tiveram, no curso destes anos de guerra, um relevo especial aos meus olhos: a resistência solitária da Grã Bretanha, em Julho de 1940, o heroísmo da Grécia em face da agressão fascista e o ataque de Pearl Harbour.

A disposição da comunhão de nações, que foram o império britânico, de prosseguir na luta sem outros aliados, após o armistício celebrado entre a França e o Reich, marca evidentemente um dos passos da história universal. Ainda

que a Alemanha houvesse vencido, a atitude britânica teria ficado para a eternidade do mundo como um simbolo varonil de quem preferiu antes perder a vida do que as razões de viver.

Tanto mais importante se tornou aquela resolução heroica quando

Grande inquerito realizado entre intelectuais

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, MARQUES REBELO, JOÃO NEVES DA FONTOURA, EMIL FARFALLA DE LIMA, DALCIDIO JURANDI, TA, DIAS DA COSTA, RENATO DE ALMEIDA, AS REPOSTAS

Sergio Milliet, Monteiro Lobato, Ato Bastos, Laerte Setubal, Azevedo, setores da vida

ALBERTO DEODATO, JOSÉ CAVALCANTE, E UM PUNhado DE ESTUDANTES

foi, graças a ela que se pôde organizar a reação contra a selvageria, mas já sem nenhuma probabilidade totalitária, ainda não dominada de subjugar o universo.

Nada há de mais falso do que o balanço de serviços após as guerras ou as revelações. Muito raramente a justiça é distribuída com rigorosa imparcialidade, dando-se a cada um o que lhe cabe em méritos e culpas. Será, porém, difícil, mesmo aos exegetas mais espessos interpretar o novo evangelho da salvação do mundo sem proclamar que ela se deve, antes de tudo, à coragem — não sei se não se diria melhor — à gloriosa loucura dos que desafiaram sozinho o nazismo inebriado do seu primeiro triunfo.

Do mesmo modo, a resistência pela Grécia, ao ataque italiano foi um dos fatos culminantes desta guerra. Quando o tão decantado poder militar da Itália fascista se desencadeou contra o pequeno reino de Jorge II, não houve ninguém que não contasse por horas a duração da Grécia independente. Aqueles soldados, vestidos de saiotas, com uma escassa preparação militar e um armamento secundário, pareciam condenados a uma derrota mediata e esmagadora. O mundo acompanhou assombrado o entusiasmo o esforço longo e vitorioso que eles opuseram no invasor, logo expulso do solo sagrado do seu país.

A Grécia foi nesta guerra a Bélgica de 1914, mas foi sobretudo a ressurreição helênica de Marathon e Salamina.

Por último, o ataque traiçoeiro a Pearl Harbour não determinou apenas a participação norte-americana no conflito, mas destruiu toda a teoria isolacionista fundada no erro da intangibilidade continental. Esta ausência dos Estados Unidos nos movimentos políticos do mundo fora em grande parte uma das causas da conflagração atual. O choque de mentalidades na última conferência de paz, as decepções de após-Versalhes, as lutas partidárias

TRES ANOS DE GUERRA ?

Intestinas arredaram a grande República da colaboração indispensável à segurança universal.

Pearl Harbour foi o ponto final de uma longa controvérsia acadêmica, a que, a dois passos de término, ainda se entregavam muitos norte-americanos sobre a con-

dição não apenas os teóricos da paz, mas os que a sustentam e garantem por uma eterna vigilância".

J. CARLOS :

"Sr. Redator:

Agradeço mais uma vez ter sido incluído entre "pessoas importan-

tes", capazes de responder às perguntas de DIRETRIZES. É como timidez própria de um sapateiro tocando harpa que venho atender ao convite honroso de sua revista.

MURILO MENDES :

"Inúmeros acontecimentos têm exercido forte impressão sobre o meu espírito, desde o começo desta guerra. Por exemplo: a retirada de Dunquerque, a entrada dos alemães na Rússia, os casos dos reféns e muitos outros; devo, entretanto, declarar que, de todos, o que mais me abalou foi a ocupação de Paris".

VIRGILIO DE MELO FRANCO :

"Num dos seus admiráveis discursos da Câmara dos Comuns, o sr. Winston Churchill assinalou quatro pontos culminantes nesta guerra, a saber: a queda da França, a Batalha da Grã Bretanha, a Lei Americana de Empréstimo e Arrendamento e o ataque alemão à Rússia. Está claro que o discurso a que me refiro foi pronunciado antes do sorrateiro ataque nipônico a "Pearl Harbour" o que, tanto vale dizer, antes da entrada da América na guerra como combatente. Este acontecimento foi, pois, o quinto, na série.

"Parece-me que de todas as fases, mais acima enumeradas, o colapso e queda da França foi o que mais comoveu a consciência universal. Pelo que me diz respeito, confesso que quando a França foi prostrada pelo machado alemão e a Inglaterra ficou sozinha enfrentando a tormenta só foi um choque moral da minha vida. A subita derrocada da mais velha Nação Militar da Europa e a sua consequente submissão à abjeta tirania nazista encheram-me de horror.

"Em resumo: o desastre francês, a batalha da Grã Bretanha, a Lei americana de empréstimo e arrendamento, o ataque alemão à Rússia e o japonês à América, foram os pontos culminantes desta guerra e os que mais me empolgaram".

EMIL FARHAT :

"Por sua ordem cronológica, os maiores acontecimentos mundiais dos últimos três anos foram: o pacto de não-agressão germano-soviético e o discurso de Churchill na manhã de 22 de junho de 1941.

"O pacto de não agressão russo-alemão foi a surpresa que abriu a catadupa de surpresas que têm havido com essa guerra. Ele foi tão inesperado e tão espantoso que o seu eco quasi cobriu a fragorosa e fulminante queda da França, ocorrida sete ou oito meses depois. Aparentemente ilógico e incompreensível, ele colheu de surpresa a todos nós, observadores mais ou menos ingenuos dos grandes acontecimentos. Ele surpreende também os pactuadores de uníquo — os Chamberlain, os Daladier e os Laval — que supunham poder, à custa de traições de todos os povos, satisfazer a fome e a fúria do monstro nazi-facista, cuja esmagadora engorda eles começaram a fazer desde que lhe entregaram a Alemanha.

"O outro mais notável acontecimento que se lhe seguiu foi o que, a meu ver, consagrou Winston Churchill como um dos políticos mais sagazes, mais inteligentes e — por que não dizer — dos mais audazmente ambiciosos de sua época. Hitler contava com a poderosa alma de Chamberlain pairando ain-

Quais os acontecimentos mais importantes nestes 3 anos de guerra?

RESUMO DO INQUÉRITO DE "DIRETRIZES"

ACONTECIMENTO

N.º DE OPINIÕES

Declaração de guerra do Brasil	34
Resistência russa	17
Queda da França	13
Pearl Harbor	9
Resistência inglesa	7
Resistência grega	6
Conferência dos Chanceleres do Rio	5
Revolta do povo iugoslavo	4
Resistência chinesa	4
Carta do Atlântico	3
Retirada de Dunquerque	3
Discurso de Churchill após a queda da França	3
Fuga de Rudolf Hess	2
Incapacidade do exército italiano	2
Afundamento de navios neutros no Atlântico	2
Bombardio de Tóquio	2

Tiveram um voto cada um, os seguintes acontecimentos: Batalha de Midway, Lei Americana de Empréstimos e Arrendamentos, Pacto germano-soviético, Defesa de Moscou, Queda das linhas Mannerheim e Maginot, Movimento popular inglês pela abertura da segunda frente, Heroísmo do general Prioux, Resistência de Tobruk, Discurso de Churchill após a queda da Grécia, Artigos de Bertrand Russell, Artigos de H. G. Wells e Dorothy Thompson, O livro de Deão de Canterbury, O livro do Embaixador Davies, O esforço de paz do Papa Pio XII, Ação da RAF, Remodelação social inglesa, Patriotismo de De Gaulle, Resistência de Malta, Aceleração das guerrilhas como ação bélica legal, Resistência de Sabastopol, Unidade do povo Americano, Capacidade de produção dos Estados Unidos, Invasão germanica da Noruega, Pacto anglo-russo, Ignorância do mundo quanto ao poder soviético, Atitude dos chanceleres Guani e Padilha na Conferência do Rio, Atitude da maioria da Câmara Argentina. O feito do aviador Osvaldo Pamplona, Trabalho dos operários americanos, russos e ingleses, Discurso de Churchill após a invasão da Rússia, afundamento do "Graf Spee", Creta e o Heroísmo de Mac Arthur em Bataan.

NOTA — Este inquérito estava quase terminado quando se deu a declaração de guerra do Brasil. Todos os votantes comunicaram a esta redação que passavam a considerar este fato o mais importante para os brasileiros, razão por que ele figura em primeiro lugar por unanimidade de votos.

da sobre a Inglaterra e o mundo democrático; contava ainda com a estupidez egoísta das classes plutocráticas de várias nações, e desferiu, como sempre à tração, o golpe contra os russos, esperando obter mais uma vez dos até então adversários da URSS o apoio para a política que sempre cegamente apoiaram. Mas estava no governo inglês um homem que compreendeu a hora de derrubar o pseudo-Napoleão do III Reich; um homem que compreendeu que a salvação do mundo estava naquela espantosa tragédia que ia começar para o povo russo. Churchill compreendeu também — e é aqui que está sua ambição sábia — que, se derrubasse Hitler, entraria para a história não da Inglaterra, mas de toda a Humanidade. E deu aquele extraordinário golpe político, que foi o seu discurso da manhã de 22 de junho. Quatro horas depois que os nazis começavam mais um ignominioso e pavoroso ataque, Churchill, antes que a alma de Chamberlain voltasse de novo à terra, antes que ela grangenesse de novo a bravura das nações democráticas, Churchill fez aquele discurso mantendo a sentença de morte que a Inglaterra votara contra o mais bárbaro de todos os grupos que já se apoderaram do poder em qualquer país do mundo. Essa atitude de Churchill será considerada nos tempos vindouros como um dos mais felizes e sábios gestos da história política da Humanidade, tantas e tão imensas foram e serão suas consequências para o mundo".

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT :

"Não consigo distinguir hoje o que mais me empolgou no decorrer desta guerra. Recebi esta tragédia, que o mundo está vivendo angus-

tiadamente, com uma coisa só, não a podendo dividir em episódios mais importantes ou menos importantes. Tudo o que vem acontecendo desde o início da catástrofe merece a mesma atenção inesperada. É claro que a capitulação da França foi um momento de desolação para todo o mundo civilizado, como as diversas fases da heroica resistência inglesa. A entrada dos Estados Unidos foi, por outro lado, um sinal de que estava próximo o dia da nossa intervenção nesta luta pelo homem humano. Os fatos posteriores não desmentiram esse prognóstico".

JORGE DE LIMA :

"Na tragédia da guerra todos os acontecimentos são empolgantes. Mas isso não responde à sua pergunta. Responde só à expectativa dos que, de boa-fé, acreditavam que na soma da civilização uma das parcelas era cultura e a outra sentimento.

Por desgraça, por parte dos nazistas a cultura era mecânica: tinha moitas automáticas no sentido do muro, do empurrão, do puxar e trucidar, a rasteira solerte e a facada pelas costas, sem atender a nenhum direito que não fosse a vontade da mala duzia de usurpadores que separaram a velha Alemanha técnica e ilustre, da Alemanha hodierna, que olha para a machadinha, como os nossos "13 de maio" olhavam para o tórno, onde pendia o calabrote.

Enfim, digo-lhe que maior do que o cinismo deles em esporejarem a Polónia, em prometerem garantias hoje para meterem os pés em terra amanhã, como fizeram com a Tchéco, a Bélgica, a Holanda, etc., foi o nosso estardalhaço ante a queda da França, por obra e graça dos

(Continúa na pag. 21)

realizado por DIRETRIZES entre os intelectuais e artistas brasileiros

MELO FRANCO, DINÁ SILVEIRA DE QUEIROZ, MARCELO NEVES, J. CARLOS, MURILO MENDES, VIRGILIO DE FARHAT, AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, JORGE JURANDIR, GUILHERME FIGUEIREDO, DANTE COSMIDATO MURCE E MADALENA TAGLIAFERRO DÃO RESPOSTAS COLHIDAS NO RIO

Logo, Aurelio Penteado, Joaquim Camargo, Humberto Azevedo Marques e outros representantes de vários da vida paulista expõem suas opiniões

JOSÉ CARLOS LISBOA, GUIMARÃES MENEGATE STUDANTES FALAM EM NOME DOS INTELECTUAIS MINEIROS

ciência ou inconveniência de uma política de neutralidade.

REMEMBER PEARL HARBOR — há de influir no destino de um longo futuro do mundo, em que os Estados Unidos terão de ser, por força de uma vocação natural,

tes", capazes de responder às perguntas de DIRETRIZES. É como timidez própria de um sapateiro tocando harpa que venho atender ao convite honroso de sua revista.

Três vezes, pelo menos, a guerra surpreendeu-me: Capitulação da



Muita gente se comoveu ao saber que Paris havia sido ocupada pelos bandidos hitleristas. Este soldado de cavalaria é bem um símbolo da ocupação nazista. Ele representa a imagem da brutalidade fascista em plena capital da França.

A INTELIGENCIA CONTRA O FASCISMO

UM CONGRESSO DE ESCRITORES

Em plena guerra civil, quando a Espanha resistia ainda ao fascismo e à Não-Intervenção, um congresso de escritores realizou-se em Madrid, Valença e depois em Paris.

No "coração da própria capital espanhola", coração mesmo do heroísmo e da liberdade, escritores de vinte e oito países, discutiram as mais imediatas e nobres questões da defesa da cultura. Ali se efetuou, realmente, um congresso de inteligência. Ali se definiu a posição de combate da cultura diante do fascismo. Os escritores sob o bombardeio e em face de um grande povo como o espanhol, não "saudavam o sol ao crepúsculo", mas ao amanhecer. Sabiam que da Espanha partiriam as hordas fascistas para a conquista do mundo. Em Madrid e Valença se reuniam escritores que significavam de verdade a grandeza e o futuro da literatura. Alguns deles vinham com a lama das trincheiras, traziam no peito as vozes de Guadalajara, seu sangue se misturara com o sangue do povo de Cervantes nas batalhas contra Hitler e Mussolini. Ao congresso não compareceram os srs. Jules Romains nem o sr. Drieu La Rochelle. Luiz Ferdinand Celine dizia palavras pelas livrarias de Paris e Valéry mergulhava à procura dos cemitérios marinhos. Claudel recolhia-se afim de se abastecer de muita inspiração para seus futuros poemas a Pétain. A Academia Francesa era a mesma que exaltou os feitos do Duce na Abissínia, e viria depois simbolizar a mais triste e vergonhosa capitulação das letras francesas à traição de Vichi. Nesse tempo, escritores como Huxley e Morgan consentiam em ficar neutros. Londres era a cidade onde lady Astor dominava e por isso Madrid que se reduzisse em cinzas. Maurois era uma alma de industrial enfeitado com a história dos industriais e banqueiros ingleses. André Gide fazia a confusão. Plisnier fazia pior. Bergson morria e não se ouvia de seu belo estilo e de sua mágica filosofia uma voz que tocasse o coração dos povos cada vez mais inquietos, desamparados e traídos.

A liberdade estava em seu máximo perigo e havia grandes escritores que permaneciam cegos, inertes, covardes apolíticos quando a sua própria vida estava também em perigo. O Congresso afirmou que "a palavra de ordem da 'defesa da cultura' não era uma vã abstração" e os escritores que ali compareceram reivindicavam os direitos da arte e da literatura e situavam as suas responsabilidades no coração da grande e fabulosa resistência ao fascismo que em Espanha começava, iluminada pela consciência do povo espanhol.

Para o congresso os escritores da América foram representados por Malcolm Cowley, Langston Hughes, Nicolas Guillen, Raul Gonzales Tunon e Carlos Pellicer. O poeta chileno Pablo Neruda declarou que a delegação da América Latina constituiu um congresso no Congresso. "A importância desse contacto sem precedentes que destruiu um mundo de preconceitos entre Espanhóis e Sul-Americanos ressaltava a todo o mundo. Era o prelúdio também de uma nova descoberta dessa literatura de um continente imenso, tão desconhecido pela Europa contemporânea como a dos antigos Incas".

Escritores negros como René Maran, prêmio Goncourt, Langston Hughes, o poeta chileno Guillen, o escritor de língua francesa Jacques Roumain, então recém-vindo das masmorras de Haíti, o poeta das Guianas, Dumas, representavam uma nova humanidade, cujos valores vinham sendo negados e destruídos. Um grande sábio muçulmano Abdel Hamid Ben Baddis mandava saudações ao Congresso. Escritores alemães como Gustavo Régler, Heinrich Mann e Leon Feuchtwanger participavam das reuniões. Ferrero e Sforza aderiam à poderosa confraternização. O escritor italiano Ambrogio Donini afirmava: "Eu falo em nome de todos os escritores, de todos os intelectuais, de todos os pensadores que, por dizer a verdade ao povo, tiveram de atravessar longos anos nas prisões: eu vos falo da chama que vimos brilhar, na véspera, nos olhos de Gustav Régler, atrozmente ferido em defesa da liberdade e da cultura; eu vos falo em nome dos jovens escritores italianos enterrados vivos nas masmorras mussolinianas, em nome do nosso Gramsci morto em Roma, dos irmãos Rosselli assassinados em terras da França, dos Jacchia, Sartori, Battistelli tombados nos campos da Espanha para escrever em letras de sangue esta verdade que o povo espanhol tão generosamente compreendeu: o fascismo não é a Itália".

É o escritor católico espanhol José Bergamin diz essas grandes palavras no Congresso:

"A consciência humana é essa misteriosa comunhão do homem, por seu sangue, com o povo. Quando dizemos, nós, escritores, queremos ser povo, como dizia La Bruyère, exprimimos simplesmente o mais profundo desejo de nossa consciência, e sua verificação plenamente humana. E eu direi mais: divina".

D. J.

ANO 1918

SETEMBRO, 27

Na abertura da Campanha para o Empréstimo da Liberdade, hoje, o presidente Wilson pronunciou um discurso muito sério. Entre outras coisas, ele traçou um plano geral que as nações aliadas deveriam obedecer, após a guerra. Disse:

"É necessário que a justiça imparcial que for feita não comporte distinção alguma entre aqueles para os quais queremos ser justos e aqueles para os quais não queremos ser justos. É necessário que seja uma justiça que não tenha a ver com o favoritismo, que não conheça outra regra que não seja a dos direitos iguais dos diversos povos interessados".

E mais:

"Nenhum interesse individual ou especial de nação particular ou de grupo de nações pode ser a base de qualquer parte do arranjo final, quando não seja conciliável com os interesses comuns de todos".

A respeito da próxima formação da Liga das Nações, uma das reivindicações defendidas pelo presidente norte-americano, afirmou Wilson:

"Não pode haver ligas, alianças, ententes e

acordos particulares no meio da grande família comum da Liga das Nações. E, mais especialmente, não podem existir combinações econômicas particulares e egoísticas no interior da Liga; e não se poderá empregar nenhuma forma de boicotagem ou de exclusão econômica — a menos que não seja a título de penalidade econômica — pela exclusão dos mercados do mundo que a Liga das Nações por si mesma teria direito de atingir como meio disciplinar ou coercitivo. Todos os acordos e tratados internacionais, de qualquer espécie que sejam, deverão ser levados integralmente ao conhecimento do mundo".

Se tudo isso defendido por Wilson, que chegava até a ser ingênuo no seu desejo de uma paz justa, tivesse sido obedecido, é bem possível que não houvesse esta guerra de agora, perto da qual a primeira não passa de café pequeno. Clemenceau e outros, com seus ódios e sede de vingança, estragaram tudo. Mas não adianta chorar, pois que no passado não se pôe mais sola. O que resta é fazer uma forcinha para que as novas encarnações daqueles senhores não ressurgam na hora da paz de agora, que naturalmente será assinada em Berlim.

ACONTECEU NESTA SEMANA

O general von Kleist, tão famoso, morreu na frente oriental. Ele estava fazendo força com von Bock para ver se Stalingrado se rendia, quando, de repente, veio uma bala soviética, com endereço certo, e se acomodou no seu traseiro. O general deu um suspiro em alemão e faleceu. Logo após, imitando o exemplo do bravo general morreram mais duas altas patentes nazistas na frente russa — o general Von Mock e o general Richard Gaetsche. Comentando o falecimento do primeiro, o "Isvestia" de Moscou escreveu um tópico que termina assim: "A sentença de morte do general von Kleist foi cumprida. A bala soviética abateu-o como já aconteceu com milhões de outros alemães. Todos os invasores, desde o soldado raso ao Feld-Marechal, sabiam que de teria a mesma sorte".

Para economizar filme, os belíços em Hollywood já não podem ser tão compridos como antes. Antes, os atilatas se beijavam e adormeciam assim, para deleite do seu público e naturalmente para deleite próprio. Agora a coisa tem que ser rápida: apenas um esfregar de lábios, e olhe lá! Assim é a guerra.

Munich, a cidade onde nasceu o nazismo, foi bombardeada pela RAF. Os quadri-motores ingleses foram até a Baviera e deixaram cair sobre Munich suas esplêndidas bombas de quatro toneladas. O ataque durou meia hora e Munich ficou em chamas. O povo de lá devia estar mais acostumado com as bombas, pois fazia dois anos que a cidade não sabia o que era um bombardeio aéreo. Soube agora.

O exército de Mihailovitch já conta com quinhentos mil homens. Não faz muito tempo, os rebeldes lugoslavos receberam um completo equipamento militar. Os submarinos e aviões aliados estão

O exército de Mihailovitch com metralhadoras, bombas etc. Quanto a aviões e tanques, o

próprio Mihailovitch se encarregava de tomar do inimigo. Cada encontro com os italianos, rendia sempre alguma coisa para os "chetniks".

Ao contrário do que pensava a quinta-coluna, Stalingrado não caiu. E as últimas informações de Moscou dizem que não cairá. Tilmoschenko iniciou uma grande ofensiva que, se for na marcha em que vai, é capaz de chegar em Berlim antes do tempo.

Grande comício no Luna Park de Buenos Aires, em homenagem ao Brasil e solidariedade pela sua entrada na guerra. Falaram quatro ex-ministros das Relações Exteriores da Argentina. Um deles, o sr. José María Cantilo, disse, entre outras coisas:

"O que mais que tudo se impõe neste momento é proclamar com mais força que nunca a união dos países americanos, irmanados no amor das suas instituições, marchando com a mesma fé, sem hegemonias nem predominios, resolvido a manter intacta, acima de todas as contingências, sua integridade material e moral. Essa solidariedade americana, assim proclamada pela Argentina nas vésperas do conflito armado,

o irrompimento da guerra, sua extensão e caráter a acentuaram dia a dia, em sucessivas conferências de consulta pelos países da América, ajustando-se ao ritmo dos

acontecimentos, e a levar ao terreno dos acordos concretos, acordos que, qualquer que seja a sua denominação jurídica e embora ainda não estejam protocolados pela diplomacia, assumem na hora presente o valor e a força que lhes dá a unanimidade do sentimento público americano".

Chegou ao Rio o novo embaixador da Argentina, sr. Escobar. O sr. Escobar veio da Espanha, onde representava o governo argentino junto a Franco. Na Espanha totalitária, o sr. Escobar levou a efeito muitos empreendimentos econômicos e culturais visando estreitar os laços de amizade entre a Espanha e a Argentina. Falando à imprensa, o sr. Escobar declarou que pretende realizar no Brasil a mesma coisa.

O sr. Noel Charles, embaixador inglês, voltou de São Paulo, onde visitou fábricas e a Federação das Industriais. Disse: "A incalculável a contribuição que S. Paulo pode trazer à vitória das Nações Unidas".

Wendel Wilkie, enviado de Roosevelt, chegou a Moscou, onde avistar-se-á com Stalin. Depois Wilkie voará para Chungking em visita a Chiang-Kai-Shek.

O ministro finlandês Procope declarou em Stockolmo que a Finlândia não está negociando nenhuma paz em separado. Pior para ela.

Prata Princeza

(metal prateado)

Serviços de café e chá que equivalem em beleza e durabilidade aos de "Prata de Lei". Talheres em estilos variados e em faqueiros completos. Peças avulsas sempre à venda.


MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 181 — RIO DE JANEIRO — Londres — Buenos Aires — Johannesburg — Bombay

SALÃO NACIONAL DE 1942

Por ROBERTO ALVIM CORRÊA

II

Ao lado de muita coisa sem mínimo interesse, há também numa grande exposição como a do SALÃO NACIONAL, uma

tros aspectos são de um mestre.

Dir-se-á quase o mesmo do sr. Oswaldo Teixeira que, com uma PAISAGEM, externa, como sempre, dotes de primeira

Flora de Morgan Snelle que possuem o conhecimento por assim dizer químico das cores, respeitaram a matéria e as formas sem deixar de tratar o assunto de tal maneira que este deva o interesse que desperta menos a uma convenção meramente acadêmica do que a uma observação emocional que ao mesmo tempo comove e convence.

Na divisão moderna o sr. Roberto Burle Marx apresenta este ano duas NATUREZAS MORTAS, de gosto e de composição mais do que agradável por fugirem ao banal e ao parado e procurarem traduzir as formas em que palpita a vida. Há em seus quadros muitos elementos decorativos como nos do sr. Milton da Costa, se bem que ambos sejam de temperamentos completamente diferentes. O sr. Roberto Burle Marx é pintor, enquanto o sr. Milton da Costa, é, antes, decorador, pelo menos nos quadros expostos. Sua arte sintética e simplificada não deixa perceber todos os recursos de que dispõe, embora revele real poder emotivo no quadro intitulado RODA.

Da sra. Thea Raberfeld temos uma FAVELA e um LEBLON que são amostras mais do que prometedoras, como também a MATERNIDADE da sra. Maria Busato Grubba e a FIGURA do sr. Nelson Nóbrega, enquanto a sra. Maria Helena Vieira da Silva mostra, com seus quadros FLORESTA e GUERRA, qualidades de ordem imaginativa por onde há de se afirmar cada vez mais a jovem e já notável artista.

O sr. Jean-Pierre Chablot participa da exposição com um INTERIOR sensível e rico em nuances. Arte discreta, emanante da alma. Na mesma sala temos um retrato do sr. Aloisio G. R. Bittencourt em cores francas e de uma bela matéria como que sadia. Exatamente ao lado podem ser vistas duas composições do sr. E. P. Sigaud algo laboriosas porém bem desenhadas com traço firme e de composição original.

Contribuem igualmente para o êxito do SALÃO os quadros dos srs. Alfredo Rullo Rizzotti, Quirino Campofiorito, R. Galvez, Oswald de Andrade Filho, Percy Deane, Carlos Sellar e da sra. Hilda Elsenlor Campofiorito.

Como igualmente entre os desenhistas os estudos realçados de cores do sr. Athos... Há nos seus bastidores e atrás de suas cortinas, que deixam entrever bailarinas ensaiando passos, muita "atmosfera" e poesia. Tem que se segurar com maior atenção a produção deste artista.

Os desenhos do sr. Augusto Rodrigues são seguros, observados e vivos, comovendo sua litografia o HOMEM. E bem assim deixam prever vocação indubitável os desenhos dos srs. Clovis Graciano e Nilo Porpino.

Ao considerar, contudo, todos esses esforços aí grupados verifica-se mais uma vez que todo trabalho é pouco para o artista que quer mesmo chegar à realização fiel de sua concepção, admitindo-se que seja capaz de perceber na realidade exterior o que nem todos vêem.

E partindo desse duplo ponto de vista do valor da concepção e da realização, verifica-se também que dois pintores dominam o SALÃO deste ano, os srs. Alberto Guignard e Orlando Teruz. O primeiro com um

magnífico retrato, uma paisagem de montanha e uma FESTA DE SÃO JOÃO que é uma obra-prima de poesia, de sensibilidade e de brasilidade. Obedecendo à imaginação o sr. Alberto Guignard não desiste, muito pelo contrário, de recrear uma realidade impregnada dessa poesia pura da infância que encontra nesse quadro - um substituto de um "sonho de uma noite de verão" - o que procura: a frescura e a beleza de uma noite em que, no caso presente, se destacam igrejas e casas em estilo colonial, castelos à beira de caminhos que levam para um fundo de quadro, gênero Renascença. Ainda menos desiste o sr. Alberto Guignard de observar o que pretende reproduzir mesmo quando parece inventar, colocando sempre, de resto, a pintura no seu verdadeiro plano, que é o da projeção subjetiva, poética e criadora e que deve coincidir com a reprodução da realidade exterior, entender-se com ela, ceder a uma espécie de atração lírica, mesmo que seja seguida de desentendimentos, de luta, de imprecações e de desesperos — como sucede com todo amor — e por vezes perceptíveis na tela, até que ambos os estados se encontrem e se fundam na glória realização da obra. Esse dom de si mesmo por

parte do artista no que pinta, reflete-se nessas três telas de qualidade realmente excepcional do sr. Orlando Teruz, NEGRO, CENA DE MORRO e MORRO. Esse pintor reúne originalidade de visão e notável intuição pictórica. Sua arte e mesmo uma presença. Tem que se contar com ela. Tem vigor e profundidade e, quando quer, delicadezas extraordinárias no desenho e nas cores. Tem também esse valor psicológico sem o qual uma obra pode ter muitas qualidades mas não a que lhe dá profundidade. E é justamente o que tem os quadros do sr. Orlando Teruz como poucos outros no Brasil. Existem,

(Conclui na página 22)



A tosse maltrata.
O médico trata,
E o XAROPE WAGNER.
ba... tata!

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano

SEGURO
POPULAR

Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

16\$000 para cada apólice de **5:000\$000**

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 contos de réis, com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

A Sul America já pagou mais de meio milhão de contos a SEGURADOS E BENEFICIARIOS.

Sul America

Fundada em 1895



À SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro.

8.00000

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....



**MOVEIS • CORTINAS
TAPETES • DECORAÇÕES**



RIO DE JANEIRO



**AGORA SOMENTE
65-R. DA CARIOCA 67**

AVISO

HÁ UMA GRANDE CON- SÃO NO CINEMA...

(Conclusão da 7.ª pag.)

precário, para a construção dos meus "studios". A "Cidade-Cinema" estaria igualmente capacitada para realizar todos os trabalhos dos produtores independentes do país, podendo assegurar a perfeição técnica a preços de cooperativa. Note bem. Embora sendo um empreendimento privado, a "Cidade-Cinema" propunha como cláusula obrigatória e controladora a liberdade absoluta de todos os produtores realizarem seus filmes a preços de cooperativa.

Roulien não é da falsa-modestia:

— Eu tenho a convicção de que só um plano nessas condições erguerá o cinema nacional

do estado em que se encontra. O Presidente da República, de resto, manifestou grande entusiasmo pelo meu projeto. Mandou-o para o Conselho Federal de Comércio Exterior. O que vou lhe contar, agora, parece mentira. O Conselho deu parecer contra porque não acreditou que eu pudesse realizar uma coisa daquelas com tão pouco dinheiro. Eu não me aborreço não. Continuo a trabalhar. Ainda hei-de, construir a "Cidade-Cinema", custe o que custar.

COISAS QUE ACONTECEM

Raul Roulien, depois de contar esse episódio, tira a seguinte conclusão:

— Por essa e por outras é que a gente tem uma noção aproximada do descrédito a que chegou

o cinema no Brasil. Acho que até agora só o público é que continua acreditando em nós. Porque muito pouca gente tem se lembrado de ajudar o cinema brasileiro. Fora o público, eu separo o Governo e a Kodak, no tempo em que vendia a crédito...

Dentro do "metier", propriamente dito, os dois maiores auxílios financeiros oferecidos a cineastas no Brasil, na opinião de Roulien, foram os seguintes:

— Ademar Gonzaga entregou quinhentos contos de réis a Chianca de Garcia para a filmagem de "Pureza". Este foi, a meu ver, o maior esforço material que já se fez, no Brasil, em matéria de cinema. O segundo, eu devo a D. F. B., com o financiamento de "Aves Sem Ninho".

— E o que você achou de "Pu-

reza"? — pergunta o reporter ao entrevistado. Será que esse esforço foi bem recompensado?

— O mesmo que você — respondeu Raul Roulien incontinenti.

SABOTAGE NACIONAL

Raul Roulien resume, agora, em poucas palavras, tudo o que tem a dizer:

— Em suma, tem-se feito cinema levianamente. No entanto, nada oferece maiores possibilidades de vitória do que a cinematografia no Brasil. O exemplo da Argentina nos devia alertar. A Argentina está produzindo bons filmes que são exibidos em todos os países da América do Sul e até mesmo nos Estados Unidos. Devia ser decretada uma

lei considerando ato de sabotagem o fato de uma fonte de renda, como é o cinema, ser explorada por qualquer leigo que pretenda produzir filmes, como infelizmente acontece, em muitos casos, em viciadas processados, como os curandeiros e os charlatões. É um crime a descrença que se formou, em certos círculos do Brasil, do futuro da nossa cinematografia...

Roulien pede a adoção de medidas radicais para a salvação do cinema brasileiro:

— Primeiro, que se mantenham as leis que garantem a exibição de filmes com as percentagens previstas; segundo, que a colocação dos filmes seja feita por ordem cronológica, e logo expedido o certificado da censura para o lançamento, evitando-se assim preferências clandestinas, tendentes a debilitar os efeitos do decreto-lei que protege o cinema brasileiro; terceiro, permitir somente a exibição de filmes de reconhecida qualidade, ou melhor, só conceder certificados de censura ao produto que estiver à altura da técnica do cinema universal, que possa, por conseguinte, ser exibido no estrangeiro, sem vexames para o Brasil.

O CINEMA E A GUERRA

É no fim da entrevista que Raul Roulien nos responde à pergunta que nos levou a procurá-lo: em que poderá o cinema ajudar o nosso esforço de guerra?

— De uma porção de maneiras — esclarece-nos. Se eu tivesse meios no momento, o filme que realizaria imediatamente havia de ser dedicado aos homens da marinha mercante brasileira. A epopéia que os nossos marítimos viveram, com os monstruosos torpedeamentos nazistas, valeria a pena de ser transportada para a tela, através um filme intenso, vibrante, cheio de patriotismo. Esse seria de longa metragem. Quanto a "shorts", há uma infinidade deles a fazer. O cinema pode mostrar, por exemplo, todas as manobras do quinta-columismo, nos mais variados setores da atividade humana. Um "short" que eu gostaria de filmar é sobre certos técnicos estrangeiros, alemães principalmente, tidos como indispensáveis e que aqui não fazem outra coisa senão o jogo de Hitler.

— Roulien termina dizendo:

— O cinema é admirável exercício de propaganda. Já se foi o tempo da arte pela arte, do cinema mudo e de outras coisas que morreram de velhas. Hoje em dia, é preciso construir algo de mais sólido, de mais duradouro. Já não se pode afastar a idéia do social em face da arte. No Brasil, eu tenho o orgulho de dizer, os filmes que produzi, todos eles, tiveram finalidade social e humana. "O Grito da Mocidade" versou sobre o problema dos hospitais. "Aves Sem Ninho" focalizou a assistência às crianças desamparadas. E "Asas do Brasil" que irei refilmar, fala sobre a necessidade que temos de ampliar, cada vez mais, a aviação no Brasil, não só como arma de guerra, como o mais completo meio de transporte para um país de grandes distâncias como o nosso.

A VERDADEIRA
MALZBIER

MALZBIER
PROGRESSO

PROGRESSO
é um produto
ANTARCTICA

Teófilo de Barros Filho na direção artística do Cassino Atlantico

Jé temos focalizado em mais de uma reportagem radiofônica, as atividades de Teófilo de Barros Filho. Eis aqui um cidadão para quem o trabalho é um desdobramento da própria vida, para quem o ambiente febricitante dos mil afazeres e dos mil planos é condição essencial para a própria condição da viver. Tomando conta da direção artística da Rádio Tupi, com dois golpes ousados e uma continuação de iniciativas inteligentes e corajosas, Teófilo remodelou inteiramente a emissora dos Diários Associados, transformando o seu cast, antes de uma pobreza lamentável, num grupo de esplendidos artistas, dos melhores que possui a nossa radiofonia. As próprias possibilidades radiofônicas da Rádio Tupi aumentaram consideravelmente, estendendo seu campo de ação, ganhando uma força jornalística, perdendo o ar acanhado do estúdio para se misturar com a rua, com a nota do dia, com o sensacionalismo quotidiano, enfim, transformando-se, ao par de seu valor artístico, num jornal vivo e forte. É que Teófilo de Barros Filho é, acima de tudo, um jornalista, com este senso oportuno das coisas que de fato interessam e atraem o público.

D POETA E O JORNALISTA

Mas muitas vezes, quando qualquer sugestão mais poética desperta dentro de si, Teófilo de Barros Filho perde a agilidade do jornalista para ganhar um sentimento lírico que é verdadeiramente notável. Agora, á frente também da direção artística do Cassino Atlantico, Teófilo de Barros Filho — e estamos falando aqui do poeta e não do jornalista — viu um novo campo de ação se estender diante de sua sensibilidade de artista. O programa artístico que organizou para o dia 2 de outubro próximo — marco triunfal do início de suas atividades no Cassino do posto 6 — é toda criação típica de sua inteligência que não se deixa bitolar dentro de um ramerrão acanhado.

UM TRIO DO MAIS ALTO VALOR

Na direção artística do Cassino Atlantico, Teófilo de Barros Filho está seguindo a mesma maneira de trabalho que vem obedecendo á frente da Rádio Tupi: cercar-se de auxiliares e cooperadores capazes e inteligentes, artistas de valor, enfim, reunir em torno de si todo um grupo de empreendedores conhecidos pelo brilhantismo de suas iniciativas, para que o plano projetado consiga uma execução cem por cento eficiente e artística.

Uma das primeiras conquistas do atual diretor artístico do Cassino Atlantico, e conquista das mais valiosas, foi o cenarista José Maria dos Santos. O nome

UMA SÉRIE DE EMPREENDIMENTOS QUE TERÁ SEU INICIO NO PRÓXIMO DIA 2. — O QUE É "ZINGARESCA" E O QUE É "PÁTRIA". — O CENÓGRAFO SANTOS E A HISTÓRIA DE UM CONCURSO NA FRANÇA. — ALCEU PENA DESENHA O VESTUÁRIO E GUERRA PEIXE TRATA DA PARTE MUSICAL. — INGLATERRA, FRANÇA, RUSSIA, MÉXICO E BRASIL NUM BELO QUADRO PATRIÓTICO. O ATLANTICO NUM NOVO CAMINHAMENTO ARTÍSTICO



Teófilo de Barros Filho levou a sua inteligência ágil e seus pendores artísticos para a direção do Cassino Atlantico. A primeira manifestação de sua presença na "boite" do posto 6 está no esplêndido grupo de artistas que ele reuniu para a realização de um grande espetáculo no próximo dia 2. Santos, o cenógrafo que venceu um concurso na França, Alceu Pena e Guerra Peixe são alguns dos bons elementos que Teófilo de Barros Filho levou para o Atlantico.

de Santos, muito conhecido no França, onde teve oportunidade, exterior, particularmente na em vários anos de trabalho, de

grande "show" do dia 2 próximo, são verdadeiramente excepcionais.

E, finalmente, Alceu Pena, o Alceu das garotas, o Alceu ditador da moda dos nossos melhores desenhistas, que foi encarregado por Teófilo de Barros Filho de desenhar o vestuário do grande corpo de ballet que completará o magnífico espetáculo artístico.

"ZINGARESCA" — UMA SUGESTÃO CIGANA

Toda essa turma de primeira qualidade está agora reunida, sob a direção de Teófilo de Barros Filho, e desta junção só poderia surgir mesmo um empreendimento de grandes méritos. Foi o que se deu. O programa do dia 2, no Cassino Atlantico marcará um dos pontos mais altos na vida artística da elegante boite de Copacabana.

O "show" do dia 2 próximo "Zingaresca", é uma fantasia cigana de grande encanto, cheia de sugestões, revivida através da música genial de Liszt. Os cenários que Santos preparou para esta parte do espetáculo são verdadeiramente surpreendentes, onde a poesia de um acampamento cigano, com sua pequena fogueira e sua cabana rústica, se mescla com a variedade de tons, um verdadeiro duelo de cores sugestivas e artisticamente combinadas. O esplêndido "ballet" do Atlantico, que reúne no seu corpo o mais seletivo grupo de "girls" desta capital, reviverá em "Zingaresca" algumas das mais empolgantes danças ciganas, estilizadas com encanto pelo grupo de artistas que Teófilo de Barros está dirigindo.

INGLATERRA, FRANÇA RUSSIA, MEXICO E BRASIL

Mas o grande momento do espetáculo do dia 2, no Cassino Atlantico, está na segunda parte do "show", intitulada "Pátria", dividida, em cinco quadros: Inglaterra, França, Rússia, México e, finalmente Brasil. É uma homenagem tocante às cinco grandes nações que hoje lutam com denodo e heroísmo, em todos os setores, contra o nazismo avassalador. Alceu Pena tem sido infatigável na preparação de um vestuário original para cada corpo do "ballet" que interpretará, em cada quadro, uma dança típica do país. Já tivemos oportunidade de ter em mãos os "croquis" dos cenários e oportunidade de assistir a alguns ensaios do grandioso espetáculo com que Teófilo de Barros Filho marcará o início de suas atividades no Cassino Atlantico. E desde já podemos antecipar que se trata, realmente, de qualquer coisa inédita nas nossas "boites", qualquer coisa que marcará um novo capítulo na arte das nossas casas de diversões.

Guerra Peixe, um nome que dentro em pouco será um dos mais populares nesta capital, foi outra esplêndida aquisição de Teófilo de Barros Filho. Guerra Peixe é o que se pode chamar de uma grande vocação musical. Suas adaptações e harmonizações que serão utilizadas no

MEDICINA E SAÚDE

OSWALDO CRUZ E A AMAZONIA PHOCION SERPA

O DR. PHOCION SERPA, ilustre higienista brasileiro, publicou, sob o título supra, um magnífico artigo em o "Jornal do Comércio", de 17 de maio de 1942.

O saneamento da Amazônia constitui realmente um problema da maior importância e atualidade para o nosso país, que se prepara para enfrentá-lo decidida e eficientemente. Na impossibilidade, por falta de espaço, de transcrever na íntegra este oportuno trabalho, reunimos aqui, os trechos que se referem ao famoso relatório de Oswaldo Cruz, que merecem ser conhecidos e meditados por todos os bons brasileiros.

Há trinta anos, isto é: "Aos dezessete dias do mês de agosto de mil novecentos e doze, segundo os termos do ato oficial que estou copiando, reuniram-se na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, o respectivo ministro, doutor Pedro de Toledo, e o doutor Oswaldo Gonçalves Cruz, tendo em vista o disposto no regulamento anexo ao decreto número nove mil quinhentos e vinte e um, de dezessete de abril de mil novecentos e doze, etc., etc., acordaram o seguinte:

I — O Doutor Oswaldo Gonçalves Cruz, que em seguida será chamado contratante, compromete-se a dirigir sob sua inteira responsabilidade os serviços necessários para a determinação das condições médico-sanitárias do vale do Amazonas, fazendo proceder a todos os estudos e investigações científicas conducentes a esse fim, segundo a orientação que julgar mais conveniente".

Assumindo o compromisso de tamanha empresa, transportou-se, imediatamente, ao Amazonas, fazendo-se acompanhar dos doutores: Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedroso, e, um ano depois, precisamente aos nove de setembro de 1913, entregava ao ministro o famoso "Relatório sobre as condições médico-sanitárias do Vale do Amazonas".

O "Relatório", incluídas as "Considerações Gerais", se desenvolve em quatro partes distintas, compreendendo: "Observações e pesquisas nos rios Solimões, Juruá e Tarauacá; Notas sobre a epidemiologia no Vale do Amazonas; Plano geral de campanha sanitária a se empreender no Vale do Amazonas".

Pouco é sabido até agora, de verdade, sobre a epidemiologia geral da grande Amazônia", conclui o Relatório, que assim prossegue: "Naturalistas, historiadores, literatos, etc. tem em torno daquele assunto, criado fantasias aterradoras que, se pouco adiantam ao conhecimento exato dos fatos, tornaram temida aquela vasta região, nela imaginando e descrevendo condições inevitáveis de morbidez

que a tornaram incompatível com a vida humana.

"E assim é porque, apesar de oferecer a mais farta messe de conhecimentos, o vale do Amazonas, nas suas regiões interiores, não tem sido atingido pelas pesquisas da medicina experimental, únicas capazes de trazer esclarecimentos aos problemas da patologia que ali esperam solução.

Certo é que naquelas regiões, no ponto de vista sanitário, encontram-se as mais precárias condições da vida humana, talvez sem paralelo em todo o mundo. De tais condições, porém, a razão única é constituída principalmente pelas endemias que lá existem e cujos processos profiláticos, hoje estabelecidos em fórmulas definitivas, não tem sido aproveitados em benefício daqueles milhares de brasileiros que se extinguem ou se inutilizam no vale do grande rio.

"Acreditamos que de causas meteorológicas ou telúricas inadequadas quase absoluta do homem, que ali não poderia permanecer senão em estado de morbidez permanente, sendo ineficazes todas as medidas sanitárias tendentes a normalizar a vida naquelas paragens, fora retroceder a doutrinas anacrônicas, todos os dias desmentidas pelos benefícios de medidas profiláticas executadas em países tropicais de índice endêmico tão intenso quanto o encontrado na Amazônia.

"A letalidade é ali, sem dúvida, muito elevada, atingindo coeficiente assustador e indicando a urgência de uma ação sanitária enérgica, destinada a evitar o extermínio de milhares de vidas e a decadência orgânica da nossa raça naquela zona".

O trecho é extenso, mas eloquente.

Enumerando as endemias relevantes, o Relatório confere a malária em lugar indisputável, seguindo-se-lhe: o Beriberi, a Leishmaniose, o Purú-Purú, a Boubá, a Sífilis, a Lepra, a Anquilostomíase e as disenterias.

Entre os epizootias, anotaram-se: o Mal de cadela e o Piroplasmose.

Chegando ao "Plano geral da campanha sanitária a se empreender no Vale do Amazonas", o capítulo se inicia por esta indicação: "E' contra o impaludismo que se deve dirigir desde já e quanto antes qualquer esforço tendente a sanear o Vale do Amazonas", traçando Oswaldo Cruz, pormenorizadamente, o plano da grande Campanha, com aquele discórdio que lhe conferiu, entre nós, a supremacia do maior dos nossos higienistas.

Que se fez, entretanto? Volvida a derradeira página desse extraordinário documento da nossa história sanitária, sobre ele passou o tempo, e, com ele, a indiferença criminosa dos governos, por espaço de três décadas.

A Amazonia continuou a ser para todos nós, uma região fantástica do nosso imenso país,

AS CONSERVAS NACIONAIS DE PESCADO

A. PAULA RODRIGUES

O DR. A. PAULA RODRIGUES, chefe do Serviço de Higiene Alimentar da P. D. F., trás novamente sua preciosa colaboração a esta página, abordando desta vez um aspecto particular do tema versado em seu primeiro artigo: Problemas econômicos e alimentação.

Conhecedor experiente do problema alimentar brasileiro, o dr. Paula Rodrigues procura focalizar o assunto atendendo à interdependência de seus diversos fatores higiênico, social e econômico, de sorte a possibilitar estudos e atividades objetivas e eficientes.

Dois erros de revisão, que passaram em um artigo meu, sob o título: "Problemas econômicos e alimentação", em o número de 20 de Agosto de DIRETRIZES, forneceram-me assunto de oportunidade para esta nota. Ali, saiu escrito "Planaton" em vez de "Plancton", que é a massa de miríades de seres inferiores, animais e vegetais, que serve de alimento básico e veículo de vitaminas aos animais marinhos. Também passaram os tubarões, como cetáceos, quando são eles pertencentes à sub-classe dos selácios e não são cetáceos, como as inofensivas baleias (salvo quando se defendem dos seus infatigáveis caçadores).

A sub-classe dos selácios está hoje fornecendo espécies para o preparo do "bacalhau brasileiro" no nosso mercado, pois é sob esse rótulo que vários cações estão sendo preparados pelo método da salga.

De fato, no aspecto e na composição homotológica, o cação salgado aproxima-se mais do bacalhau que o pirarucu, visto como este é um peixe gordo, contem 8,28 % de gordura enquanto o bacalhau e o cação tem pouco mais que um por cento. O pirarucu salgado aproxima-se mais da composição do arenque.

A sua indústria é ainda muito primitiva. Os cações que são selácios, pequenos e médios, atingindo até um metro de comprimento, são abundantes em nossas costas marítimas. Umas cinco espécies podem ser aproveitadas para salga da carne, sendo que o fígado é mais rico em vitaminas A e D que o bacalhau. A pele lisa, como são as do Selácios, poder ser industrializada, e por ser impermeável aos gases asfixiantes, serve muito bem para máscaras.

O povo chama de cação grande um pequeno tubarão, mas em geral os pescadores evitam, e com razão o Hitler dos mares, que assim poderemos cognominar a espécie "Carcharodon carcharias", a quem mui justamente os franceses chamam de "Requin", palavra que é uma corruptela do termo latino "Requiem", oração fúnebre...

As conservas em lata já constituem uma indústria adiantada entre nós, podendo perfeitamente substituírem as que veem de Portugal. Embora tenhamos nos nossos mares a legítima sardinha, várias espécies da família Clupideos substituem-na, tais as savelhas e manjubas, bem como a "Sardinella Aurita", comum a todos os mares. Daí, von Ihering contestar a versão de que D. João VI tenha-na trazido para as nossas águas.

Também em lata está aparecendo agora o "Atum brasileiro", que deve ser a Alvacora, da mesma família daquele grande peixe das águas boreais. A Alvacora é abundante no Norte, nos meses de outubro e Janeiro e pode atingir um metro de longo.

Confundem a Alvacora com o "Bonito". E é curioso que com esse mesmo nome seja conhecido, nas antigas colônias espanholas do Pacífico, um peixe, com o qual os japoneses fazem a conserva, que dão o nome de "Katsubushi", a semelhança do que DIRETRIZES noticiou na sua reportagem sobre a Ilha Grande.

As nossas águas, salgadas ou doces, tem uma fauna, até agora representada por mais de 167 espécies, enquanto nos países boreais não chegam a 20 as espécies comestíveis mencionadas nos compêndios de Bromatologia.

As espécies finas de pescados só podem ser cuidadas em viveiros e as lagoas do Estado do Rio e Distrito Federal prestam-se bem a este fim. Para as de água doce, já o Estado de São Paulo, nos seus rios, e o Ministro José Américo, nos açudes do Nordeste, conseguiram fazer aclimatar as espécies melhores do Amazonas e São Francisco.

uma terra esplendorosa, povoada de riquezas incomensuráveis, contrastando com os farrapos humanos servindo de pastos às endemias, um El Dorado maldito, o Inferno Verde, dos nossos letrados.

Nunca nos apercebemos daquela queixa amarga e, mais do que isso, daquele memorável desafio com que a ciência, a previsão e o patriotismo de um grande homem, aconselhavam os governos de sua época, ao vaticinar cheio de confiança: "Realizado o plano de campanha sanitária constante das linhas acima, posso afirmar com segurança que desaparecerá o obstáculo capital que retém o progresso vertiginoso a que está destinado o vale do maior rio do mundo e ficará assim entre a civilização uma das mais

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píbulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píbulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: \$3000.

ricas, senão a mais rica zona do Brasil.

Está nas mãos do governo realizar esse feito".



A saúde do trabalhador

Os operários que trabalham com o zinco, precisam saber que podem ser vítimas de uma intoxicação aguda, muito grave, e acompanhada de febre. (Inspetoria do Trabalho).

Na intoxicação aguda pelo zinco, o operário começa a sentir, em geral, após o trabalho, fadiga, frio, mal estar e febre, que pode chegar a quarenta graus. (Inspetoria do Trabalho).

Na intoxicação aguda pelo zinco o operário pode acusar dores articulares, dor de cabeça, confusão mental, alucinação e às vezes, convulsão. Chama a teu médico trabalhador. (Inspetoria do Trabalho).

As distrações na HISTÓRIA

XVIII

Em volta à mesa de jantar, naquela casa de sensibilidade e compreensão, residência que era de um sábio, as palavras cruzavam vivas e alegres.

Palavam de tudo. Animadamente. Em pouco, fugindo à discrição de sempre, o próprio "velho" se animou e começou a contar:

— Ora, vocês não imaginam o que se deu hoje comigo no barbeiro. Poucas vezes tenho visto uma pessoa tão delicada. Cheguei para fazer a barba e eram mais ou menos nove horas. Estava atrasado. Pretendia ir cedo para Manguinhos. E na minha frente havia vários fregueses. Pois bem: não sei por que, um rapaz, que era o primeiro, fez questão de ceder-me a vez. Passou para último! Não pensei em relutar, pois seria opor a grosseria à delicadeza. Francamente, porrem...

— Mas, papai!
— O que, meu filho?
— Esse rapaz era eu!..

N. R. — O fato acima se passou com o Professor Cardoso Fontes, que não fez exceção, portanto, à nossa série de distrações dos grandes cientistas.

XXX

Continuamos insistindo: nem sempre as distrações, ou a falta de atenção ou de memória, constituem simples passagens interessantes. Podem ser mesmo sintomas de moléstias graves como o esgotamento nervoso. Para esses males, não confundam: a KOLA FOSFATADA WERNECK, é remédio indicado.



MINHA PINTURA MURAL

(Conclusão da página 10)

O emprego de uma composição de caráter bastante ativo permitiu-me avançar no caminho das formas pictóricas móveis, frente a frente do estatismo da pintura de minha primeira fase e do estatismo formal da obra que ainda hoje realizam os meus colegas mexicanos, inclusive os mais trepidantes (?). E nada me convence mais do êxito que obtive nesse terreno como as exclamações proferidas pelos meus inimigos: "terríveis formas voeliferantes que se movem com incrível rapidez"; gritos exaltados de homens violentos que passam do pictórico ao fonético real"; "poderosa pintura mas inadequada para a decoração das paredes de uma escola primária".

Quanto ao tema, a obra, em seu conjunto, exalta o espírito de luta do povo contra o invasor. O painel dedicado ao Chile é a história das lutas populares pela independência do país, desde Galvarino a Recabarren. Figuram, nesse painel, além dos dois, Lautaro, Caupolican, O' Higgins, Bilbao e Balmaceda. As figuras dos invasores figuram também: derrubadas ao solo.

O painel dedicado ao México se refere, por sua vez, às lutas populares do meu país, de Cuauhtémoc até Cardenas, com as figuras de Hidalgo, Morelos e Zapata, de um lado, e Juarez

mais Cardenas, de outro. A figura que liga aos três primeiros é a popular Adelita mexicana. Como no caso anterior, a figura no chão é o símbolo do invasor vencido.

Del a esta minha obra o título de "Oratoria Pictórica", para exprimir assim o meu conceito sobre o "eloquentismo", que deve ser de princípio a to-

da arte do conteúdo social, a arte néo-realista que estamos criando com todas as experiências possíveis, uma vez que para explicar (um pouco ironicamente talvez) aos "artepuristas" que é possível dizer coisas ideológicas com formas plástico-pictóricas modernas de valor absoluto; e ainda mais, sendo essas formas as únicas que podem res-

ponder a obra de conteúdo social.

Estou convencido que a "Oratoria Pictórica" representa um passo adiante ao meu esforço de doze anos por uma nova arte pública, de um novo e maior estado de arte, de uma nova eloquência, em suma, na pintura integralmente moderna, na pintura que se segue ao primeiro período folclórico, ou simplesmente estético, do muralismo mexicano e à simples agilidade "snob" da arte moderna de Paris, como fenômeno de conjunto".

NÃO MERECEM CONFIANÇA OS FUNCIO...

(Conclusão da 11.ª página)

ne às tradicionais franquias liberais que possuímos, e por cuja conservação estamos em guerra;

Considerando que os que juraram defender, até com a própria vida, os princípios totalitários, não podem, de maneira alguma, ser tidos como sinceros, quando pretendem fazer crer que renegaram semelhante juramento para se adaptarem à ordem política diametralmente oposta às crenças pelas quais sempre lutaram;

Considerando que o Governo Federal, na defesa dos interesses nacionais, partitoticamente suspendeu, entre outras, a garantia de estabilidade até agora assegurada aos seus funcionários públicos;

RESOLVE:

a) — recomendar, antes como brasileiro do que como Chefe e Secretario, a todos os diretores de departamentos, de diretoria ou de serviços, dependentes desta Secretaria, que exerçam, com empenho, a maior, mais severa e constante vigilância sobre seus subordinados, comunicando a esta Secretaria os nomes dos que, por qualquer motivo fundado, são suspeitos à causa do Brasil, podendo afastá-los, desde logo, do exercício dos seus cargos, para, apurada, incontinenti, e de forma conveniente, a procedência das acusações serem demitidos e processados.

b) — determinar, outrossim, que se oficie à Secretaria da Segurança Pública, solicitando-lhe, com urgência, remessa de uma relação completa dos nomes de todos os filiados a ideologias políticas contrárias às que vigoram no Brasil.

INJEÇÃO
ANTIBLENOR-
RÁGICA

Gonol

Suprime
a dor, não
mancha a
roupa.

"A GALERA"

"A GALERA" — Foi no 2.º viado o terceiro número de "A Galera", revista do Corpo de Alunos da Escola Naval, que é dirigida e compilada nas horas de folga, pelos próprios aspirantes da nossa Marinha de Guerra. Esse órgão procura divulgar nos nossos meios civis as atividades profissionais desse pugilo de jovens, que desde a juventude dedicaram os seus dias ao serviço da Pátria e que desejam como única recompensa, poder verter o seu sangue pelo Brasil, cuja honra e Integridade juraram defender.

"A Galera" é uma publicação de atualidade, contendo ampla reportagem fotográfica. Nas suas páginas encontramos ótimas colaborações de destacadas figuras da literatura e o humorismo que nelas achamos é bom e sadio.

O conjunto nos agrada e a sua leitura nos enche de entusiasmo pela gente do mar.

CONHEÇA

BERTIOGA

hospedando-se

— no —

Lido

Aos DOMINGOS E FER-
RIADOS, BARCA dire-
ta, às 9,30, partindo do
Armazem 5 — SANTOS
— em comunicação
com o 1.º trem de São
Paulo

Dezesete anos de serviços à coletividade

Fundado em agosto de 1925, precisamente há dezesete anos, conseguiu o LAR BRASILEIRO, nesse período, executar um vasto programa de profundo alcance social e econômico, graças à confiança que sempre lhe foi dispensada pelo público.

Aos seus 46 mil depositantes oferece o LAR BRASILEIRO as melhores taxas de juros, de acordo com as possibilidades do mercado monetário. Os recursos financeiros do LAR BRASILEIRO são aplicados quase exclusivamente em operações imobiliárias e hipotecárias, de modo a permitir a aquisição de casa própria, em prestações módicas, a longo prazo. O LAR BRASILEIRO colaborou decisivamente nas maiores iniciativas em construções de casas residenciais e prédios de apartamentos, criando consideráveis fontes de lucros para as indústrias, o comércio, as empresas construtoras, os corretores de imóveis e, ao mesmo tempo, contribuindo para o embelezamento da cidade e para a constante elevação da riqueza tributária.

Os majestosos edifícios de apartamentos em condomínio, que hoje se levantam em nossas lindas praias e avenidas, são em grande parte fruto dessas iniciativas do LAR BRASILEIRO.

A Administração e os funcionários do LAR BRASILEIRO, aproveitando a passagem desta auspiciosa data, apresentam aos seus prezados clientes os maiores agradecimentos pela sua generosa confiança e preferência.

Banco Hipotecario Lar Brasileiro

Rua do Ouvidor 90 — RIO de Janeiro — Tel. 23-1825

FILIAIS: Rua Alvares Penteado 139-43 — S. Paulo. — Rua Padre Vieira 11-13 — Baía —

FRONT LITERÁRIO

O franco atirador Osorio Borba

Quando o tempo permitir que se escreva com isenção de animo a cronica do momento presente, acredito que o nome do sr. Osorio Borba ganhará o lugar que merece, queiram ou não queiram os seus inimigos. A esse jornalista de coração limpo e inteligencia clara, não se pode deixar de reconhecer, o Brasil deve, em grande parte, a preparação do sentimento popular que levou o governo, num gesto que correspondeu plenamente ás aspirações da massa, a reconhecer o estado de guerra imposto pelo nazi-fascismo após os inúmeraveis atentados contra a nossa soberania.

O sr. Osorio Borba não é um lutador de última hora. Pelo contrario. Desde o primeiro instante, quando ainda se procurava agitar a ferida com panos quentes, o intrepido jornalista atacava de rijo a canalha nacional e estrangeira que, nos cafés e nas redações de certos jornais se regosijava com os covardes afundamentos dos navios brasileiros. O sr. Osorio Borba sempre usou nos seus artigos uma linguagem nitida e conciente. Sempre falou claro, mesmo porque ele não gosta de meias palavras. E' dos tais que dizem a verdade sem rebuços, doa a quem doer.

Porque será que o sr. Osorio Borba tem o dom de irritar a tanta gente? Eis um tema interessante (logico que desinteressantissimo para muitos cavalheiros...). E' que o sr. Osorio Borba tem sido, em toda a sua vida de politico e jornalista, fiel a si mesmo. Jamais se afastou da linha de conduta que traçou, graças ao seu carater e ao seu temperamento combativo. E a fez de tal maneira inflexivel que o homem Osorio Borba passou a ser tido como um "bicho do mato", um sujeito impossivel transformado em "palmatoria do mundo".

No entanto, nenhuma ideia mais falsa do sr. Osorio Borba do que essa. O grande jornalista brasileiro jamais pretendeu ser a "palmatoria do mundo". Sua natureza não é essa que grossieramente lhe imputam. O sr. Osorio Borba, articulista macho que é, sabe apunhar o assunto pela garganta, comenta-o com viril inteligencia, sem trair ao seu dever profissional, apontando a verdade e denunciando o embuste.

Já como representante de Pernambuco na Camara Federal, deputado da maioria, o sr. Osorio Borba deu o exemplo de quem preferia estar sempre de acordo consigo mesmo, em vez de acompanhar as carneiradas partidarias. Chegava ao atrevimento de votar contra o seu próprio Partido e até mesmo contra o governador do seu Estado, como o sr. Alvaro Lins assinalou, ao escrever sobre o admiravel volume do sr. Osorio Borba, "A Comedia Literaria". "Foi talvez o deputado que mais se insurgiu contra o seu Partido — lembra o critico do "Correio da Manhã", no artigo citado acima — e contra o seu governador para lhes restar fiel, depois, depois, no momento do infortunio. Assinou a Constituição de 1934, mas com muitas restrições; colocou restrições em quase todas as disposições da maioria governamental".

Ainda como deputado, o sr. Osorio Borba, como o fizera anteriormente, atacou com desassombro o fascismo de dentro e de fora. Sempre formou entre os que combateram o integralismo, logo que o microbio appareceu e começou a se multiplicar por todo o territorio nacional. Ao retomar a sua posição de jornalista, depois de fechada a Camara dos Deputados, o sr. Osorio Borba continuou a sua campanha profilatica contra o integralismo e contra os falsos valores do espirito, da qual "A Comedia Literaria" é apenas um momento.

Eu sei que o sr. Osorio Borba é um errado para certos cavalheiros, o que, de certo modo, constitue o melhor dos elogios que se possa fazer a esse destemido franco atirador, que forma na classe dos homens livres do jornalismo brasileiro. O mundo, como diz o titulo de um romance do peruano Ciro Alegria é grande e estranho. O consolo do sr. Osorio Borba, o nosso consolo, é que o tempo dirá, com a sua lenta mas robusta sabedoria, com quem está a razão. E' esticará o indicador mostrando quem são os errados... — F. A. B.

COLEÇÃO JOAQUIM NABUCCO

Dentro de um mês seguramente deverá apparecer o primeiro volume da "Coleção Joaquim Nabucco", dirigida pelo escritor Alvaro Lins. É o "Aspectos da cultura brasileira" do sr. Mario de Andrade. Depois da publicação desse livro, sairá a segunda edição de "A vida de Joaquim Nabucco", de autoria de sua filha Carolina Nabucco. O terceiro livro da coleção será "Inglaterra", escrito por varios homens de letras brasileiros, entre os quais os srs. Gilberto Freyre, Mario de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Abguar Reboul, Alceu Amoroso Lima, Delgado de Carvalho e Eugenio Guin. Na mesma coleção estão programados, ainda, os seguintes volumes, que serão lançados, provavelmente, no ano vindouro: "O fenomeno literario" por Tristão de Ataide, "Os ingleses no Brasil" por Gilberto Freyre, "Histó-

ria e Critica do romance do Rio de Janeiro" por Astorjildo Pereira e um romance inédito de Oswaldo Alves.

MARCO ZERO ESTÁ PRONTO

Uma noticia que certamente causará sensação em nossos circulos literarios: o sr. Oswald de Andrade já terminou o seu falado romance "Marco Zero", ou melhor o "Primeiro romance Marco Zero", pois, além desse, virão o "Segundo" e o "Terceiro romance arco Zero", os dois ultimos ainda em elaboração. Com o primeiro, o sr. Oswald de Andrade apresentou-se candidato ao premio de ficção do Concurso Literario Latino-Americano, promovido pela casa editora norte-americana Farrar & Rinehart, que está sendo patrocinado, em nosso país, pela "Revista do Brasil", a magnifica publicação literaria dirigida por Octavio Tarquinio de Souza. O "Primeiro romance Marco Zero", ao que consta, não será mais edi-

tado pela Livraria do Globo, como fora anunciado anteriormente.

REVISTA DO BRASIL

Por falar na "Revista do Brasil", é bom que todos saibam que, ao contrario do que se propagava nas rodas de literatos, o nosso maior e melhor magazine literario não morreu. Voltará a circular no proximo mês (Outubro). Daqui por diante, a "Revista do Brasil" apparecerá de três em três meses, no mesmo formato, com as mesmas seções e com o mesmo grupo seleto de colaboradores.

D. PEDRO I E MAETTERNICH

Do jovem historlador e diplomata, sr. Sergio Corrêa da Costa, a Editora "A Noite" acaba de lançar mais um volume sobre a fascinante personalidade de D. Pedro I. O autor, que já nos deu um substancioso ensaio prefaciado pelo Ministro Oswaldo Aranha, "As quatro coroas de D. Pedro I", vem de estudar agora a historia do segundo casamento do nosso primeiro imperador. "D. Pedro I e Maetternich" intitula-se o livro em questão, por sinal todo illustrado, cujo texto oferece ao leitor indistinctive interesse historico e literario.

O LIVRO DE MARIA GRAHAM

A Companhia Editora Nacional já anunciou o proximo livro da "Brasilliana" — o "Vlágem ao Brasil", de Maria Graham, que está fadado a alcançar sucesso identico á recente publicação do grande livro de Henry Koster, "Viagens ao Nordeste do Brasil", sobre o qual, ainda outro dia, o romancista José Lins do Rego escreveu um estu-pendo artigo num dos jornais do Rio.

ALVARO LINS E GILBERTO FREYRE

Do sr. Alvaro Lins, o livrelro José Olimpio editará brevemente a segunda serie do "Jornal de Critica", coletanea dos rodapés publicados, aos sabados, no "Correio da Manhã". O editor José Olimpio reunirá, também, em volume, as "Notas de um diário de critica", que constituem, sempre que divulgadas na imprensa, motivo de celeuma a todos que se interessam pelo nosso escasso e turbulento movimento literario.

A mesma Livraria vai lançar por esses dias mais dois livros do sr. Gilberto Freyre, "Ingleses" e a segunda edição do "Guia Prático, Historico e Sentimental da cidade do Recife". O primeiro desses trabalhos de grande secretor pernambucano traz um lúcido prefacio de José Lins do Rego, que conforme já dissemos, nesta mesma seção, é tão bom ensaísta quanto romancista.

PENSAMENTO VIVO DE ESCRITORES BRASILEIROS

Dando uma nova feição á sua interessante Biblioteca do Pensamento Vivo, o editor José Barros Martins, de São Paulo, pretende publicar uma serie de resumos das idéias de alguns escritores e pensadores brasileiros mortos. Os primeiros volumes dessa coleção de pensamento vivo serão assim distribuidos: Euclides da Cunha, por Gilberto Freyre; José Bonifacio, por Sergio Buarque de Holanda; Evaristo da Veiga, por Otavio Tarquinio de Souza; Joaquim Nabucco, por Alvaro Lins; Tobias Barreto, por Hermes Lima; Padre Antonio Vieira, por Afonso Arinos de Melo Franco; Hipolito José da Costa, por Francisco de Assis Barbosa, além de outros, que estão sendo devidamente escolhidos e estudados.

LIVROS PORTUGUESES EDITADOS NO BRASIL

A Coleção Classicos e Contemporaneos (Edições Livros de Portugal), sob a alta direção literaria do professor Jaime Cortezão, promete para breve os seguintes volumes: "Os melhores contos rústicos portugueses", seleção e prefacio de Jorge de Lima; "Cronicas escolhidas de Eça de Queiroz", seleção e estudo sobre a evolução desse genero na obra do au-



Rosina de Ruman

A VOZ MAIS MOÇA E MAIS
RONITA DO BRASIL
E O "SHOW"

"VITRINE DE BRINQUEDOS"

URCA

tor, por Viança Moog; "Os novos poetas portugueses", estudo e seleção de Cecília Meirelles; "Os novos contistas portugueses", seleção e estudo de Ribeiro Couto. Além das antologias em prosa e verso de Antero de Quental, publicadas recentemente, as Edições Livros de Portugal está para lançar no mercado de livros duas outras antologias: a dos "Gatos", de Fialho de Almeida, precedida de um estudo de José Lins do Rego, e a das "Farpas", de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, com um ensaio de Gilberto Freyre.

POEMAS DE JANEIRO

O sr. José Cesar Borba, que é um dos nossos mais argutos e finos comentadores literarios, publicará talvez ainda este ano o seu livro de estrela: uma coletanea de versos intitulada "Poemas de Janeiro". Neste livro, o sr. José Cesar Borba anunciará dois outros mais, em prosa, que se chamam: "Literatura de Suplemento" e "Presença de Augusto Frederico Schmidt".

BIOGRAFIA E CRITICA DE SILVIO ROMERO

O escritor Silvio Rabelo, recentemente nos deu um livro admiravel sobre a obra de Farias Brito, que tão boa impressão causou em nossos circulos culturais, trazendo ao debate da critica as idéias e os conceitos do filoso de "A base fisica do espirito". Atualmente, o autor de "Farias Brito ou uma aventura do Espirito" trabalha na feitura de um novo ensaio, este de biografia e critica, em torno de uma das figuras mais notaveis do nosso passado cultural: o velho e admiravel Silvio Romero.

ROMANCES BRASILEIROS TRADUZIDOS PARA O FRANCES

A Atlantica Editora, cujas edições em lingua franceza, como a "Lettre Aux Anglais" de Georges Bernanos, tão grande repercussão vem alcançando no Brasil e nos

demais países americanos, val dar início a uma iniciativa bastante interessante. Trata-se, nada mais, nada menos, de uma coleção de romances brasileiros traduzidos para o francez, nascida, ao que parece, de uma sugestão do escritor Paul Ronal, europeu que se en- contra radicado no meio literario brasileiro, dominando o nosso idioma com absoluta perfeição.

Esses romances, escriptos e cuidadosamente traduzidos, quando possivel com assistência direta dos autores, principalmente quanto aos detalhes de modismos e expressões regionais, serão precedidos de estudos criticos e biográficos, á guisa de introdução.

Entre os os provaveis romances que integrarão a interessante coleção de escritores brasileiros da Atlantica Editora que abrangerá vivos e mortos, podemos desde já adeantar os seguintes, já definitivamente escolhidos: "Memorias de um sargento de milicias", de Manoel Antonio de Almeida; "Memorias Postumas de Braz Cubas", de Machado de Assis; "O Ateneu" de Raul Pompeia; "O Cortico", de Aluizio de Azevedo; "Pedra Bonita", de José Lins do Rego; "Angustia", de Graciliano Ramos e "O Quinze", de Raquel de Queiroz.



IDEAL
PARA DEPOIS
DO
BANHO
DO
BEBÊ

Malva

TALCO

FORMULA DO
PROP. ANTONIO ALVES
DA UNIVERSIDADE DE
S. CARLOS

PERFUMARIA MARCILLA
S. CARLOS - S. CARLOS

Quais os momentos decisivos desses três anos de guerra?

(Continuação da pag. 13)
piores ex-homens que já infamaram a espécie".

DALCIDIO JURANDIR:
"A queda de duas linhas que simbolizavam muitas coisas: — a Mannerheim e a Maginot. A revolta do povo da Iugoslavia e o voo frustrado de Hess. A invasão da União Soviética e a modesta promessa que Hitler fez aos alemães de que lhes daria Moscou como um presente do natal de 1941. A significação da resistência chinesa ante a queda de Singapura. O crescente movimento popular na Inglaterra e na América do Norte pela abertura da 2.ª frente para aniquilar mais depressa o nazismo".

GUILHERME FIGUEIREDO:

DIRETRIZES me pergunta, quais os acontecimentos que me empolgaram nestes três anos de guerra. Procurei fazer um pequeno rol, mas confesso que não é das coisas mais simpáticas o deixar-se "empolgar" pela guerra. Por isso digo que os acontecimentos citados aqui me empolgaram pela significação que tem para mim, para o Brasil, para a humanidade, para o mundo de amanhã. E também como exemplo da bravura na luta pela liberdade, contra a escravidão nazista. Ai vão eles: o heroísmo do general Priour; a assinatura da Carta do Atlântico; a resistência de Tobruk; a resistência russa; a resistência dos ingleses aos bombardeios alemães; o discurso de Churchill depois da queda da Grécia; os artigos de Bertrand Russell, H. G. Wells e Dorothy Thompson; o livro do deão de Canterbury; o livro do embaixador Davies; a atitude dos chanceleres Padilha e Guani na Conferência do Rio de Janeiro; a atitude da maioria da Câmara Argentina; o feto do comandante brasileiro Oswaldo Pamplona; a nota verbal do Itamaraty à Alemanha sobre os prisioneiros brasileiros.

DANTE COSTA:

1.º — O bombardeio de Toquio — Ação de guerra verdadeiramente sensacional, realizada de maneira perfeita. Demonstra a técnica belicosa e a coragem jovial dos americanos do Norte.
2.º — A resistência russa no inverno de 1941. Defensiva que teve um duplo valor: deteve o avanço alemão para o Oriente e desmoralizou a lenda da invencibilidade germanica.
3.º — A reação de todas as classes sociais do Brasil, em face das recentes agressões nazi-fascistas contra a nossa soberania. Essa reação magnífica abre uma nova fase na luta interna contra os estrangeiros que conspiram contra o nosso país e a 5.ª coluna formada pelos nativos que os acompanham neste crime".

DIAS DA COSTA:

"Aqueles que estão ligados à resistência oferecida por alguns povos à inominável agressão nazi-nipônica. Empolga-me a tenaz e heroica resistência do povo chinês. Empolga-me o estoicismo do povo britânico ante os bombardeios aéreos de cidades abertas. Empolga-me a fibra do povo russo, defendendo Moscou, defendendo Leningrado, defendendo Sebastopol, permitindo aos aliados dispor de

um tempo precioso para a sua sobrevivência. Empolga-me a luta heroica do povo grego, marcando com o chicote de seu despreso a face das hordas de Mussolini. Empolga-me a bravura quase louca dos guerrilheiros sérvios. Empolga-me ainda o trabalho dos operários americanos, ingleses e russos, na tarefa de produzir os abastecimentos para os exércitos que lutam pela liberdade do mundo.

Enquanto perdurar tal espírito de luta, enquanto houver esse sentido de colaboração, a bestialidade germanica, a covardia fascista a selvageria nipônica não terão qualquer possibilidade de vitória".

ANGIONE COSTA:

1.º — O discurso de Churchill depois da invasão da Rússia definindo a posição da Inglaterra.
2.º — A carta do Atlântico.
3.º — O bombardeio aéreo do Japão realizado pela aviação americana".

RENATO MURCE:

"O afundamento do Graf Spee"; a resistência de Creta; a ação de Mac Arthur; a conferência Pan-Americana — eis os fatos que me empolgaram. Os que me chocaram: a capitulação da França; a traição de Pearl Harbour; o afundamento do primeiro navio brasileiro".

RESPOSTA DE MADALENA TAGLIAFERRO

Madalena Tagliaferro, a grande pianista brasileira, assim respondeu à nossa pergunta:

— Os acontecimentos decisivos desta guerra que mais me empolgaram ou me emocionaram foram cronologicamente os seguintes: primeiro, a queda da capital francesa, onde formei a minha cultura artística, e de onde ainda se irradiará a sua imorredoura luz sobre o Universo; segundo, a heroica resistência, russa, que deu tempo às Nações Unidas para erigirem em todas as frentes o mais inespugnável baluarte contra o domínio da força brutal; terceiro, os ataques traiçoeiros e deshumanos contra Pearl Harbour e contra os navios mercantes brasileiros, que determinaram a entrada dos Estados Unidos e do Brasil na guerra contra a barbaridade, guerra à qual todas as nações civilizadas deste continente e do mundo inteiro não podem deixar de aderir, de um modo ou de outro.

S. PAULO RESPONDE AO INQUÉRITO

São Paulo também respondeu à nossa "enquete." Através da palavra dos seus nomes mais ilustres e mais populares, intelectuais e homens da rua, a opinião paulista em seu balanço geral, não destoa em absoluto do depoimento que temos em mãos, recolhidos nesta Capital e em outros Estados do Brasil.

Como em todas as outras partes do país, onde esteve a reportagem de DIRETRIZES, as classes paulistas não estão indiferentes à luta que se trava no mundo, neste momento também uma luta nossa. Mas, da mesma forma que fizemos uma ressalva no inquérito realizado nesta Capital, chamando a atenção dos leitores para o fato de que a maioria das respostas que

recebemos nos havia sido entregues antes da declaração de guerra do Brasil ao fascismo, repetimo-la para o caso de São Paulo. Enviadas dias antes daquele grande gesto nacional, repudiando com dignidade e coragem a agressão totalitária à sua soberania, as respostas dos intelectuais e demais figuras paulistas não puderam se reportar ao fato, logicamente o que mais empolgou e tocou não somente aos paulistas, mas a todos os brasileiros, desde que o fascismo desencadeou a catástrofe no mundo inteiro.

A RESPOSTA DE SERGIO MILLIET

O escritor Sergio Milliet, presidente da Sociedade dos Escritores Brasileiros em São Paulo, respondeu: "A derrota alemã na Rússia; e a derrota alemã na Inglaterra (derrota aérea); e a entrada dos Estados Unidos na guerra."

Na redação da "Folha da Noite", abordamos o seu Secretário, jornalista Ribeiro Penna, que apesar de atarefado na classificação da matéria, foi respondendo: "A retirada de Dunkerque; a resistência inglesa aos bombardeios aéreos e a vitoriosa resistência russa."

DEPOIMENTO DE MONTEIRO LOBATO

Fomos procurar o escritor Monteiro Lobato em sua residência, num momento propício. Notava-se que o ídolo das crianças que lêm estava preocupado com qualquer assunto, talvez relacionado com esta enquete. Foi dizendo: "A inutilidade do rádio para esclarecer o verdadeiro das situações; o valor do prisma publicitário na refracção dos acontecimentos; e a impossibilidade de aprender um fenômeno histórico antes que a perspectiva do tempo nos dê distância."

A QUEDA DA FRANÇA UM ACONTECIMENTO ESTONTEANTE

O dr. Auricélio Penteado, advogado no foro de São Paulo, comentava os últimos acontecimentos e nós aproveitamos a brecha. Avizamos que era para "Diretrizes." Satisfeito, não teve dúvida em responder-nos o seguinte: "A fraqueza da França, antes e depois do Armistício; e sangue frio inglês, quando tudo parecia perdido. Lembra os versos de Kipling: — 'If you can keep your head when all about you are losing theirs...' e por fim, disse-nos: 'O fato de haverem os japoneses esquecido os maravilhosos princípios da honra, consignados no Bushidô.'"

A PALAVRA DE UM JORNALISTA

O jornalista Joaquim O. S. Camargo, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, atendia à consulta a propósito do grande e vitorioso Congresso realizado pela classe, neste Estado. Estávamos numa das últimas sessões. Havia entusiasmo na sede do Sindicato, quando o abordamos, prevenindo que as perguntas nada tinham a ver com as que acabava de receber dos três ou quatro consulentes. Mudou rapidamente o curso do seu pensamento, para responder-nos: "Para mim, os acontecimentos mais empolgantes desta guerra, foram, a retirada de

Dunkerque; a resistência da Inglaterra pelo aspecto de fortalecimento moral e a unidade americana estabelecida teoricamente pela Conferência dos Chanceleres do Rio de Janeiro. Creio que os países sulamericanos ainda não compreenderam a gravidade da situação e estão demorando em iniciar uma cooperação efetiva com os aliados, visando esmagar as potências totalitárias".

DOIS DESENHISTAS

E agora, dois desenhistas comerciais, que hoje se dedicam a dar vida aos anúncios, imaginando planos de publicidade, enquanto a guerra continua roncando. Newton Rezende e Mario Guimarães trabalham juntos, num mesmo studio. Atacam ambos ao mesmo tempo e o resultado não se fez esperar. Anotamos as respostas de Mario Guimarães: "A queda da França; o ataque alemão à Rússia; e a corrida pela posse do Iraque e Iran".

Pouco depois, Newton Rezende satisfazia DIRETRIZES "A queda de Rudolf Hess na Inglaterra; a queda da França; e o fraenço italiano na Grécia."

A PALAVRA DE UM ECONOMISTA

Fomos encontrar o economista Humberto Bastos, autor do livro "Terra e Cifra", precisamente às voltas com cifras, no seu escritório, num dos andares do Prédio da Companhia Paulista. Foram estas as suas palavras: "Em resposta às perguntas que me faz DIRETRIZES declaro que três fatos mais me empolgaram na guerra atual (em ordem de fundamental importância para a reconstrução do mundo), são os seguintes: "A resistência verdadeiramente épica do exército russo; a mobilização total das forças econômicas dos Estados Unidos e a harmonia de sua política interna; e a hegemonia da América ratificada na Conferência do Rio de Janeiro, excluindo-se, naturalmente, a atitude do atual governo argentino".

UM "SPEAKER"

Com Homero Silva, o popular e atarefado "speaker" da rádio Difusora foi assim: ligamos o rádio e distinguimos a sua voz. Ele se encontrava no estudio, portanto. Onibus "Sumaré" e em vinte minutos lá estávamos. "Pois não, senão dúvida, caro reporter. Ademais, DIRETRIZES é minha leitura predileta. Pode anotar: "A queda da França; a resistência da Grécia ao ataque italiano; e a extraordinária capacidade de produção dos Estados Unidos." Atendeu-nos e desapareceu, sorridente, pelas portas do estudio: voltava a sua hora de trabalho.

UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO

Agora, um engenheiro agrônomo, o sr. Thorsten Wittboldt, de nacionalidade sueca e que vive há vinte anos no Brasil. Por isso, começou assim: "A invasão alemã da Noruega; e pacto de amizade entre a URSS e a Grã Bretanha; e a força das tropas soviéticas."

A OPINIÃO DE UM DIRETOR DE PUBLICIDADE

O sr. Geraldo Macedo vive des-

aparecido em meio a planos e mais planos de publicidade, como diretor que é da Standard de Propaganda, em São Paulo. Foi preciso esperar um pouco. Mas, atendidos, fizemos a pergunta. E melhor responder logo, porque amanhã talvez tenhamos que mudar de idéia. Os momentos de sensação se multiplicam. Tome nota, por hoje: a queda da França; a ignorância dos povos quanto ao poderio soviético; e o número de vapores mercantes aliados e neutros afundados no Atlântico".

A RESISTÊNCIA CHINESA, UM ACONTECIMENTO ÉPICO

O ex-deputado federal por São Paulo, dr. Laerte Setubal, foi abordado pela reportagem em plena rua e dali rumando para o seu escritório de advocacia, onde terminamos a entrevista. O ilustre poeta brasileiro assim se expressou: 1) "o trabalho discreto, silencioso de Papa Pio XII para conseguir uma paz com Justiça; 2) a "indústria de barbú" dos chineses obstruindo a vitória do Japão; 3) a RAF sobrepunhando a Luftwaffe; 4) O apostolado do Presidente Roosevelt e a conquista do povo americano e das Américas para a nova Santa Cruzada; 5) A Inglaterra "desaristocratizando-se" em nome da Justiça Social; 6) a Cruz de Lorena transplantada do túmulo da França para o peito de De Gaulle; 7) A industrialização da Rússia e a disciplina e a bravura incomparável do seu povo; 8) A carta do Atlântico; 9) A heroica odisséia da maruja dos barcos mercantes; 10) A ressurreição da velha alma helenica dentro da Grécia de Metaxas; 11) A Polónia sangrando, mas ainda palpitante de vida; 12) A defesa épica de Malta; 13) Draja Mihailovitch combatendo dentro da Servia ocupada; 14) A Holanda, a Noruega e Tchecoslovaquia, dominadas, mas obedecendo à Rainha Guilhermina, ao Rei Haakon e ao Presidente Benés, exilados; 15) os belgas em romaria ao túmulo do rei Alberto; 16) a pequena Suíça, como resultante das forças morais de sua raça e do seu gênio, mantendo incorruptível e respeitável neutralidade."

OUTRO JORNALISTA

O jornalista Corifeu de Azevedo Marques encontrava-se de saída do edificio onde funciona o "Diário de São Paulo", de que é redator, quando o convidamos a um café com a intenção de saber, como vimos fazendo, quais os fatos mais sensacionais dos últimos tres anos, na presente guerra. Aqui seguem as palavras do jornalista: "Não é fácil sintetizar em poucas respostas os principais acontecimentos da atual guerra. Política e militarmente ela é uma guerra nova. Não existem as grandes batalhas e os heróis individuais: um Marne ou um Poch. Só poderá ser iniciada em etapas que reúnem vários heróicos acontecimentos. A guerra política da guerra é a

(Continua na pag. 22)

cialmente, um grande acontecimento. É inter-imperialista, o anti-imperialista, é nacionalista. É também a mais heroica tentativa do imperialismo germanico (em sua atual caracterização nazista) de domínio do mundo, conquistando fontes de matérias primas e mercados consumidores. O segundo grande acontecimento foi a deflagração da guerra na frente inter-imperialista (Alemanha, França, Inglaterra etc.) em vez de ser anti-socialista, como era prevista. O terceiro grande período foi o ataque nazista ao povo russo, precedido da tentativa de uma frente imperialista anti-socialista (descida de Hess na Inglaterra), entendimentos dos nazistas com o Vaticano em troca da liberdade para os católicos na Alemanha, atividades diplomáticas junto aos governos da França, Espanha, Portugal e países sul-americanos e recusa da Inglaterra de formar a frente imperialista, aliando-se à Rússia. A resistência do povo russo é outro acontecimento empolgante. Unidade chinesa, resistência anti-imperialista do povo indú e movimentos libertadores e racionalistas nos países oprimidos, com participação das grandes massas, são etapas interessantes no processo da atual guerra. Conferência Pan-Americana, no Rio e definição pan-americanista do Brasil. Resistência da Argentina e do Chile e adesão pronta do México: fatos, também, de grande importância.

No terreno militar existem acontecimentos que merecem sejam apontados: aceitação por parte dos Altos Comandos, das guerras de guerrilhas, consideradas até então como métodos que teriam a "ética de guerra". Prática intensiva, da "política de terra queimada". Preponderância dos elementos mecânicos no desenvolvimento das lutas, colocando o homem em plano inferior. Paraquedismo, "quinta-coluna" e sabotagem: armas da retaguarda. Conquista, pelos nipônicos, de Pearl Harbour e outras ilhas do Pacífico. Atividades submarinas do Eixo em águas do Atlântico sul, torpedeando navios junto às costas de países americanos. Incapacidades: bélica do exército italiano e do governo francês.

Estávamos satisfeitos, neste ponto, com a palestra proporcionada pelo colega Corifeu de Azevedo Marques.

A REPERCUSSÃO EM MINAS

A "enquete" que "DIRETRIZES" promoveu entre os intelectuais sobre os acontecimentos que mais os empolgaram nestes três anos de guerra, teve a mais viva repercussão em Minas. Procurados pelo reporter, os expoentes de maior projeção da intelectualidade mineira revelaram as suas impressões sobre os acontecimentos marcantes da hecatombe desencadeada pela iúria nazista. Não é preciso dizer que todos aproveitaram o ensejo para a reafirmação sincera da sua fé na vitória final dos que lutam pela sobrevivência da liberdade como condição essencial para que a vida continue. Recebemos ainda o elogio caloroso de intelectuais, que aplaudiram a campanha iniciada por DIRETRIZES no sentido de revelar os intentos da

quinta coluna no Brasil desmascarando os seus agentes.

A PALAVRA DO PROFESSOR ALBERTO DEODATO

Ouvimos primeiramente o professor Alberto Deodato, catedrático da cadeira de Direito Internacional da Faculdade de Direito de Minas, democrata ardoroso e figura de realce no mundo intelectual do Estado mineiro. O professor Alberto Deodato manifestou a sua opinião, dizendo o seguinte:

— Para mim, o maior acontecimento desta guerra hedionda, provocada pelo orgulho e pela estupidez dos germanicos, foi o discurso pronunciado por Churchill após a retirada de Dunquerque. Dizia então o notável estadista britânico, num momento de dor para o mundo, que parecia assistir o domínio do nazismo, estas palavras admiráveis que bem demonstram a fibra invencível da Inglaterra. (E o professor Deodato nos mostrou um retrato de Churchill contendo as palavras a que se referia).

A Grã Bretanha combaterá a ameaça da tirania nazista durante anos e, se necessário for, sozinha. Estas palavras ditas numa hora de agonia me empolgaram e me renovaram a esperança de ver em breve derrotado mais uma vez o militarismo prussiano. E outro acontecimento que me impressionou vivamente é a heroica resistência do general Mhailovitch, que luta heroicamente contra os invasores da sua pátria — terminou o ilustre mestre de Direito Internacional Público.

QUANDO O BRASIL ROMPEU AS RELAÇÕES COM O EIXO

A palavra do estudante é bastante autorizada para falar sobre os acontecimentos que abalarão o mundo, porque amanhã, quando ralar de novo para o mundo a aurora da paz, as gerações de hoje estarão nos postos de comando. O primeiro dos estudantes mineiros a se manifestar foi o acadêmico Aureo Fulgencio, presidente da União dos Estudantes de Minas Gerais, a prestigiosa entidade da classe estudantil mineira. A sua palavra demonstra o sentido altamente patriótico dos sentimentos políticos do estudante mineiro. Disse ele:

— "Para mim foi quando o ministro Osvaldo Aranha anunciou solenemente que o Brasil rompia, naquela tarde histórica, as suas relações com os países do Eixo".

O HEROISMO DOS DEFENSORES DE SEBASTOPOL

Fala outro estudante, o Wilson Bacelar de Oliveira, Diretor do Diretório Central dos Estudantes.

— "O heroísmo dos defensores de Sebastopol me empolgou. Aqueles bravos escreveram com o seu sangue uma epopéia que jamais será esquecida pela humanidade. Resistindo por muito tempo ao peso da máquina de guerra nazista os defensores de Sebastopol mostraram a sua fibra invencível e sua coragem".

A FUGA DE RUDOLF HESS

Agora está com a palavra o universitário Adalberto Ferraz, diretor da União Universitária, que nos disse o seguinte: "A fuga de Rudolf Hess para a Inglaterra é o acontecimento mais empolgante desta guerra. Dentro da Inglaterra, o ex-lugar-tenente do diabólico ditador poderá assistir em breve a estúpida vitória final das democracias e então o mundo ficará sabendo os objetivos da fuga espetacular deste líder nazista".

A AMÉRICA PARA OS AMERICANOS E A LIBERDADE PARA O MUNDO

No cenário intelectual de Minas Gerais se destaca pela sua inteligência o conhecido teatrólogo e poeta José Carlos Lisboa, que inquirido pela reportagem assim se manifestou: "Para mim foi a ratificação e a extensão da doutrina de Monroe na memorável Conferência do Rio. Agora é a América para os americanos e a liberdade para o mundo".

Também o poeta Nilo Aparecida Pinto, autor de "Canção da amargura sem fim", revelou a sua opinião no mesmo diapasão, dizendo que o acontecimento, que mais o empolgou foi a solidariedade americana que afirmou o poderio do Novo Mundo.

DRAMATICIDADE E SIGNIFICAÇÃO

A nossa reportagem também teve ocasião de ouvir a palavra do sr. J. Guimarães Menegale, diretor da Biblioteca Pública de Belo Horizonte e uma das figuras mais marcantes no atual cenário literário de Minas. Guimarães Menegale, que é um velho amigo de DIRETRIZES, afirmou:

— O fatos que mais me empolgaram e comoveram, foram: pela dramaticidade: a batalha, a derrota e o martírio da França, traida, em concurso, pela fauna macrobiana dos Petains e pela flora microbiana dos Lavais, pela significação: a personificação da resistência da Inglaterra em Churchill, em junho de 1940; a reação da Rússia ao assalto dos nazistas; a participação dos Estados Unidos na guerra; e a Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro.

FALA O PROFESSOR ORLANDO GOMES, DA BAÍA

PROCURADO por DIRETRIZES, na cidade do Salvador, o professor Orlando Gomes, um dos intelectuais de mais prestígio no Estado, professor que já

se tornou um líder de sua classe e da classe estudantil pelos seus sólidos e velhos ideais democráticos, não se furtou em responder ao inquérito que, neste instante, realizamos em todas as partes do país.

Manifestando sua opinião sobre o desenrolar dos três últimos anos de guerra, assim nos falou o professor Orlando Gomes:

— O acontecimento mais impressionante desta sangueira interminável foi o colapso da França. Não há outro sucesso que tenha superado em dramaticidade. O que impressiona não é tanto a derrota militar. O esmagamento, em poucas semanas, de um exército que se acreditava o mais poderoso da Europa é, sem dúvida alguma, fato desconcertante. Mas, se a derrota militar desaponta a quantos acreditavam no poderio das armas francesas, muito mais desorientante é a capitulação da França, entregando-se de corpo e alma a seu inimigo histórico.

Essa ocorrência não é um simples incidente sem maior significação política e social. Ao revés disso, tem importância capital no conjunto dos acontecimentos, pois que, através da mesma, se pode vislumbrar a contradição fundamental que se encontra na raiz desse conflito histórico.

Com efeito. Em 1939, havia apenas uma nação disposta a lutar. Era a Alemanha. Preparara-se metódicamente para esse fim. Consolidara o front interno. E, principalmente, nada tinha a perder em um enoque internacional. As outras nações temiam a guerra, sobretudo pelo receio de uma comoção intestina. As classes conservadoras viviam apavoradas com a perspectiva da guerra, temendo as suas consequências na vida nacional. Mas o preço que se lhe pedia pela tranquilidade era demasiado caro. Se o pagassem, arruinaria-se-las do mesmo modo. Assim, posto que não tivessem confiança no futuro, preferiram jogar a cartada. Os acontecimentos estão indicando, por enquanto, que agiram acertadamente.

Foi na França onde esse antagonismo entre o pensamento conservador, dentro das fronteiras, e a ação revolucionária, nos campos de batalha, se revelou mais agudo. A luta contra as potências do Eixo tem, insofismavelmente, um sentido revolucionário, porque é a luta contra povos que encarnam a concepção reacionária do mundo. Os círculos dirigentes da França eram impotentes para conduzi-la, porque seus interesses concordavam perfeitamente com a filosofia de vida do nazismo. Não obstante, era pre-

ciso persuadir o povo de que a nação francesa estava empenhada numa luta de vida e morte por um ideal que o empolgasse, unificando vontades e estimulando heroísmos. Só o ideal democrático poderia servir como denominador comum para as massas francesas. Mas, os governantes, embora o tivessem compreendido, não tinham fé nem entusiasmo pela causa democrática. Tinham, sim, medo da democracia.

Em suma, os interesses das classes sobrepujavam o sentimento de pátria. Nos tempos heroicos da Revolução Francesa, os nobres haviam procurado o auxílio estrangeiro para exterminar seus turbulentos compatriotas; também hoje se estava disposto a assegurar as próprias comodidades ao preço de traição à pátria.

É ainda nessa contradição essencial que enraíza o acontecimento mais chocante da atual guerra: "a traição sistematizada".

Ajuda aqui, o conflito mundial cria um paradoxo: em uma época de exaltação do sentimento nacionalista, a traição se generaliza, assumindo proporções nunca dantes imaginadas. Conheciam-se casos isolados de reprobo assalariados para apunhalar pelas costas seus próprios irmãos, no mais nefando dos crimes. Mas foi preciso se inventar o nazismo para que fadice dessa criminalidade subisse a cifras astronômicas. O próprio crime de traição é encimado por uma aureola de parentesco ideológico, para lhe disfarçar a hediondez. A simpatia, a tolerância, a complacência para com os simpatizantes do nazismo são propagadas como sentimentos inocentes, que não sofrem a devida repulsa, por uma distinção espectral entre o pensamento e a ação. Deste modo, cria-se uma atmosfera propícia à atuação da vanguarda ativista da "quinta-coluna".

Assim foi na França. Os Dorriots, os La Roque e seguidores quebraram resistências com o opio da propaganda totalitária, acondicionando em pacotes tricolores do mais vivo nacionalismo. E, quando as hordas germanicas lançaram-se sobre a França dividida, talando seus campos, destruindo seus lares, matando seus filhos — para milhares franceses — custa a dizê-lo — os invasores eram redutores desejados que vinham salvar a França da maçonaria, do bolchevismo, do judaísmo... Na retaguarda, e no próprio teatro da guerra, a quinta coluna agia livremente, assustando os heróicos franceses, e concorrendo muito mais eficientemente para a "debacle" do que todas "panzer divisionen" da "Wehrmacht".

E, assim, num belo dia de junho, um velho marechal de França capitulava ingloriamente, em um cenário de tragédia, enchendo o mundo de tristeza e amargura.

Poderia citar outros acontecimentos impressionantes, como, por exemplo, os que se ligam a essa 2.ª frente tão falada. Mas, essa guerra está tão cheia de surpresas, que só é prudente comentar o que é "fait accompli".

Salão Nacional de 1942

(Conclusão da página 15)

e são essencialmente brasileiros. E isso é importante.

Os srs. Orlando Teruz, Augusto Guignard e outros de quem falamos ou não falamos, como o encantador Luiz Soares ou o grande Portinari, demasiadamente imitado, ou Santa Rosa, inventivo e sutil, e outros de outros tempos como o fino Telles com seus esbeltos coqueiros, impõem na sua obra uma pintura que se pode legitimamente denominar brasileira. É essa pintura que devemos

defender na hora em que imdefender na hora em que morrem brasileiros para que tenhamos o direito de sermos nós, implicando esse direito sagrado um sentido de caráter nacional que, relativamente à vida artística e intelectual, tentarei definir em outra crônica. Questão deveras vital e em que está empenhada toda a grande alma do país que artistas e intelectuais tem por missão traduzir no seu frêmito original e no que tem de distintivo, de intrépido e de imortalmente livre.

CONTRA O TERRORISMO NAZISTA

(Conclusão da 4.ª página)
e pela decência. A guerra é horrível e indesejável, todos concordamos nesse ponto. Mas não era justo que deixássemos inteiramente sobre ombros alheios a tarefa de vencer um inimigo que também é nosso. Porque a presente guerra é tão nossa como da Inglaterra, China, Rússia ou Estados Unidos. O Brasil — cujo nome é masculino — não podia ficar fazendo o papel de tímida castelã que fica fechada no castelo, enquanto o seu cavaleiro sai a combater o dragão que os ameaça a ambos. Estamos na luta, numa luta que não desejamos mas que aceitamos com coragem e determinação de vencer. E compareceremos à Conferência da Paz não como simples "simpatisantes", mas como combatentes, como colaboradores da vitória.

— Na sua opinião, qual é o nosso problema principal no momento?

— Antes de mais nada: unidade. Devemos deixar de parte todos os nossos ressentimentos pessoais e diferenças políticas. Unidade absoluta, obediência e dedicação aos homens que nos governam. Colaboração conciente e orientada. Devemos compreender que chegou a hora do sacrifício. Se for preciso, racionaremos a alimentação, o vestuário, privar-nos-emos de certos confortos — racionaremos tudo, menos a esperança na vitória, está claro. E' preciso também fugir ao derrotismo e preparar os nervos para a hora em que estivermos diretamente dentro da luta. E há uma coisa importantíssima para a qual desejo chamar a atenção dos meus amigos e compatriotas...

— Qual é?

— E' isto: Fazamos o possível para não esquecer as razões pelas quais estamos lutando, a saber: o restabelecimento no mundo do império da justiça, da liberdade e da tolerância. E se ao cabo da luta, vencido o hitlerismo, nós tivermos absorvido a sua filosofia de ódio, violência e racismo, se estivermos por força das circunstâncias transformados também em nações totalitárias, então, desgraçadamente, a vitória moral na guerra terá sido ainda de Hitler.

— Uma pergunta indiscreta...

— Faça.

— Você não era pacifista?

— Era e sou. Mas pretendo escrever um destes dias um artigo que se poderá chamar, "A Evolução de um Pacifista". Mostrarei como fui do extremo pacifismo que admitia a não-resistência, até uma atitude que tornou possível não só aceitar como mesmo desejar a guerra. E' que a experiência me mostrou que há uma espécie de guerra, de violência e de intolerância que um pacifista pode abraçar: é a guerra à guerra, a violência contra a violência e a intolerância contra a intolerância.

— Não acha que ainda há entre nós uma certa sabotagem

à nossa colaboração com as Nações Unidas?

— Acho, deploro e sou de opinião que devemos combatê-la. Naturalmente você se refere a essa sutil forma de sabotagem: a intelectual.

— Exatamente.

— Érico Veríssimo parece estar cansado de falar. Mas, agora, eu o desconheço. Ele está a minha frente, brincando nervosamente com um lapis e percebe que suas próprias palavras estão lhe provocando lembranças que jaziam de mistura com idéias anotadas e raciocinadas mentalmente, há muitos dias. Ele reflete na sua face madura a alegria interior de tê-las acordado. E continua:

— A mais comum dessas sabotagens é a que insinua que o grande perigo para o mundo são os judeus comunistas. Uma pessoa pode não aceitar o credo de Moscou, mas acho que esta não é a hora de discutir detalhes de doutrina política. Porque os russos estão com suas vidas, seu sangue e seu esforço, fazendo alguma coisa que redundará indiscutivelmente em nosso benefício.

Inclina-se para mim e diz:

— Suponhamos que o meu vizinho seja maçon, livre pensador e leitor de Marx, o eu católico, membro do Apostolado da Oração e fan de Tristão de Athayde... Nossas casas são assaltadas por um inimigo comum e meu vizinho lhe opõe uma resistência corajosa, dando tempo para que eu me prepare. Será justo que eu esqueça o grande perigo para sabotar moralmente o esforço do meu aliado e ir até a cerca discutir com ele, procurando provar-lhe que existem anjos e que ser maçon é a pior das heresias e que ler Karl Marx é o mesmo que se candidatar a um lugar no inferno? Claro que não.

O pior que podemos fazer nesta hora, em matéria de sabotagem moral, é repetir a linguagem de Hitler e Goebbels!

— Uma pergunta importante. Qual deve ser a posição do escritor, em dias como os que correm?

— O escritor não pode ficar de braços cruzados. Porque se Hitler vencer a guerra, não haverá mais no mundo lugar para os escritores livres. Mesmo os que fazem arte pela arte, devem lutar contra o nazi-nipofascismo, porque se o Eixo vencer, não haverá mais oportunidade para se fazer arte pela arte, pois todo o homem de letras terá de se sujeitar a produzir, ou melhor, fabricar uma literatura dirigida de acordo com os interesses do Führer e dos seus "gauleiters". Outra coisa: Todo o escritor tem a obrigação de fazer o que estiver no seu alcance, em benefício da coletividade. Ele é o homem de quem os leitores esperam uma palavra de esclarecimento, orientação ou pelo menos de esperança. Não acho, por exemplo, que os romancistas em épocas normais DEVAM FAZER OBRIGATORIAMENTE literatura de propaganda. Ou que tenham de

necessariamente, pertencer a partidos. Sua causa, na minha opinião, deve ser a causa humana. Não sou muito pela literatura política, mas não admiro também aquela que ignora os problemas vivos do nosso tempo, só porque eles oferecem **MATERIA ARTISTICA**. Numa hora como a presente, devemos fazer um interlúdio, uma pausa para colaborar com os outros artistas, cientistas, estadistas, soldados e com o povo na defesa de nossos sonhos e, depois, na construção dum mundo novo em que seja possível uma vida mais bela, mais rica e mais nobre.

— E que me pode dizer da sua atitude?

— E' desagradável e difícil falar a gente de si mesmo. Dizei apenas que MINHA LUTA contra Hitler começou em 1934, note bem, 34, num tempo em que era perigoso ir contra o nazismo, pois andava por aí essa toleima perversa que era chamar de bolchevista e agente de Moscou todo o cidadão que não andasse bradando histericamente: "Eu quero um Fuhrer! Eu preciso dum macho forte que me domine! Estou ansioso por vestir uma camisa e marchar em passo de ganso. Eu quero uma Gestapo! Estou ardendo por sentir no trazeiro o pontapé de bota dum "gauleiter". Heil! Ananê! Heil! Outra vez Ananê!"

A voz de Érico scôa macia, embora teatral, dentro das quatro paredes escuras do seu gabinete, onde dialogamos. Ele toma fôlego e engole em seco.

— Pois bem. Sempre dei a meus livros um sentido democrático e procurei enchê-los de espírito de tolerância e respeito pela liberdade individual. Em meados de 1940, quando a França caiu, eu estava terminando de escrever "Saga". Tudo indicava que a Alemanha vencera a guerra. Era a hora, portanto, para ficar calado ou preparar a retirada... No entanto, na última página de "Saga", você encontrará, através duma carta da personagem central do livro, a minha declaração de princípios.

— Érico Veríssimo procura um exemplar de "Saga" na sua "estante própria", mas não encontra. E' curioso isto. Ergue-se e remexe numa gaveta. Também ali não existe um "Saga". Afinal, eu lhe peço que deixe a meu cargo encontrar a carta referida. E aqui está ela:

— "Sim, eu espero e desejo uma nova ordem de coisas, um mundo reorganizado sobre bases socialistas, um mundo de justiça mais lugar para a caridade, exiliccionista de D. Dodó, e para a harmonia, em que não haja as velhacarias político-comerciais de Teotônio Leirão Leiria, ou Almiro Cambará. Mas devo dizer, também, que não posso acreditar em qualquer reforma que venha dos adoradores da violência e da guerra, dos frios exaltadores da máquina e do racismo.

"Por outro lado, não levo tão longe os meus ideais coletivis-

tas que chegue a esquecer que a maioria dos benefícios tanto morais como materiais de que a humanidade hoje goza, foram obra de indivíduos isolados que quase sempre tiveram de lutar contra a incompreensão da massa e a intolerância das instituições.

"Acho que dentro de cada homem existem territórios invioláveis em que o Estado não deve procurar intervir.

"Não creio que na vida tudo se possa reduzir a uma questão de comer, vestir e procriar. A bondade, a poesia e a tolerância são elementos que não devem faltar na construção do "novo edifício". Um mundo de máquinas e idéias estandardizadas só pode ser um mundo rígido e triste".

"Falamos com demasiado orgulho nas "conquistas do progresso" e já encontramos por aí quem cante hinos de glória à moral do lobo e pregue com impiedosa veemência a extinção dos cordeiros, afirmando que a terra se transforme num imenso campo de parada, onde haja lugar apenas para heróis e atletas, bandeiras, clarins, tambores e arrogância.

"Lá, não me lembro onde, os versos de uma canção milenar, cujo espírito devemos ter sempre em mente: "As nações vêm e se vão, os reis sobem e tombam, os milionários se fazem e são destruídos da noite para o dia, mas nós, a terra e o povo, continuamos para sempre".

Volto às perguntas e o assunto se reata de uma maneira vaga:

— De sorte que agora é lutar...

— Sim, o importante, no momento, é ganhar a guerra. Depois, tentar reconstruir e melhorar o mundo. Tarefa para gigantes, mas uma grande e bela tarefa. Você já pensou no que seria o mundo se todos esses bilhões empregados na guerra, todo o esforço inteligente e continuado de construtores, cientistas, estadistas, artistas(industriais, técnicos de toda a espécie; se todo esse capital de talento e dinheiro fosse empregado em tempo de paz, na elevação do padrão de vida, no saneamento da terra, na construção de estradas, na melhoria da agricultura, na construção de colégios, de museus de arte e hospitais? Significaria que cada habitante do mundo poderia ter uma casa para morar, uma escola para educar seus filhos, uma biblioteca para ampliar sua cultura, um carro para se locomover, enfim todos os instrumentos que um ser verdadeiramente civilizado e livre deve possuir.

— Érico terminou por me descrever esse feliz panorama do mundo do futuro, do mundo de depois da derrota do nazismo internacional, enquanto os seus olhos deitavam-se para o infinito, com a serena confiança de um homem que sabe crer, de um homem que sabe confiar na vitória do bem sobre o mal. Pensei em dar a entrevista por terminada neste momento, mas não consegui evitar um último impulso de reporter:

— E para alcançarmos essa etapa final, não lhe parece, Érico, que uma das condições essenciais é a união nacional de cada um dos povos em luta com o nazi-fascismo? Que pensa v. sobre o conagraçamento da família brasileira, sobre uma verdadeira união de todos os brasileiros firmemente dispostos a combater os nossos inimigos?

— Érico respondeu sem hesitar:

— Acho a união nacional uma das condições primordiais, senão a primordial, para vencermos. O momento não comporta mais dissidências partidárias, revivências de odios antigos, desentendimentos personalistas. Não pode haver questão pessoal quando a pátria está em perigo. Sou mesmo partidário de uma ampla anistia, de um movimento de unidade total, reunindo num só bloco todos os brasileiros sem deserminação de ordem política ou social.

E com esse autêntico hino de concordia e solidariedade, Érico Veríssimo concluiu a sua primeira grande entrevista política, embora não seja essa a primeira vez em que ele ergue sua poderosa voz contra a opressão do fascismo internacional.



Cartas dos leitores

A TENTATIVA DE ASSALTO AOS DIÁRIOS ASSOCIADOS E OUTROS MISTÉRIOS

Escrevem-nos de Dorcas de Indaia, pedindo esclarecimentos sobre o incidente provocado pelos integralistas que insuflaram o povo contra os "Diários Associados". Alegam esses leitores que as notícias por lá chegadas sobre esse incidente foram muito confusas.

Perguntam eles se os "Diários Associados" tem alguma ligação com a quinta-coluna e, se tem, porque justamente os integralistas promoveram um assalto contra alguns órgãos dessa cadeia jornalística. Aqui vai a explicação que desejamos seja extensiva a todos os leitores dos mais afastados rincões deste imenso Brasil:

Os "Diários Associados" nada tem a ver com a quinta-coluna. Por isso mesmo, quinta-colunistas de camisa verde, ludibriando o povo (uma das finalidades principais do fascismo é ludibriar o povo), tentaram provocar depredações na sede daqueles jornais.

Quanto a outros enigmas cuja decifração nos pedem os nossos leitores de Indaia, temos a dizer que tudo isto é resultante de confusões ainda bastante intrincadas e que por certo desaparecerão com o correr dos tempos.